



A.S. KING

A HISTÓRIA
DO FUTURO DE
GLORY O'BRIEN

"A. S. KING É UMA DAS MELHORES AUTORAS DA ATUALIDADE."

JOHN GREEN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A HISTÓRIA
DO FUTURO DE
GLORY O'BRIEN

A.S. KING

A HISTÓRIA
DO FUTURO DE
GLORY O'BRIEN

Tradução: Eric Novello

Para minhas meninas.

O futuro não é mais incerto do que o presente.

Walt Whitman

PRÓLOGO

O CLÃ DO MORCEGO PETRIFICADO

ENTÃO NÓS DUAS bebemos. Ellie bebeu primeiro e agiu como se o gosto fosse bom. Eu bebi logo depois. E nem era tão ruim.

Quando acordamos na manhã seguinte, o mundo estava diferente. Nós podíamos ver o futuro. Podíamos ver o passado. Podíamos ver *tudo*.

Você pode estar se perguntando:

“Por que beber um morcego?”

Ou,

“Como você bebeu um morcego?”

Ou,

“Quem faria uma coisa dessas?”

Mas não estávamos pensando nisso na hora. É como estar em um trem veloz que colide, e alguém te perguntar por que você não pulou antes da batida.

Você não pularia porque *não poderia* pular. Ele estava indo rápido demais.

E você não sabia que havia uma colisão pela frente, então por que pularia?



LIVRO UM

A ORIGEM DE TUDO

A escola segue a mesma lógica que todo o resto. Você a frequenta porque te mandaram frequentar quando era pequena o bastante para dar ouvidos. Continua porque alguém te disse que era importante. Como se você fosse um trem em um túnel. E a formatura é a luz no fim do túnel.

HIPPIES LOUCOS E ESQUISITOS

ELLIE HEFFNER ME DISSE que no dia em que se formasse abandonaria a família e fugiria para sempre. Ela me dizia isso desde que tínhamos 15 anos de idade.

“Eles são loucos”, ela dizia. “Hippies loucos e esquisitos.”

Não tinha como contra-argumentar. Ela realmente morava com hippies loucos e esquisitos.

“Pelo menos você vai voltar para me visitar?”, eu perguntei.

Ela olhou para mim, desapontada.

“Você não vai mais estar aqui ainda, vai?”

Eu tinha uma semana pela frente. Mais três dias de escola: segunda, terça, quarta, e um bacharelado opcional na sexta-feira, então um fim de semana de intervalo para, enfim, me formar na outra segunda-feira. Eu ainda recebia cartas e cartões de várias faculdades na caixa de correio toda semana. Ainda jogava cada uma delas fora sem nem abrir.

Era domingo à noite, Ellie e eu estávamos sentadas nos degraus da minha varanda, olhando para a casa dela, que ficava do outro lado da rua.

“Eu não sei”, respondi. “Não faço ideia de onde estarei.”

Não podia contar a ela a verdade sobre onde pensava que estaria. Quase fiz isso algumas vezes, momentos de fraqueza em que o medo me dominou. Quase contei tudo a ela. Mas Ellie era... Ellie. Desde que éramos pequenas, ela mudava as regras do jogo no meio do caminho. Você não conta seus maiores segredos de repente para alguém assim, não é mesmo?

Mas prosseguindo... faltava uma semana para eu me formar. Eu tinha zero planos, zero opções e zero amigos. Mas não contei isso a Ellie porque ela pensava que era a minha melhor amiga. Era complicado.

Sempre foi complicado. Sempre seria complicado.



A ORIGEM DO MORCEGO

O MORCEGO VIVIA na casa da Ellie. Nós o vimos pela primeira vez num fim de semana em fevereiro. Ela apontou para o pequeno volume peludo aninhado no canto da varanda dos fundos e disse:

“Olha ali, um morcego hibernando.”

Nós o vimos novamente em março e ele não tinha se movido. Conversamos sobre o despertar vindouro do morcego e como em breve ele voaria sobre a superfície da lagoa de Ellie, comeria insetos recém-eclodidos e tocaria as pontas de suas pequenas asas na água.

Mas a primavera chegou e o morcego não se moveu, não foi embora e não parecia estar se alimentando de nenhum dos saborosos insetos da lagoa da vizinhança. Um dos seus cotovelos – se é que morcegos têm cotovelos – se destacava um pouco, como se estivesse quebrado ou algo do tipo. Conversamos sobre como aquilo podia ser um machucado ou um defeito de nascença.

“Da mesma forma que não consigo dobrar esse dedo para baixo completamente desde que o quebrei”, disse Ellie, me mostrando seu indicador da mão direita.

A vida na comunidade de Ellie era diferente. Eles começavam a usar martelos antes de aprender a andar. Não tinham nada de plástico. Se balançavam em um balanço que tinha uma tábua de madeira como assento, brincavam no lago congelado sem a supervisão de um adulto e tinham tarefas rotineiras que envolviam animais. Ellie cuidava das galinhas. Uma vez, aos 7 anos, ela martelou e quebrou o dedo enquanto tentava pôr a maçaneta da porta do galinheiro de volta no lugar.

Eu estava convencida de que o morcego já havia saído da hibernação e simplesmente se aninhava ali até de noite, sempre no mesmo lugar sob as cornijas da varanda dos fundos. Se fôssemos minimamente espertas, teríamos esperado até o sol se pôr naquela noite para observar o morcego sair e assim saciar nossa curiosidade sobre ele, mas não foi o que fizemos. Ellie tinha tarefas da comunidade e um namorado secreto. Eu estava de saco cheio da escola e já tinha enrolado o máximo que podia e agora precisava fazer o dever de casa. Estávamos felizes acreditando que o morcego estava bem.

Quando nos encontramos na segunda-feira de Páscoa no final de abril, o morcego ainda estava lá, cotovelo apontado para o horizonte ao leste, como estivera desde o inverno. Ellie encontrou um graveto e o cutucou, e então cheirou o graveto.

“Não está fedendo”, ela disse. “E não tem moscas nem nada parecido.”

“Morcegos têm pulgas?”, eu perguntei. “Ouvi dizer que eles transmitem pulgas, carrapatos e outras coisas nojentas.”

“Acho que ele está morto.”

“Não parece morto.”

“Também não parece vivo.”

Ela o cutucou de novo e ele não se moveu. Então ela cutucou com o graveto pela lateral, onde poderia forçar o morcego inteiro a sair dali com um empurrão, e ele caiu em cima dos lírios de verão da sua mãe, que estavam brotando. Ellie enfiou a mão na área verde-limão e puxou aquela coisa esquisita – perfeitamente intacto, ainda peludo, ainda com olhos, ainda com as asas de papel fino, dobradas como se estivesse descansando.

Nós nos inclinamos e olhamos para ele.

“Está petrificado?”, perguntou Ellie.

“Está mais para mumificado.”

Ela ignorou minha correção e colocou o morcego na mesa de piquenique, entrou em casa e pegou um pote de conserva. Tirei uma foto do pote. Pensei em um nome para a foto: *Pote vazio*.

“É tão leve”, disse Ellie, pesando o morcego em sua palma. “Você quer segurá-lo antes que eu o coloque aqui dentro?”

Estiquei minhas mãos. Ela o colocou na minha palma e nós olhamos para ele. Apesar de estar morto, Ellie parecia vê-lo como um novo bicho de estimação perdido que precisava de uma mãe ou algo assim. Quando o coloquei no pote, ela selou a tampa, o ergueu e disse:

“Eu o batizo de morcego petrificado! Ouçam-me, ouçam-me, o morcego petrificado é rei!”

“Pode ser uma rainha”, eu disse.

“Tanto faz.” Ela o inspecionou através do vidro. “Está vivo e morto ao mesmo tempo, ou algo assim.”

“Sim.”

“É o mais próximo que eu já estive de Deus.”

“Amém.”

Ela estava sendo sarcástica, porque Ellie dizia coisas assim de vez em quando e isso era irritante. Porque tínhamos 17 anos e aquilo era estúpido, nós duas encontrando um morcego e agindo como se fosse algo especial. Era o que crianças de 9 anos faziam. Mas então algo sério me ocorreu. Eu disse:

“Espere um minuto. Deixa eu ver isso.” Ellie me passou o pote e, enquanto eu olhava para ele – um pequeno amontoado de pele mumificada – eu disse, “Talvez ele seja Deus.”

O morcego estava morto, mas, de alguma forma, ele representava a vida porque parecia vivo. Ele era misterioso e óbvio, tudo no mesmo pacote vazio e leve.

“Vamos colocá-lo no galpão”, disse Ellie. “Minha mãe nunca o encontrará porque é lá que mantemos os produtos de limpeza.”

A mãe da Ellie não acreditava em faxina.

Minha mãe estava morta, e eu não tinha ideia se ela tinha sido obsessiva por limpeza ou não.



A BALADA DE DARLA O'BRIEN

MINHA MÃE NÃO ESTAVA convenientemente morta, como em tantas histórias sobre crianças que engarrafavam morcegos ou que eram atraídas até bestas que viviam em castelos nos bosques. Ela não morreu para me ajudar a superar algum obstáculo ou para me tornar um personagem mais fácil de simpatizar.

Ela me assombrava – e não de uma forma corriqueira e hollywoodiana. Não havia lençóis flutuantes nem correntes estalando à noite enquanto eu ia ao banheiro na ponta dos pés para fazer xixi.

Minha mãe, Darla O'Brien, tinha sido uma fotógrafa. Ela assombrava as paredes da casa com fotos. Ela estava sempre lá e nunca estava. Podíamos nunca vê-la, mas víamos as fotos dela todos os dias. Ela era uma grande fotógrafa, mas nunca ficou famosa porque não morávamos em Nova York. Pelo menos era o que ela dizia.

Morrer também não a deixou famosa. Independentemente disso, ter uma mãe morta não é conveniente, especialmente quando ela morreu porque enfiou a cabeça no forno e abriu o gás. Isso não é nada conveniente.

Contudo, creio que existe alguma conveniência em ter uma máquina da morte bem ali na sua cozinha, à disposição no momento em que você finalmente arruma coragem de usá-la. Diria que é mais conveniente do que um *drive-thru* de lanches. Afinal, você nem precisa sair de casa para enfiar sua cabeça no forno. Você nem tem que tirar o seu roupão de banho.

Não precisa nem mesmo levar sua filha para a pré-escola quando é o *Dia da Letra N* e ela está pronta para te mostrar sua coleção de nozes. Você não precisa se lembrar de fazer nada além de inspirar e expirar. Mais conveniente impossível.

O que é inconveniente: viver em um mundo onde ninguém quer falar com você sobre a sua mãe morta porque isso os deixa desconfortáveis. O que é inconveniente: não ter uma mãe ao se formar no ensino fundamental. Não ter uma mãe quando eu tentei entender como raspar as axilas. Não ter uma mãe quando menstruei pela primeira vez. Meu pai foi útil; mas ele é um feminista, e não uma mulher de verdade.

Sempre soube que um dia seria inconveniente pra caramba não ter uma mãe na formatura do ensino médio. Nas semanas finais do meu último ano, todas as garotas da minha sala falavam sem parar sobre comprar vestidos e sapatos e eu só conseguia pensar em quão pequenas essas coisas me pareciam.

Ficava lá sentada na sala de aula pensando: *sapatos, vestidos, bobagens descartáveis*. Ficava lá sentada na sala de aula pensando: *para onde estou*

realmente indo, afinal de contas?

Embora minhas obrigações como fotógrafa do livro de formatura tivessem acabado porque o livro daquele ano estava pronto, eu ainda carregava a minha câmera comigo para todo lado. Tirei fotos informais daquelas garotas conversando sobre seus vestidos e sapatos. Tirei fotos dos meus professores tentando dar aula para salas praticamente vazias. Tirei fotos das pessoas que pensavam que eram meus amigos, mas com quem eu nunca havia me aberto completamente.

Não deixei ninguém assinar meu livro de formatura. Tomei uma decisão: por que fingir?



TUDO TINHA GOSTO DE RADIAÇÃO

ELLIE NÃO IA PARA a escola pública comigo desde que terminamos o oitavo ano e, nos quatro anos que se seguiram desde então, ela me disse cerca de onze trilhões de vezes que “*Estudar em casa é mais rápido porque não tem ninguém repetindo tudo o tempo todo*”. Talvez fosse verdade. Talvez não. Para mim, parecia que a decisão de estudar em casa era só outra maneira de impedir todas aquelas crianças da comunidade de ver o mundo real.

Eu não gostava do mundo real, mas gostava de ficar por dentro dele. Darla O'Brien também não gostava do mundo real, então ela enfiou a cabeça no forno. Meu pai amava o mundo real. Ele consumia tudo. Literalmente. Ele pesava 108 kg agora. O que não seria um peso ruim, se você não tivesse só 1,64 m de altura e antes pesasse 54 kg.

Meu pai nunca substituiu o forno. Nem mesmo por um elétrico. Nossa cozinha nunca mais teve um forno desde o *Dia da Letra N*. Apenas um freezer cheio de comida que podia ser preparada no micro-ondas. Tudo tinha gosto de radiação. Ellie não vinha em casa se estivéssemos cozinhando porque ela acreditava que o micro-ondas causava câncer. Ela não conseguia entender por que não tínhamos um forno enorme como eles na comunidade – um forno que servia para fazer salmoura, escaldar e reduzir frutas em compotas para o inverno.

“Uma coisa dessas não pode acontecer duas vezes, certo?”, ela disse uma vez. Por *uma coisa dessas* ela queria dizer Darla enfiar a cabeça no forno.

“Não. Acho que *não* poderia acontecer duas vezes”, eu respondi.

Mas poderia, certo? Ainda havia duas pessoas sobrando na casa. E eu era uma delas. Só de pensar no que Ellie havia dito, me dava dor de barriga. Às vezes eu chegava a ter diarreia. Às vezes eu vomitava. Não era tão simples quanto *isso não pode acontecer duas vezes*. Qualquer um que soubesse algo a respeito de Darla saberia que às vezes essas coisas *acontecem* duas vezes porque frequentemente é hereditário. Mas Ellie dizia coisas assim sem pensar. Isso também era hereditário.

A mãe de Ellie, Jasmine Blue Heffner, acreditava que o forno de micro-ondas não era diferente de uma bomba atômica, afinal ele tinha sido inventado por fornecedores da área de defesa durante a Segunda Guerra Mundial.

Na época em que Ellie se candidatou a vagas nas universidades, eu imaginei que ou ela seria mais esperta do que eu por aprender *muito mais rápido* em casa, ou ela teria sido tão afetada pela lavagem cerebral de Jasmine Blue que ela tiraria notas péssimas no exame por acreditar que um forno de micro-ondas

equivalia a uma bomba atômica.

Ellie podia até defender o *homeschooling* para mim, mas no fundo ela sabia o que estava perdendo. A partir do dia em que parou de pegar o ônibus amarelo da escola comigo, ela começou a reclamar da comunidade. Era como se a escola fosse sua única conexão com o mundo real, e cortá-la a fez se sentir como um pássaro em uma gaiola.

Ela perguntava o que as outras garotas estavam vestindo na escola, perguntava sobre maquiagem, garotos, programas de TV, redes sociais, danças, jogos esportivos. Na maior parte das vezes, ela perguntava sobre sexo, embora tivéssemos acabado de completar 14 anos de idade.

“Teve aula de saúde hoje?”, ela perguntou.

“Sim.”

“Já rolou a demonstração de como usar camisinha?”

“Hoje aprendemos sobre metanfetamina.”

Disse a ela que só havia aulas sobre educação sexual depois do décimo primeiro ano, e ela pareceu desapontada.

“Acho que é muito tarde para aprender sobre sexo.”

“Sim. Até lá já saberemos de tudo”, eu concordei.

Sabíamos o suficiente. Eu tinha internet em casa. (Ellie não tinha internet. Jasmine Blue acreditava que a internet era uma bomba atômica cheia de pornografia e mentiras. Necessariamente nessa ordem.) No quinto ano, nós pesquisamos no Google. Primeiro pesquisamos *pênis*. Procuramos as imagens. Foi nesse dia que descobrimos o pênis de manteiga. Um pênis esculpido em manteiga, anatomicamente correto. Fizemos piadas sobre isso. *Qual a utilidade disso se vai derreter? Aposto que o gosto é melhor que o de verdade.* Nós perguntamos por que alguém esculpiria um pênis de manteiga. Mas então encontramos bolos em formato de pênis, moldes para velas de pênis e pirulitos de pênis, e percebemos o quanto os adultos eram nojentos. Foi só até aí que chegamos no quinto ano. Adultos eram nojentos. Nada mais do que isso.

Naquele dia fizemos uma promessa: contaríamos uma para outra assim que tivéssemos uma relação sexual. No quinto ano, nós duas duvidávamos que isso aconteceria algum dia, mas, se acontecesse, juramos contar uma para a outra e conversar a respeito.

No ensino fundamental, antes de sair da escola, Ellie se tornou uma especialista, como se estivesse se preparando para o evento mais importante da sua vida. Ela pedia que as amigas lhe comprassem as revistas femininas mais recentes, e falava sobre orgasmos, bolas e *como agradar seu homem*. Às vezes ela me dava as revistas para eu guardá-las. Eu tinha uma caixa com seu contrabando debaixo da minha cama. A maioria das coisas eram revistas e sombras para os olhos, mas também tinha uma camisinha que um garoto qualquer tinha dado para ela, um caderno do jornal de fim de semana com uma página sobre dançarinas exóticas, com nomes como *Leather Love*, *Lacey Snow*, *Shy-Anne*, que dançavam nos bares locais de *lap dance*. Às vezes eu também folheava as revistas. Na frente da Ellie, eu fingia não estar interessada. Mas estava...

Na frente dos outros, fingia que não ligava para todos esses assuntos com

os quais as garotas começavam a se importar no ensino fundamental – as roupas certas, sapatos, maquiagem, produtos para o cabelo, sexo... Mas eu me importava. Eu estava interessada no *porquê*. *Por quê? Por que nos importamos tanto com isso?* Não sabia ao certo por que me importava em não me importar. Ou por que eu não me importava em não me importar. Percebi que tinha algo a ver com o assunto que todo mundo evitava falar, isto é, Darla. Talvez se Darla ainda estivesse por perto, ela teria me dado uma direção. Ou algo parecido.

As aulas de educação sexual de Jasmine Blue se resumiam a um simples mantra: *Se você fizer sexo cedo demais, vai se arrepender*. E eu notava que, mês após mês, Ellie ficava mais curiosa, mais rebelde, e mais determinada a fazer sexo só porque queria testar a teoria de Jasmine.

“Qual será a sensação?”, ela me perguntou, embora soubesse que me deixava desconfortável ao falar sobre o assunto. Acho que ela pensava que por ter 14 anos e estar curiosa, eu também estava.

“Não sei. Realmente não me importo.”

“Não se importa? Sério? Para com isso. Você se importa.”

Eu não dava a mínima.

“E aquele garoto do ônibus que você costumava ter uma quedinha? Nunca pensou em transar com ele?”, ela insistiu.

“Markus Glenn?”

“Uhum.”

“Não se lembra? Ele era um baita pervertido.”

Ela ficou cutucando uma unha que estava lhe incomodando.

“O que ele fez mesmo?”

“O garoto pornô.”

“Ah é! Ele... E aí, de quem você tá a fim agora?”

“De ninguém.”

Nunca contei para ela que depois de me mostrar aquelas imagens no seu computador, no sétimo ano, Markus Glenn me pediu para tocá-lo no lugar onde seu short estava armado que nem uma barraca. Quando não o toquei e disse que ia para casa, ele falou: *Você nunca vai ser uma mulher de verdade agindo desse jeito, sabia? E, aliás, você é reta que nem uma tábua!*

Também não disse a ela que, daquele momento em diante, eu nem quis mais ter peitos porque não queria que garotos como Markus Glenn olhassem para eles. Não contei a ela que, daquele momento em diante, às vezes eu não sabia qual deveria ser realmente a aparência de uma mulher.

“Você gostou só de um garoto sua vida inteira? Não caio nessa.”

“Eu já te disse. Não me importo.”

Peguei minha câmera, estiquei o braço e tirei uma foto minha não se importando. Eu a batizei de: *Glory Não Dá a Mínima*.



O SISTEMA DE ZONAS

NOS ÚLTIMOS DIAS, todo mundo na escola fazia pose. Antes disso, eu os flagrava trabalhando em suas mesas, ou pesquisando no laboratório de computação, ou lendo na biblioteca. Eles nunca levantavam a cabeça para olhar em volta. Na segunda-feira, restando somente três dias de aula, eles faziam caras engraçadas. Na terça, eles se abraçavam de monte. No último dia de aula para os formandos, a quarta antes da formatura, todo mundo olhava direto para minha câmera e sorria, ou agarrava os amigos e agia como se nunca mais fossem se ver – como se nunca fosse haver uma reunião de turma, como se fôssemos todos morrer no dia da colação de grau. Você podia ver o medo em seus rostos, disfarçado pela alegria, mas estava lá. Eu tirei uma foto atrás da outra, muito embora não planejasse compartilhar nenhuma delas.

“Tira da gente! Tira da gente!”, disse um grupo de meninas da banda de jazz. *Clic.*

“Pode tirar uma da gente também?”, pediram os caras do treinamento vocacional que estavam por perto. *Clic.*

“E aí, Glory! Tira uma da gente, pode ser?”, as líderes de torcida do futebol americano se amontoaram. *Clic.*

Caminhando para o refeitório pela última vez, encontrei três garotas que nunca gostaram de mim por causa do adesivo colado no carro do meu pai, que dizia: *Feminismo é a noção radical de que mulheres são pessoas.* No décimo primeiro ano, uma delas, inclusive, havia dito que isso tinha me feito parecer uma lésbica.

“Último dia no refeitório! Vem pra cá. Tira uma foto da gente comprando nossa última porcaria de comida do ensino médio.”

Eu tirei. Mas elas não sabiam que eu havia mirado em seus pratos cheios de nuggets de frango, batatas encharcadas e maçaroca de salada de macarrão, em vez de focar em seus rostos estúpidos.

Isso podia fazer parecer que eu era popular, e com a minha câmera eu era mesmo. Minha câmera me mantinha segura. Me mantinha bem na fita com as pessoas que queriam uma foto de si mesmas. Me mantinha atrás da câmera em vez de na frente dela. Eu cheguei até a *pular* a única foto de grupo em que eu deveria estar no livro de formatura. Eu também escapei da foto oficial dos formandos. Em vez disso, enviei um autorretrato com os olhos fechados. Tive que brigar para eles a aceitarem. Por sorte, a única influência que eu tinha na escola era sobre o responsável pelo livro de formatura.

A foto se parecia comigo, *morta*. Eu me interessava pela morte do jeito

que Ellie se interessava por sexo. Acho que quanto menos os adultos falavam com a gente sobre as coisas, mais queríamos saber a respeito delas. De qualquer forma, eu sabia que um dia a foto faria sentido, porque todo mundo morre.



Ganhei minha primeira câmera da minha mãe quando fiz 4 anos. Não tinha permissão para usar, mas era minha... para o futuro, que, olhando para trás, é uma ideia bizarra quando a mãe de alguém não sobrevive até seu aniversário de 5 anos. Mas, enfim. Era uma Leica M5 muito simples numa capa de couro. Não era uma câmera digital. Darla O'Brien acreditava em filme. Ela acreditava em emulsão e halogeneto de prata. Acreditava em algo chamado *Sistema de Zonas*, desenvolvido por dois fotógrafos chamados Ansel Adams e Fred Archer, por volta de 1940.

O Sistema de Zonas dividia os tons de uma fotografia preta e branca em onze zonas entre o branco absoluto e o preto absoluto. O desafio era tirar uma foto que apresentasse todos os onze tons. Branco absoluto era 10. Preto absoluto era 0. Branco absoluto era estourado. Preto absoluto era o nada. *Preto absoluto* era o meu código para a morte. *Preto Absoluto* era como eu chamava em segredo o morcego petrificado porque eu era meticulosa demais para dizer que algo era o que não era. O morcego não estava petrificado. Minerais não haviam substituído suas células. Ele estava simplesmente morto. Zona 0. *Preto absoluto*.

Meu único arrependimento foi nunca ter fotografado o morcego antes de o bebermos. Ele daria uma foto e tanto – tantas zonas representadas, alinhando-se perfeitamente, esculpindo-se na emulsão. Ela teria me representado. Glory O'Brien, leve como uma pena. Glory O'Brien, presa num pote de conserva. Glory O'Brien, enganando todo mundo parecendo viva quando na verdade eu estava me desintegrando. Glory O'Brien, asas dobradas, sem voar. Eu fotografei o pote, a mesa de piquenique, Ellie olhando para os olhos mumificados do morcego, mas nunca tirei uma foto do morcego em si. Talvez isso significasse algo. Talvez não. Você decide.

Talvez eu estivesse evitando a morte da mesma forma que estava obcecada por ela.

Humanos são bizarros, certo? Somos contradições ambulantes. Somos a zona 10 e a zona 0 ao mesmo tempo. Não temos realmente certeza. Ou pelo menos eu não tinha. Mas isso era um segredo.

Eu amava o desafio do Sistema de Zonas, mas nunca o havia tentado. A câmara escura de Darla era proibida. Era um santuário de cheiro pungente no porão onde moravam seus segredos. E quanto mais meus próprios segredos emergiam, mais eu queria entrar no quarto escuro dela e comparar nossas anotações.

Será que ela também tinha aqueles ataques de pânico vertiginosos? Seria um sinal?

E quanto a não querer fazer amigos? Sobre não confiar em pessoas em geral? Isso era normal? E quanto a se sentir perdida no mundo? Perdida em meu próprio futuro?

O que dizer da minha curiosidade sobre o que ela havia feito a si mesma? Por que havia feito aquilo? Por que ela havia selado a porta da cozinha com toalhas molhadas para me poupar do gás?

Ela realmente queria me poupar? Era essa a sensação de ser poupada?



PEITOS

PRETO ABSOLUTO ME deixaria mais próxima de Deus do que qualquer um já havia feito. No seu devido tempo.

Até então, ninguém havia me convencido de que existia um Deus de verdade. Nem o padre que enterrou minha mãe quando eu tinha 4 anos, nem a minha tia Amy, que tentou me iniciar no catolicismo após a morte de Darla.

Porque nenhum deus faria a minha mãe colocar a cabeça dela no forno.

Não comigo dentro de casa. Não no *Dia da Letra N*. Nenhum deus deixaria meu pai sofrer a ponto de acabar parecido com um balão de ar quente peludo. Nenhum deus o faria pilotar um daqueles carrinhos automáticos no supermercado como as pessoas mais velhas fazem por que seus joelhos doem demais para caminhar.

Ele tinha somente 43 anos.



Eu tinha 17 quando bebi o morcego com Ellie. Dezesete é a idade média da primeira relação sexual de alguém nos Estados Unidos. Não sei ao certo qual é a idade média para ingestão de morcegos. A idade média para uma gravidez nos Estados Unidos é por volta dos 25 anos, que foi quando meu pai e Darla me tiveram. Mas nada além disso em relação a Darla e meu pai ficava na média.

Darla era uma fotógrafa quase famosa. Meu pai, antes de sua atual encarnação como o homem do carrinho automático no corredor dos congelados, era um pintor. Eles construíram nossa casa com o dinheiro que Darla herdou de sua mãe depois que ela morreu de câncer não causado por forno micro-ondas em 1990. Darla herdou \$860.000, o que era um bocado de dinheiro. Sua irmã, Amy, herdou a mesma quantia e torrou tudo em coisas fúteis: uma cama de bronzeamento artificial, viagens ao México, peitos maiores, sapatos, muitos sapatos...

Como irmãs, elas eram tão diferentes uma da outra quanto Helena de Troia e Clitemnestra. Infelizmente, a irmã imortalizada nesse caso estava distraída demais com as liquidações da Macy's para começar a Guerra de Troia ou lançar milhares de navios ao mar.

Após a morte de Darla, a tia Amy passou anos tentando me convencer a fazer Primeira Comunhão em um lindo vestido branco. Ela tentou me ensinar sobre confissão e pecado, sobre a Virgem Maria, mas tudo que eu enxergava

quando ela me falava sobre catolicismo eram seus peitos esquisitos, redondos e trêmulos de silicone. Ela sempre vestia camisas decotadas.

Mesmo quando se vestia para vender Deus a menininhas órfãs de mãe.



Amy nunca mais apareceu. Eu não esperava um cartão de parabéns pela formatura ou nenhum tipo de presente dela, embora ela ainda enviasse cartões de aniversário – geralmente com temas exageradamente femininos que me faziam querer vomitar. Amy sempre arrumava um jeito de exagerar, porque aos 12 anos eu disse a ela que era feminista, e ela disse que meu pai havia feito lavagem cerebral em mim, me transformando numa espécie de *semimenino*. O que era uma bobagem. Eu não era um *semimenino*. Continuava sendo eu mesma. Só queria que a tia Amy recebesse o mesmo salário que um homem se algum dia ela mexesse sua bunda preguiçosa e arrumasse um emprego. Por que todo mundo confundia tanto essa palavra?

Meu pai não tinha feito lavagem cerebral em mim; eu era simplesmente uma pessoa *consciente*. E pelo andar da carruagem ao meu redor no ensino médio, eu estava em minoria. Ellie me disse uma vez que os anos do feminismo haviam acabado.

“Que diabos isso quer dizer?”, perguntei.

“Quer dizer que isso é muito anos 1970. Século vinte.”

Eu a olhei de cima a baixo.

“E comunidades hippies são bem século vinte e um, né? Fala sério!”

“Você entendeu o que eu quis dizer. Já foi. Nós conseguimos o que queríamos. Não precisamos mais lutar.”

Me lembro exatamente do que respondi naquele dia quando ela falou isso. Eu disse:

“Estudar em casa está te deixando burra.”

Mas não era o *homeschooling*. Ela só disse o que a maioria das pessoas pensa.



NEM SEMPRE FUI a fotógrafa do livro de formatura. Eles me pediram para assumir na metade do último ano. A Sra. Ingraham, conselheira do livro de formatura, disse que havia percebido que eu tinha o olho bom. Ela não mencionou por que havia notado isso. Não mencionou que eu podia ter herdado meus olhos de Darla-cujos-olhos-não-enxergavam-mais.

“John Rislra foi expulso”, a Sra. Ingraham me explicou.

“Ouvi falar.” Ele era um plagiador em série. Todos nós sabíamos que isso acabaria acontecendo.

“Será que você gostaria de ser a nossa fotógrafa do livro de formatura durante o resto do ano?”

“Claro. Mas não quero fazer parte do clube.”

“Mas... Eu...”, ela gaguejou.

“Só quero tirar as fotos”, continuei. “Só isso. Nada de clube.”

“Tudo bem”, ela concordou. “Isso seria ótimo.”

Meu pai forneceu a câmera, uma digital. Para me acostumar com uma digital, tentei fotografar todas as fotos do livro de formatura usando o Sistema de Zonas. Foi totalmente possível. Só porque havia sido inventado por dois caras que costumavam fazer a sua própria emulsão e passá-la em pratos de vidro de 50 × 60 centímetros nos anos 1940, isso não significava que o Sistema de Zonas não podia ser usado por alguém com qualquer tipo de câmera. Tudo era uma questão de exposição.

Enquanto todo mundo da minha idade mantinha suas câmeras na configuração automática, eu desencavei o antigo medidor de luz manual de Darla. Um medidor de luz era capaz de te indicar em que zona caíam todos os elementos de uma cena. Pontos luminosos – espuma de cachoeira, reflexos, um urso polar – eram números altos. Sombras – buracos, água escura parada, enguias sob a superfície – eram números baixos. Você precisava deixar a luz entrar na câmera do jeito certo. Precisava medir: encontrar os pontos escuros e os claros do seu objeto de foto. Você tinha que colocá-lo no contexto certo: alterar manualmente a velocidade do obturador ou a abertura para ajustar a quantidade de luz que atingia o filme, ou, no meu caso, para o anuário, que atingia o microchip. Você não queria estourar as áreas mais luminosas, e tinha que dar às sombras todos os detalhes possíveis, encontrando as áreas de preto absoluto e então fotografando-as três zonas mais claro. Ao fotografar as áreas mais escuras três zonas mais claro, você transformava um preto chapado, uma zona 0 de preto absoluto sem vida em uma zona 3.

Acho que, na vida, a maioria de nós fazia isso o tempo todo. Você essencialmente chamaria a mulher no forno de infeliz e frustrada. E diria que a família deixada para trás estava *de luto*. Diria que eles estavam *aguentando firme* ou que estavam *lidando com isso muito bem*.

Tudo tem a ver com os detalhes no Sistema de Zonas. Então, se você fotografar uma zona 0 como uma zona 0, não há nada que possa fazer em sua revelação que trará qualquer detalhe àquela zona. Ela é preto absoluto. Não resta emulsão no negativo. Tudo o que você tem é um plástico vazio.

E era assim que eu me sentia em relação à Darla: como um plástico vazio.

“Poxa, Cupcake, não é tão ruim assim”, meu pai me dizia. Me pergunto se foi isso que ele disse para a mamãe no *Dia da Letra N*. Me pergunto se o seu medidor de luz estava desligado. Se ele acidentalmente estava lendo 3 onde havia zeros. Ou se lia de propósito. Você escolhe.

Meu pai se tornou recluso, exceto por suas excursões ao mercado, que geralmente aconteciam entre duas e quatro horas da manhã em uma noite qualquer da semana. Ele não parecia pensar mais em arte. Agora ele só ficava no sofá, fazendo ligações o dia inteiro e trabalhando no seu notebook. Era pago para ajudar pessoas com seus problemas de informática. Sempre tive esperanças de que no fundo do seu cérebro ele estivesse preparando uma série de pinturas no estilo expressionista alemão de fornos domésticos a gás e que um dia ele as pintaria.



Após a escola na quarta-feira – o último dia de aula antes da formatura –, fui visitar Ellie com minha câmera para lhe mostrar as fotos que havia tirado naquela semana, dos garotos posando para mim como se fossem astros de cinema.

Enquanto andava pela estrada, notei que não havia ninguém por perto na comunidade, o que era estranho, já que um monte de gente morava ali: três famílias no celeiro, duas na antiga cabana de caça na parte de trás, duas na feiosa casa pré-fabricada azul, e tinha também os *trailers*, três ou quatro deles, com uma família em cada um. É claro que Jasmine vivia na melhor casa – a antiga casa da fazenda – com Ellie e Ed Heffner, o pai de Ellie, que eu raramente via, por ele ser um eremita.

Ellie dizia que ele era tímido. As poucas vezes em que o vi, contudo, ele só pareceu irritado. E eu não sabia que motivos ele teria para ficar irritado. Meu pai dizia que nenhum deles trabalhava. Eles tiravam seu sustento da terra e se viravam sem ter nenhum emprego, o que parecia o paraíso pra mim. Meu pai dizia que eles eram não consumistas e quando perguntei o que aquilo significava, ele disse que eles não queriam comprar nada.

Quando encontrei Ellie, notei que havia algo de errado com ela, mas quando perguntei, ela só respondeu:

“Estou bem.”

Não insisti porque eu realmente não me importava. Ellie vestia uma

camisa hippie com os botões abertos até a fronteira da zona de perigo, assim como Jasmine também usava. Podia até apostar que era uma camisa da mãe. Talvez a sugestão de sabotá-la até aquele ponto também fosse de Jasmine... ao mesmo tempo em que ela pregava: *se você fizer sexo cedo demais, vai se arrepender.*

Ellie não estava se formando comigo, então eu não podia comemorar oficialmente meu último dia de escola com ela, mas mostrei as fotos na minha câmera.

“Quem é esse?”, ela perguntou, apontando para o garoto alto da banda de jazz.

“Travis alguma coisa. Johnson. Travis Johnson.”

“Nossa. Ele cresceu!”

“E essa é a Morgan.” Eu mostrei, apontando para nossa velha companheira de ônibus.

“Caramba! Ela é punkrock. Quem diria?”

“Não é mesmo?” Morgan era uma *geek*. Então ela encontrou Joey Ramone.

“Esse é o Danny?”, Ellie perguntou. Danny era seu *crush* secreto do oitavo ano. Na foto, a namorada dele o abraçava e beijava seu pescoço.

“O próprio.”

“Hum. Não sei por quê, mas ele não é mais tão bonito.”

“Sim. Muita coisa mudou desde o oitavo ano.”

“Então hoje é seu último dia?”

“Sim.”

“E por que não saiu pra comer no McDonald’s, na lanchonete ou em qualquer lugar do tipo pra comemorar? Tipo... as coisas normais que os formandos fazem?”

Meu clube do anuário tinha me convidado para ir à lanchonete. Mas eu queria ir para casa de ônibus pela última vez. (Tirei uma foto do interior do ônibus depois que todo mundo, exceto eu e um menino chamado Jeff, desceu. Eu a chamei de *Ônibus vazio*.)

“Nã... Só estou feliz de ter acabado.”

“Por quê? Você tem ignorado todas aquelas cartas de faculdade, não tem? Por que ficar feliz que uma coisa acabou se não tem nada para vir em seguida?”

Olhei para ela e franzi a testa.

“Não sei...”

“Oh...”

“Vou descobrir.”

“Vai sim.”

Avancei na galeria de fotos da minha câmera e lhe mostrei o *Ônibus Vazio*.

“O que é isso?”

“É o ônibus vazio. É, tipo, a última coisa vazia que tem a ver com escola, sabe... De repente, algum tipo de prova de que não tenho mais que ir pra lá. Não sei... Mas eu sabia que tinha que tirar essa foto hoje.”

“Minha mãe falou que eu vou me formar no meio do verão, mais ou menos”, Ellie disse. “Eles me enviam um diploma de verdade e tudo mais.”

“Que legal”, eu respondi. Mas eu tinha certeza de que ela estava mentindo.



PARASITAS OBRIGATÓRIOS NÃO CONSEGUEM VIVER SEM UM HOSPEDEIRO

NA MANHÃ SEGUINTE, meu primeiro dia de nunca-mais-terei-que-ir-à-escola, fui visitar Ellie. Quando atravessei a estrada, me senti subitamente estranha com aquilo. Me perguntei, *Por que eu sempre vou na Ellie?* Respondi dando de ombros. *Eu não sei por que você vai pra casa da Ellie. Você sempre vai pra casa da Ellie. Não tem mais nenhum lugar para ir.*

Eu a encontrei na varanda dos fundos, amuada.

“Ontem à noite minha mãe disse que talvez eu só me forme em dezembro. Ela disse que eu não devia apressar a coisa mais importante da vida.”

“É por isso que tem andado tão irritada?”

“Sim... E também outras coisas.”

“Tem a ver com namorado?”

“Talvez.”

O namorado da Ellie se chamava Rick. Ele tinha 19 anos e vivia na comunidade desde os 7; costumávamos chamá-lo de Ricky. Ele se gabava de já ter feito sexo até dizer chega, mas Ellie e eu não conseguíamos imaginar onde nem como, já que a comunidade era pequena e não era como se houvesse tantas opções de meninas para se fazer sexo.

“Ele está agindo de um jeito estranho. Como se não gostasse mais de mim...” Ela esperou um segundo para ver se eu diria alguma coisa e, como eu não disse, ela prosseguiu: “E algumas crianças estão com piolhos e eu não suporte piolhos.”

“Que droga”, foi só o que eu pude dizer, porque piolhos na comunidade eram mais comuns do que arbustos de lavanda, tricô ou arroz basmati. Mas recuei. Acho que essa é uma reação humana natural nesses casos.

Ellie fez uma cara feia.

“Ei! Eu não tenho piolho, não! Caramba!”

“São piolhos. Eles pulam. Aprendi isso na aula de saúde.”

“Piolhos não pulam!”

“Ah!”, exclamei, ainda mantendo a minha cabeça pelo menos a um metro da dela.

“Pulgas pulam. Piolhos rastejam.”

Ela disse isso como se fosse o assunto mais normal do mundo para se conversar. *Pulgas pulam. Piolhos rastejam.*

“Você não pode me culpar por não querer pegar piolho”, eu disse.

“Quem quer pegar piolho?”

“Eu não tenho piolho! Só sei que todo mundo precisa ser cuidadoso porque algumas crianças estão com piolho”, ela começou a choramingar. “Tô de sacco cheio dessa merda, sabia?”

Pensei que ela se referia a mim, então fiquei de boca fechada. Desde que Rick apareceu na vida dela, eu torcia para que ela se cansasse de mim. Chegava a sonhar acordada em começar uma nova vida em algum outro lugar, qualquer outro lugar. Um lugar onde ninguém soubesse a respeito de Darla, e onde ninguém parecesse insensível por não falar comigo a respeito.

“No minuto em que fizer 18 anos, vou me mandar daqui. Com o Rick talvez. Ele também vai embora. E a gente dá um jeito de conseguir nossos certificados escolares e não teremos mais que estudar em casa.”

Eu assenti, mas não ofereci um abraço. Piolhos se espalhavam de algum jeito... Era um fato.

“Está coçando?”, perguntei, apontando para a minha cabeça.

“Passei tanto óleo de melaleuca no meu cabelo desde que minha mãe me contou, que espero que eles simplesmente fiquem longe.”

Ellie havia me passado piolho duas vezes quando éramos crianças – da última vez tínhamos 11 anos de idade. Meu pai e eu lavamos e secamos cada lençol da casa em alta temperatura e os colocamos no forno de micro-ondas por cinco minutos para ter certeza. Fornos de micro-ondas eram como bombas atômicas para piolhos.

“Vai aparecer na minha formatura na segunda-feira?”, perguntei.

Já havia perguntado isso umas doze vezes antes. Dei o convite para ela no dia em que os recebi. Ganhei quatro. Ainda tinha dois sobrando, e estava pensando em colocar um no correio sem endereço do remetente, para *Darla O'Brien, Paraíso ou Inferno, Você Decide, O Universo, 00000*.

“Ainda não convenci a minha mãe. Ela disse que eu até posso ir, mas não sabe como eu chegaria lá. A van vai fazer uma viagem de um dia na segunda.”

“Posso te levar de carona se você não se importar de esperar um pouco.”

“Acho que ela está planejando uma festa de observação das estrelas para a mesma noite, então acho que não vou conseguir escapar dessa”, Ellie disse, tentando parecer triste, mas festas de observação de estrelas eram o que ela mais amava na comunidade. Eles as organizavam a cada duas semanas no verão – ou sempre que os planetas fizessem algo empolgante. Ellie era capaz de indicar cada constelação no céu. Chegava a ser irritante.

“Então, o que você pretende fazer se acabar pegando?”, perguntei, apontando para a cabeça dela.

Ela coçou a cabeça.

“Provavelmente vou te pedir pra comprar algumas coisas na farmácia para mim. Tudo bem?”

“Claro. Porque esses malditos sugadores estão nos usando, sabe.”

“Sim.”

“Parasitas obrigatórios não podem viver sem um hospedeiro.”

“Certo, Professora.”

“Sabia que eles vieram dos gorilas, tipo, dois milhões de anos atrás?”

“Sério?”

“Na verdade, acho que esses são os chatos pubianos.”

“Eca!”, ela exclamou.

“Pois é...”

“Isso quer dizer que algum humano fez sexo com um gorila?”

“Acho que para os gorilas eram só piolhos. Só se tornou chato para nós porque perdemos nossos pelos corporais. Hum... Bem. Quase todos.”

Sentamos na grama e então nos deitamos olhando para o céu. Estava claro, com algumas poucas nuvens altas. Desde pequenas, lembro que brincávamos do jogo da nuvem; dizíamos que elas pareciam animais ou outras formas, e então as observávamos se transformando em outros animais ou coisas até que elas se movessem para fora do nosso campo de visão e fossem substituídas por outras nuvens.

“Você vai raspar os seus?”, Ellie perguntou.

“O quê?”

“Você sabe... seus pelos. Lá embaixo.”

“Hã? Não.”

Ela suspirou.

“Por quê?”, eu perguntei.

“Acho que muita gente deve depilar.”

“O Rick quer que você depile?”

Ela não respondeu.

“Eu não sei”, eu disse. “Não parece algo natural.”

Ellie não respondeu e ficamos lá deitadas olhando para as nuvens mais algum tempo.

“Já viu Júpiter essa semana?”, ela perguntou. Quando eu sacudi minha cabeça em negativa, ela disse: “Deveria. Saia de casa perto das dez e olhe para o sudeste. Impossível não ver. Ele é azul e brilha pra valer.”

“Tá bom!”, foi o que eu disse, mas não dava a mínima para Júpiter.

“Markus está vindo da faculdade para casa hoje”, ela me contou. Markus Glenn, o perverso pornográfico, morava algumas ruas para baixo. Ele costumava pegar o ônibus amarelo com a gente até ser transferido para uma escola particular no sexto ano. “Você ainda gosta dele, né?”

“Não desde o sétimo ano, não mesmo. Lembra?”

Ela assentiu.

“Sabia que praticamente todos os *serial killers* da história eram viciados em pornografia? Isso os ajudava a desumanizar as pessoas para que pudessem matá-las.”

“Você não aprendeu isso estudando em casa.”

“Rick me contou. Ele tem um monte de livros sobre *serial killers*.”

“Uau. Isso não é *nem um pouco* bizarro.”

“Corta essa!”

“Tá bom”, eu concordei, mas continuei pensando que era bizarro.



DIGA ISSO COM VOZ DE OVELHA

FESTAS DE OBSERVAÇÃO de estrelas eram um grande evento na comunidade. Eles traziam seus tambores e percussões e tocavam para as estrelas. Comiam guloseimas orgânicas e bebiam suco integral de sabugueiro. Todos estavam bem vestidos. Era tudo muito especial.

Júpiter estava na área havia alguns meses, e visível toda noite. Mas coisas legais estavam acontecendo com a Lua e com Plutão, ou sei lá com qual astro, então Jasmine convocou a festa e a comunidade respondeu com um berro de *Sim, por favor*.

Diga isso com voz de ovelha. Era o que meu pai fazia. Não é que ele não gostava do pessoal da comunidade. Só achava que eles eram excêntricos e não gostava que tocassem a noite inteira durante o solstício, equinócio ou festas de observação de estrelas.

Havia algo mais profundo nessa história, mas eu não havia descoberto. Eu tinha uma sensação de que Jasmine Blue não foi muito solidária depois do *Dia da Letra N*. Ela nunca mencionou Darla nem uma vez – nem falava do meu pai, o que era estranho, porque ele ainda estava vivo. Nos meus 17 anos, 13 sem minha mãe, meu pai e Jasmine Blue nunca se falaram ao telefone ou se viram, embora vissem um de cada lado da rua. Meu pai fingia que não sabia de quem eu estava falando a menos que eu dissesse *a mãe da Ellie*.

Ele mesmo também falava assim: *A mãe da Ellie acha certo vocês duas irem andando pela rua até a casa do Markus nessa idade?* (Tínhamos 12 anos).

A mãe da Ellie tem telefone fixo caso eu precise entrar em contato com você?

Jasmine me obrigava a deixar meu celular em casa. Celulares causavam câncer. Estávamos todos falando de bombas atômicas. Todos nós tínhamos nossas cabeças dentro do forno.



Enquanto Ellie e eu falamos sobre nuvens por uma hora, observei uma nuvem após a outra passar e vi cada uma delas como um forno. Às vezes de porta aberta, às vezes de porta fechada, às vezes havia uma torta assando dentro... Pensei na torta como o meu futuro. Pensei na torta como um objetivo impossível. Por experiência própria, sabia que tortas assadas no micro-ondas tinham um gosto péssimo.

Quando Ellie me perguntou uma segunda vez sobre a faculdade, eu lhe disse que só queria algum espaço. Era uma mentira. A verdadeira razão estava enfiada no fundo da minha cabeça, e Ellie não iria descobrir. Especialmente

considerando que às vezes era difícil dizer onde terminava Ellie e onde começava Jasmine.

Eu fui para casa e jantei. Frango ao molho Alfredo e pão de alho empapado. Meu pai disse que tinha que trabalhar, então comi sozinha na cozinha. Último dia na escola. Para sempre.

Estar sozinha à mesa para jantar fez eu me sentir como se estivesse na *zona tanto faz*. Não fazia ideia de quem eu era ou do que pensar. Tirei uma foto da cadeira onde meu pai normalmente se sentava. O estofamento estava caindo aos pedaços e pedi ao papai para trocá-los umas dez vezes, mas ele não trocaria. Eu batizei a foto de *Cadeira Feia Vazia*.



Quando terminei, perambulei de volta para a casa da Ellie. Eles já haviam jantado, e Jasmine me disse que Ellie estava lá fora cuidando das galinhas. Enquanto caminhava na direção do galinheiro, passei pelo galpão onde o morcego estava. Me perguntei se ele já havia se desintegrado, lá naquele pote de confinamento onde o colocamos. Me perguntei, se ele realmente era Deus, então por que o estávamos ignorando? Decidi perguntar a Ellie a respeito quando a encontrasse.

Mas então, conforme me aproximava do galinheiro, ouvi vozes. Eram Rick e Ellie. Cheguei mais perto e ouvi os dois gritando um com o outro.

“Mas é muito ruim! Não vou usar isso!”

“Não vou engravidar, Rick!”

“Outras garotas me deixam fazer isso o tempo todo.”

“Outras garotas?”

“Quero dizer, *antes* de você.”

“Mais uma razão para você usar uma então”, disse Ellie.

“Você simplesmente não entende.”

“Acho que não entendo mesmo. Mas sei que não vou ficar grávida aos 17 anos. *Disso* eu sei muito bem.” A voz dela tremeu no *disso*. Com o se, talvez, fosse começar a chorar.

“Eu posso tirar um pouco antes.”

Foi então que resolvi entrar.

Ellie estava de pé, apoiada em uma forquilha. Rick tinha um fardo de palha entre os pés.

“E aí?”, eu disse.

Rick parecia estar puto, e Ellie agia como se não soubesse como deveria se portar. Quando nenhum dos dois me respondeu, decidi que realmente não queria estar ali fazendo parte daquilo. Ellie falaria sobre o assunto por horas a fio quando estivéssemos sozinhas, então dei as costas para eles e fui para casa. Imaginei que talvez tivesse algo melhor para fazer do que ficar nutrindo o mau hábito de vagabundear com a Ellie.

Papai ainda estava sentado no sofá trabalhando no seu *note*. Olhei para o quadro acima da cabeça dele – uma tela imensa que ele havia pintado – de um nu recatado. *Mulher*: Foi esse o nome que ele deu à pintura.

Ao longo da minha vida, sempre que entrava no ar um comercial de TV envolvendo uma menina magrela com pouca roupa, ele apontava para a pintura e dizia: “*Glory, nunca acredite no que vê. É assim que uma mulher de verdade se parece.*” Ou qualquer coisa do tipo.

Não consigo me lembrar há quanto tempo ele me dizia isso, mas não consigo me lembrar de uma época em que ele não dizia, então aposto que foi desde sempre. Era tudo o que ele dizia quando eu ligava a TV. Creme para rugas, maquiagem, roupas, esmalte, chocolates finos, carros, cerveja, sofás, xampu, pasta de dente, cassinos, entrar para a academia, sapatos, pílulas, dietas, comida de gato... Cada comercial que tentava me vender o mundo real que não era real, ele apontava para o quadro e dizia isso.

A mulher na pintura era carnuda e tinha quadris. Tinha as pernas grossas. Seus seios tinham uma forma real, e não como as bolas de softball apertáveis da Tia Amy. Ela não tinha cílios ridiculamente longos e nem contornos bronzeados. Ela apenas era.

“Precisa de mim?”, disse meu pai.

“Só olhando para a mulher”, eu respondi. Por anos, me perguntei se a mulher na pintura era Darla, mas eu sabia que Darla não se parecia nada com ela. Darla era magra e tinha os cabelos compridos que quase sempre prendia em duas tranças.

“Você está bem?”

“Nunca estive melhor”, menti.

“Vai fazer algo divertido amanhã?”

“Claro. Diversão”, eu disse, subi as escadas, e fiz um pacto comigo mesma de não visitar Ellie no dia seguinte. Me lembrei do que tinha pensado sobre maus hábitos. O primeiro passo para quebrar um é admitir que você tem um problema.

Eu tinha outras coisas para fazer. Havia tirado tantas fotos na última semana, e queria colocá-las no meu álbum. Eu tinha três álbuns de fotos agora, cheios de imagens digitais impressas do computador. Queria poder revelar fotografias como antigamente, mas papai ainda não me deixava entrar no quarto escuro de Darla, e da última vez que perguntei, ele pareceu tão magoado que não consegui reunir forças para insistir.

Chamei esse álbum de *A Origem de Tudo*. Papai me dava um álbum em branco de Natal e de aniversário todos os anos, desde que comecei a tirar fotos. Ele me mostrou um que tinha feito quando ainda se importava com arte. Era uma mistura bem criativa – fotos, desenhos, ideias, textos. Ele disse que me ajudaria a lidar com meus sentimentos. Não lhe perguntei por que havia parado com os seus álbuns. Era óbvio que ele não estava lidando com nada.

A Origem de Tudo estava quase terminado. Faltavam poucas páginas a preencher.

Imprimi e coleí a *Pote Vazio*. Embaixo dela escrevi *POTE VAZIO*. Imprimi e coleí a *Ônibus Vazio*. Embaixo dela escrevi *SEM CINTOS DE SEGURANÇA*. Imprimi e coleí a *Cadeira Feia Vazia*. Embaixo dela escrevi *PRECISA DE UM NOVO ESTOFAMENTO*. Imprimi e coleí uma fotografia aleatória de um grupo de formandos que me pediram para tirar aquela foto um

dia antes. Escrevi *É ASSIM QUE AS PESSOAS NORMAIS SÃO*.

Quando me deitei na cama, pensei que apesar de *A Mulher* não ser Darla, ela estava, de alguma forma, me ensinando coisas esse tempo todo. Ainda pensava na briga que tinha escutado entre Ellie e Rick. Não pensava em faculdade ou arrumar emprego. Não pensava em nada que fosse acontecer depois de amanhã porque qualquer coisa depois de amanhã era como especular sobre as nuvens – dependia apenas da pessoa olhar para as nuvens, e podia chover a qualquer momento.



SÁBADO – É COMPLICADO

ESTAVA ACORDADA DESDE o amanhecer, tirando fotos de coisas minúsculas com minhas lentes de macro. Fotografei gotas de orvalho, pólen, insetos, musgo... Tirei uma foto de um besouro morto e a chamei de *Besouro Morto*. Tirei uma foto de uma unha rosa e a chamei de *Meu Pai Diz que Tenho os Pés da Minha Mãe*. Quando olhava para as pequenas coisas – coisas macro –, a imagem do todo ficava borrada.

Sentei na rede e me balancei, depois me deitei. Quando fiz isso, percebi que quando alguém está olhando para o céu através das árvores, não existe nada que uma lente macro possa capturar. Nada pequeno. Tirei uma foto da vista com minhas lentes de volta ao padrão. A chamei de *Nada Pequeno*.

Faltavam apenas dois dias para a minha formatura do ensino médio e eu estava mais preocupada com a Ellie do que em arrumar um vestido. Queria falar com ela sobre a discussão que havia escutado no galinheiro duas noites atrás. Me preocupava com o fato de garotas acabarem cedendo.

Jasmine Blue não permitia televisão na casa dela, então Ellie não era imune a comerciais e estereótipos. Jasmine Blue não permitia revistas na casa dela, mas Ellie sabia o que todas as garotas sabiam – estávamos aqui para ser aquilo que os homens quisessem que fôssemos. Estávamos aqui para tocar em suas barracas.

Tentei pensar em uma única mensagem nesse mundo que dissesse o oposto, mas não consegui me lembrar de nenhuma. Nos últimos 17 anos, todos os lugares para onde eu olhava diziam, sob esse imaginário astuto, *Você está aqui para parecer bonita, ficar calada, e tocar em ereções*.

Não queria que Ellie acabasse grávida. Queria que ela recebesse orientação sobre sexo e a babaquice que era essa história de *na hora eu tiro de dentro*. Não queria que ela pegasse uma doença sexualmente transmissível de um garoto que tinha livros sobre *serial killers*.

Esperei na rede até oito e meia para ir ver Ellie. Encontrei-a limpando a sujeira da casa do pato-corredor que ficava lá perto do pequeno lago. Ela ainda parecia aborrecida, então era a oportunidade perfeita de simplesmente perguntar se ela estava bem.

“Estou bem. Por quê?”

“Parece irritada.”

“*Estou irritada*. Mas estou bem. Só as encheções de sempre.”

“Que encheções de sempre?”

Ellie apoiou o queixo no cabo da pá e suspirou. Os patos correram ao

nosso redor. Patos-corredores andavam eretos. Ela tinha patos de duas cores. Os de cor de chocolate eram os meus favoritos.

“É só, você sabe, o Rick É complicado.”

Assenti.

“Ouvi uma parte da briga na quinta-feira. Não gostei do que ele estava dizendo pra você.”

Ela suspirou de novo.

“Você sabe sobre sexo seguro, certo? E sobre doenças? E tudo isso, né?”

“Sei o suficiente”, ela disse.

“Bem, hã, tenha cuidado então.”

Desejei poder levá-la à biblioteca e entregá-la aos cuidados dos bibliotecários. *Por favor, ensinem tudo a ela*, eu diria. Um minuto se passou. Peguei a vassoura e varri algumas aparas de madeira do canto.

“Acho que minha mãe estava certa”, ela disse enfim. “Fiz isso cedo demais e agora me arrependo.”

Senti meu coração parar por um segundo.

“Você fez?”

Nós havíamos prometido, naquele dia em que vimos a foto do pênis de manteiga, que contaríamos uma a outra no dia em que fizéssemos sexo. Me senti traída, como me senti todas as outras vezes em que Ellie mudou as regras.

“Tipo, duas semanas atrás”, ela admitiu. “Quer dizer, a primeira vez. Estamos transando desde então. Desculpa por não ter te contado.”

“Mas pensei que não fosse fazer isso.”

“Não é grande coisa...”

“Então por que está tão irritada?” Deixei aquilo ecoar em volta da casa do pato por uns segundos. “Você pode parar a hora que quiser.”

“Ele mora aqui.”

“E daí?”

“É complicado.”

“Sim. Dá pra notar. Mas mesmo assim.”

Ellie começou a chorar.

“Não sei o que fazer.”

Não sabia o que dizer a ela. Eu a abracei, apesar de saber que piolhos se espalham.

Não me importava. Ellie precisava de um abraço, então a abracei.

“E eu tenho más notícias”, ela disse.

“O quê?”

“Minha mãe encontrou o morcego petrificado.”

“Ela o jogou fora?”

“Não exatamente. Ainda estou com ele. Mas não está do jeito que a gente se lembrava.”



A BALADA DE PRETO ABSOLUTO, O MAX BLACK (TAMBÉM CONHECIDO COMO DEUS)

ELE TINHA VIRADO PÓ. Não importava de quão perto olhássemos, não conseguíamos distinguir o que costumava ser um olho, asa, pé ou focinho. Era apenas pó empedrado.

Ellie mostrou o que Jasmine havia feito, imitando-a.

“*O que diabos é isso?*”, ela disse imitando a voz irritante de Jasmine, enquanto sacudia o pote, desintegrando o *Preto Absoluto*. “Ela só ficou ali sacudindo isso e gritando. Ela é tão esquisita. É só um morcego. Tipo, quem se importa?”

“Não é só um morcego”, eu falei.

“Eu sei”, Ellie concordou. “Era Deus.”

“Sua mãe matou Deus, cara!”, eu disse. Estava tentando fazer a gente rir, mas Ellie não riu.

Ela abriu a tampa do pote e olhou para o pó lá dentro. Acho que foi nesse momento que ela teve a ideia, mas não disse nada até nos encontrarmos mais tarde – após escurecer – para dar ao nosso Deus, Preto Absoluto, Max Black, uma jornada adequada para o próximo mundo dos morcegos, espalhando suas cinzas.

Mas nem de longe foi o que fizemos quando nos vimos depois, sob um fio de lua crescente que estava alta no céu.

“Eu preciso que pegue aqueles trechos de tratar piolho para mim”, Ellie pediu.

“Tudo bem.” Minha cabeça coçou no minuto em que ela disse aquilo. “Que droga! Sei o quanto você odeia esses pentes.”

Da última vez que teve piolho, Ellie precisou cortar uns 30 centímetros de cabelo para que conseguisse passar o pente fino.

“Eles se mudaram”, ela disse.

“Quem?”

“Os piolhos.”

“Mas...”, eu comecei. “Piolhos só vivem em cabeças.”

“Eles... você sabe... se *mudaram*.” Ela apontou para o zíper de seu jeans.

“Ei, são coisas diferentes. Eles não se espalharam. São dois parasitas diferentes.”

“Até a semana passada, você achava que piolhos pulavam. Você não sabe nada sobre o assunto.”

“Sei sim...”

“Ah!”

“Então, está tudo bem com a sua cabeça?”

“Sim. Tudo bem”, ela confirmou. “Peraí. Então eu tenho um tipo diferente agora?”

“Parece que sim.”

“De onde esses malditos vieram?”

Fiquei calada.

“Rick?”

“É como eles se espalham, eu acho”, falei.

“Então onde *ele* pegou isso?”

Não falei nada.

“Estamos namorando há três meses.”

Eu não disse nada.

“É essa merda que nós pegamos dos gorilas?”

“Acho que existe um monte de espécies diferentes. Mas sim. Basicamente, eu acho que sim”, respondi. “Quer que eu pegue o suficiente para vocês dois?”

“Nem pensar, obrigada.”

“Isso significa que vai terminar com o Rick?”

“Sim, ele que se dane.”

Isso seria complicado.

Mas logo nos esquecemos do assunto quando fomos para o galpão e pegamos o pote, o pó do Deus Preto Absoluto, e um engradado com meia dúzia de cervejas.



O CLÃ DO MORCEGO PETRIFICADO

ELLIE PASSOU A NOITE inteira em zona 1. Ela disse “*Quem se importa?*” várias vezes.

“Então, para onde vamos?”, perguntei.

“Quem se importa?”, Ellie respondeu.

Seguimos para o lago porque eu não queria beber cerveja no meu quintal. Quando chegamos lá e desenrolamos uma coberta que havia trazido de casa, perguntei a Ellie:

“Quer se sentar na coberta ou só na grama?”

“Quem se importa?”, Ellie disse.

Estiquei a coberta e me sentei nela. Peguei um saco pequeno de Doritos, ofereci um para ela, e ela me encarou.

“Que foi?”

“Você está sempre tão preparada.” Ela se sentou na coberta e continuou: “Você e sua comida laranja fluorescente.” Não tive tempo de dizer nada antes que ela parecesse estar prestes a chorar e continuasse: “O que uma porra de um engradado de cervejas pode fazer pelos meus problemas? Sabe?” Ela apontou para o zíper do seu jeans novamente.

“Não sei. Onde você conseguiu isso, aliás?”

“Com o Rick, não lembra?”

“Tô falando da cerveja.”

“Com o Rick também. Íamos bebê-las na segunda-feira, durante a festa de observação de estrelas. Mas agora, quem se importa?”

“Vou trazer as coisas amanhã, eles vão sumir, e você não vai mais precisar se preocupar com isso. Não será mais seu problema.”

“Sempre será meu problema”, Ellie disse. “Meu *problema* é que eu sou uma idiota. Meu *problema* é que todos nós somos idiotas: você, eu, minha mãe e todo mundo com quem eu moro, e todo mundo que conhecemos, e todo mundo que mora nessa rua, nessa cidade, nesse estado, no país, e todo mundo no planeta. É essa a porra do meu problema.”

“Merda”, eu disse.

“Sim. Merda”, ela concordou.

O rosto de Ellie parecia uma carranca enquanto bebíamos nossas primeiras cervejas. Fiquei na minha e deixei que ela fizesse seu teatro. Ela falou principalmente sobre como o mundo estava cheio de idiotas. Quando abrimos nossa segunda rodada de cerveja, eu disse:

“Se importa se eu falar uma coisa?”

“Não.”

“Acho que tem algo errado comigo.”

“Tipo o quê?”, Ellie disse aquilo de um jeito que deixou bem claro que, naquele exato momento, mesmo se eu tivesse lepra ou câncer, nada seria pior do que seu caso de arrependimento por ter feito sexo e ser contaminada com chato, então achei melhor ficar quieta.

“Nada”, eu disse. “Só estou estranha.”

O silêncio reinou entre nós. Bebemos mais algumas cervejas, embora nenhuma de nós parecesse gostar muito. Deixei a minha de lado e não tinha intenção de pegá-la novamente. Então Ellie se remexeu um pouco inquieta e murmurou algo em voz baixa. Ela se virou para mim e disse:

“Alguém deve ter passado isso pra ele, né?”

“Sim. Bem provável.”

“Eu sou uma otária mesmo.”

”Você não é otária.”

Enquanto ficamos deitadas olhando as estrelas, Ellie ficou cada vez mais agitada, com raiva movida a chatos. Achei que ela iria se levantar e me deixar lá sozinha ou entrar em combustão espontânea. Ela estava fora de si – não havia nenhuma das facetas da Ellie que eu conhecia. Nem a tola, nem a sarcástica, nem a estranhamente parecida com Jasmine. Ela só estava... P da vida. Já a tinha visto chateada antes, claro, mas nada assim. Isso era mais profundo.

“Acho que deveríamos beber essa droga”, ela disse.

Eu me perdi e não tinha ideia do que ela estava falando, então perguntei:

“O quê?”

“O morcego petrificado. Deus. Como quiser chamar essa merda”, ela continuou, apontando para o pote.

“Preto Absoluto, Max Black”

“Max Black?”

“É assim que eu o chamo. É um termo de fotografia. Me ignore. Acho que estou ficando bêbada.”

Ellie ergueu o pote.

“Eu primeiro”, ela disse. “Ganharemos asas. Será como beber Deus. Inferno. Talvez até nos deixe chapadas.” Ela se inclinou e bebeu a última metade da cerveja – tecnicamente a minha cerveja, mas estava quente e eu não queria bebê-la.

Ela abriu o pote e cheirou o conteúdo primeiro.

“É apenas pó. Nem vai ter gosto de nada.”

Então ela derramou a cerveja sobre o pó e sacudiu a mistura até homogeneizá-la o melhor possível. Ela bebeu primeiro – fez uma cara de que estava delicioso, e então o passou para mim.

Eu hesitei e então bebi, confiante. O que eu tinha a perder, certo? Estava a um passo de me formar no ensino médio e não tinha nenhum lugar para ir e nada melhor para fazer. Por que não beber os restos mortais de um morcego? Uma parte escorreu pela lateral do meu pescoço porque a boca do pote era grande demais. Eu engoli e o lavei com o resto da cerveja quente da minha garrafa.

Ellie ergueu os braços, com as palmas das mãos para cima.

“Sinto como se fôssemos parte de Deus agora, não é, Glory?”

Só havia mencionado o lance de Deus antes como uma piada, mas Ellie parecia realmente *sentir* aquilo ou algo parecido. Eu me sentia com a cabeça flutuando. Me dei conta de que estava um pouco embriagada e com muita adrenalina de ter o morcego circulando no meu sistema. Mas claro, dava para confundir essa sensação com ser Deus. Glory O'Brien. Deus. Dona de uma bomba atômica. Filha da, há muito morta, Darla O'Brien, preto absoluto.

Olhei para Ellie. Ellie Heffner. Deus. Não era dona de uma bomba atômica, a menos que considerasse o tratamento para chatos pubianos que eu compraria para ela em breve. Filha de Jasmine Blue Heffner, louca hippie esquisita.

“Formamos um clã agora. É como sermos irmãs de sangue, só que melhor. O clã do morcego petrificado!”, Ellie falou embolado.

Então tudo mudou, só que não sabíamos disso ainda.



Depois de beber, fiquei com vontade de vomitar por cerca de meia hora. Só havia provado uma cerveja na vida, então não sabia como era estar bêbada. Mas nunca tinha me sentido daquela forma.

Ellie parecia realmente acreditar que era Deus. Ela sussurrou sozinha um pouco, como se conversasse com alguém. Talvez com os chatos. Talvez consigo mesma. Talvez só estivesse bêbada. De Deus.

“Liberte-se”, disse Ellie. “Tenha coragem.”

“Quê?”

“Liberte-se. Tenha coragem”, ela repetiu. “Não sei. Só pensei nisso do nada.”

“Ah.” Não sabia se ela estava falando comigo ou consigo mesma.

Pensei a respeito. *Liberte-se. Tenha coragem.* Isso possuía tantos significados. Tantas acusações sobre mim.

Deitamos e ficamos olhando para as estrelas pelo que pareceu uma hora e, pela primeira vez na vida, Ellie não me falou de nenhuma constelação. Ela nem apontou para Júpiter. Aquilo me incomodou tanto que eu mesma quase apontei para ele.

Mas então eu olhei para Júpiter e vi sua história e seu futuro, tudo de uma vez. Vi uma explosão imensa. Vi os planetas e as estrelas, cada um assumindo seu lugar na escuridão. Vi a velocidade da luz. Então escuridão de novo, como se tudo tivesse morrido. Aquilo me deu vontade de chorar.

Olhei para longe. Olhei para Ellie, e ela parecia assustada. Talvez também tivesse visto o que vi.

“É melhor eu ir”, eu disse, de repente. Estava deitada lá, então fiquei de pé, esperando-a sair de cima da minha coberta. Quando se levantou, Ellie disse um tchau sussurrado.

Caminhei para casa, falei *oi* ao meu pai, mas não olhei para ele. Sentia que se fizesse isso, ele veria que eu era algum tipo de garota doente que tinha acabado de beber os restos de um morcego mumificado. Talvez ele visse que eu era Deus.

Era confuso.

Fui para cama de roupa mesmo, tentando me concentrar em me sentir normal. Não me sentia normal. Sentia como se estivesse flutuando. Voando. Mais leve e mais pesada ao mesmo tempo.



TUUUUII-TUUUU-TUUU-TUUU

ACORDEI ÀS 5 HORAS com o som da rolinha que mora perto da janela do meu quarto. Nunca gostei do pranto das rolinhas. Sabia o que era pranto, e aquele pássaro não estava de luto.

A janela tinha cerca de 1,8 metros de altura por 3 de largura, e estava separada em três partes. Bem do lado de fora da minha janela havia uma fileira de árvores frutíferas florescendo. A rolinha estava pousada em uma delas, cantando sua música terrível *Tuuuuii-tuuuu-tuu-tuu*.

Quando olhei para o pássaro, vi coisas. Coisas estranhas. Vi seus ancestrais. Vi seu tatataravô sendo atingido por um carro, penas explodindo em todas as direções. Vi seus filhotes. Vi seus tataranetos. Vi a infinidade de pássaros por toda a sua vida, até a extinção. Até virarem pó. Exatamente como tinha visto Júpiter na noite anterior. Senti aquele pânico familiar. Sacudi a cabeça e estiquei os ombros para trás para aliviar o aperto no meu peito.

Hoje seria um dia normal e eu iria ao shopping comprar um vestido para a formatura. Coisa simples. Talvez mais tarde me encontrasse com Ellie e dissesse algo como *Uau, aquilo foi estranho, hein?*, e nós riríamos. *Ha ha ha ha ha*.

Tomei uma chuva de chuva. Fiz uma coisa que meu pai me ensinou quando era pequena, para quando meu cérebro estivesse pensando rápido demais. Mantive a luz do banheiro apagada. Tentei não pensar em nada exceto na água atingindo meu rosto. Tentei *estar lá*. Eu inspirei e expirei. Eu sorri. Virei minha cabeça para um lado e para o outro. Senti a água atingindo meu rosto. Sorri novamente.

Me senti forte. Me senti como o morcego Preto Absoluto, com asas invisíveis nas minhas costas. Me senti como se quisesse comer insetos. Podia ouvir coisas a quilômetros. Estava diferente. Tinha mais dobrinhas na pele do peçoço. A água atingindo meu rosto. Sorri. *Glory, não seja tão dramática.*



Enfieei minha câmera (a Leica M5 com filme preto e branco) na minha mochila caso quisesse parar e tirar fotos no caminho para o shopping onde compraria um vestido. As vezes eu fazia isso. Considerava aquilo uma herança de família – reivindicar tempo sozinha explorando besteiras que ninguém mais considerava interessante e gravá-las em negativos reais. Eu achava aquilo um direito meu.

Darla O'Brien enfiou a cabeça em um forno, então agora eu podia fingir que era ela de vez em quando. O que quer que ela fosse. Quem quer que ela fosse. Podia fingir que eu sabia.

Tuuuu-tuuuu-tuuu-tuuu.

Meu pai estava sentado no sofá quando saí. Ele falou comigo enquanto eu levava minha tigela de cereais para a cozinha.

“Tá tudo bem?”

“Uhum. Saindo pra comprar o estúpido vestido.”

“Você sabe que não *tem que* usar um vestido, não sabe?”, ele disse. Eu podia imaginar Darla dizendo aquilo. Ou talvez ela não fosse falar nada.

“Eu sei.”

“Ótimo.”

A verdade é que eu não tinha ideia do que as garotas vestiam para ficar elegantes. Não queria usar roupas sociais ou algo parecido. Imaginei que poderia simplesmente ir ao shopping e procurar, e se eu não conseguisse encontrar nada, poderia dar uma passada no brechó vintage a caminho de casa e comprar um daqueles vestidos de dona de casa da década de 1940. Algo casual e confortável. Um que pudesse usar com sapatos Doc Martens e ninguém fosse se importar. Todo mundo já achava que eu era estranha mesmo. *Glory O'Brien, votada como a com Maiores Chances de Não ser Sua Amiga. Glory O'Brien, votada como a com Maiores Chances de Não Tocar sua Barraca. Glory O'Brien, votada como a com Maiores Chances de Enfiar a Cabeça em um Forno.*

Quando estacionei em frente à Sears, um carro se enfiou no espaço ao meu lado. Eu olhei para a motorista e ela olhou para mim e eu tive uma... visão. Um pacote completo delas, na verdade. Visão da mulher estacionando perto de mim: *A mãe dela estava presa. A avó dela amava jazz. Seu neto será expulso por ser reprovado no ensino médio. Seu outro neto se tornará um senador e finalmente conseguirá pagamento igualitário para mulheres no trabalho. Isso acontecerá em meados do século XXI. Aquele senador terá uma segunda casa no Arizona, e no dia em que ele levar aquele projeto de lei para o Senado em Washington, DC, as pessoas no Arizona queimarão sua outra casa.*

Parei de olhar para a motorista e sacudi a cabeça. Isso foi insano. *Talvez você seja louca. Você pirou. Como a Darla.*

Tuuuu-tuuuu-tuuu-tuuu.

A motorista nem sequer notou que eu estava a encarando. Não acho que estivesse. Acho que a visão veio em cerca de um segundo ou menos.

Caminhei na direção da porta da frente da Sears convencida de que estava imaginando coisas. Não é possível que beber um morcego morto te faça alucinar tanto assim – ver o futuro e o passado de outras pessoas, ou seja lá o que for. Já tinha lido sobre sapos que você pode beijar e cogumelos que pode comer, e outras coisas malucas tipo noz-moscada. Nunca morcegos. Nada a respeito de morcegos.



A GRANDE PIADA

AS COISAS NÃO MELHORARAM dentro do shopping. Mantive minha cabeça para baixo a maior parte do tempo, mas quando ousava olhar para uma pessoa, podia ver seus ancestrais e descendentes. Podia ver eventos no seu passado e no seu futuro. Eu acho que podia ver sua *infinitude*.

Por exemplo, visão do garoto discutindo com a caixa na Sears: *seu tataravô foi escravo em uma plantação no Alabama, e era incessantemente maltratado pelos homens para quem trabalhava. Ele matou dois deles com suas próprias mãos e, como punição, foi espancado até a morte. O filho dele também foi um escravo. Seu bisavô chegou a ser livre, mas não livre da raiva e da crueldade. Seu avô se mudou para o norte, mas mesmo assim não foi livre. Seu pai se rebelou em Newark em 1967. Incendiou casas. Nenhuma visão do futuro. O homem não tem filhos.*

Droga!

Sabia que tinha que passar pela Sears para chegar na Dressbarn, então abaixei a cabeça e caminhei depressa. Assim que escapei da Sears, passei sobre a ponte que cruza a fonte, aquela que ficou famosa graças a um vídeo no YouTube de uma mulher que estava tão ocupada mandando mensagens no celular que caiu direto dentro dela. Se você assistiu ao vídeo, então conhece a fonte ao lado da Sears. Perto da ponte, há bancos de madeira. Sentei em um deles e procurei uma moeda na minha bolsa. Se já existiu um dia para fazer um pedido, eu estava nele.

Eu a joguei e fechei os olhos. *Desejo não enlouquecer como a Darla.*

A Dressbarn ficava do lado esquerdo do shopping, perto da Orange Julius e de uma vitrine coberta que costumava ser a loja de brinquedos Build-a-Bear Workshop. Enquanto seguia na direção da Dressbarn, vi uma menininha passando de vaso em vaso de planta no centro do shopping. Numa espécie de ritual de TOC infantil, ela tinha que tocar cada vaso com a mão.

Visão da garotinha no shopping: *o filho dela será um médico que viajará a outros países quando acontecerem desastres. Ele irá para a China, Itália, Síria, Congo e Zimbábue. Será indicado para um prêmio da paz, mas não o vencerá.*

Observei a garota passear para lá e para cá entre os vasos de plantas até não poder mais vê-la. Podia sentir os jovens trabalhando na Orange Julius me encarando. Olhei de volta para o chão e caminhei até a Dressbarn.

Encontrei um vestido anarruga legal, de puro algodão, do meu tamanho. Ele quase parecia um dos vestidos de donas de casa da década de 1940, mas era mais curto e mais acinturado. Eu o peguei do cabide em um tamanho maior e

segui para o provador. Somente quando entrei e me sentei no banquinho, percebi que havia dois espelhos lá dentro.

Talvez se eu olhasse para mim mesma eu veria coisas que jamais gostaria de ver. Ou quem sabe minha bisneta seria alguma mulher incrível que curaria o câncer, a AIDS ou algo do tipo.

Ou talvez eu descobrisse sobre os pais de Darla e sobre os pais deles, e sobre os pais dos pais deles, e dos pais deles... fazendo todo caminho de volta daquelas gerações anteriores, até alguma vila pequena e úmida no Leste Europeu onde meus ancestrais se conheceram.

Talvez eu descobrisse o que realmente havia acontecido com Darla. Dentro da cabeça dela. Talvez eu parasse de precisar imaginar os motivos para aquilo que ela havia feito. Se é que houve motivos.

Quando tomei coragem, olhei para o espelho e não vi nada. Nenhuma visão. Não tive qualquer relance do meu futuro ou do meu passado. Apenas me vi – a vinte quatro horas de me formar no ensino médio, presa e sem coragem.



GLORY O'BRIEN, BOMBA ATÔMICA

COMPREI O VESTIDO – o tamanho maior, porque queria que ele ficasse largo, como aqueles vestidos da Dorothea Lange na época em que trabalhava na agência *Farm Security Administration*, fotografando os efeitos das tempestades de areia que ficaram conhecidas como *Dust Bowl*. Vestir roupas um tamanho maior fazem você parecer faminta e pobre. Fazem você parecer esquelética.

Quando passei na farmácia a caminho da saída do shopping, fiquei parada no corredor 6, fingindo olhar um xampu. Me perguntei: *por que estou comprando remédio contra chatos para a Ellie? Por que ela mesma não pode comprar?* E de repente fiquei com raiva. Num minuto eu era Glory O'Brien, compradora de vestidos, e no outro eu era Glory O'Brien, a bomba atômica.

Não sei por quê, mas olhar para os nove milhões de tipos diferentes de xampu Pantene me fez ver Ellie do jeito que ela era realmente. Uma manipuladora. Uma competidora. Um codependente. Um piolho. Um parasita obrigatório, que precisava de mim, mas de quem eu não precisava.

Visão do frasco de Pantene Pro-V do Liso ao Encaracolado 2 em 1: *meu xampu fará os homens olharem para você. Confie em mim. Lave. Enxague. Repita.* Visão do frasco do xampu Pantene Pro-V do Friso ao Liso: *não use aquela bosta dois em um. Deixa o seu cabelo todo duro. Me use. Agarre um frasco de condicionador, também, e aí os homens olharão para você sem pestanejar. Além disso, vista shorts mais curtos e desabote mais uns dois botões das suas blusas. Talvez você também queira um bronzado. E raspe suas pernas com mais frequência.*

Tirei uma foto da fileira de xampus. Chamei de *Promessas Vazias*.

Entreí na farmácia e pedi ao sujeito algo que fosse matar os chatos que minha amiga vagabunda tinha. Eu disse:

“Será que podia me dar algum remédio para matar os chatos que minha amiga vagabunda pegou?”

Isso fez as pessoas que trabalhavam na farmácia rir e logo eu estava saindo do shopping com um vestido de formatura e remédio contra chato. Eu estava com raiva da Ellie por ela ser sexy, ou por agir como uma vadia, ou por ser alguém capaz de fazer sexo antes de mim. Mas quando olhei para o estacionamento e acidentalmente cruzei meu olhar com um sujeito que estava caminhando na minha direção segurando a mão de seu filho, eu parei.

Visão do sujeito caminhando para o shopping: *seu avô era professor, sua neta será professora também, mas antes de ter alguma chance de dar aulas, ela será exilada de um lugar chamado Nova América.*

Sacudi a cabeça e fui para o meu carro. Quando cheguei lá, me olhei no espelho do quebra-sol até conseguir ter uma visão. Nada... *Viu só, Glory? Você*

está imaginando coisas.



Quando cheguei em casa, respirei fundo e me aproximei do meu pai.

“Você está me encarando”, disse o papai.

“Sim”, eu confirmei.

Visão do meu pai: *seu tataravô veio de Tipperary para os Estados Unidos após perder sua terra para os ingleses durante as expulsões de 1888. Seu nome era Pádraig O'Brien, ele tocava flauta irlandesa, ganhou a vida com isso e com roubos na região da Filadélfia até sossegar com Mary Helen, uma mulher que tinha catorze filhos, um dos quais era John, o bisavô do meu pai. John O'Brien foi um banqueiro... ou um ladrão, dependendo do referencial.*

“Você encontrou o vestido?”

“Ah... Sim, encontrei.”

“Ótimo.”

“Sim.”

Ele sorriu para mim.

“Você continua me encarando.”

Visão do meu pai: *sua avó parou de falar com a irmã após a fazenda ser dividida em duas e ela não conseguir tanto dinheiro quanto a irmã conseguia.*

Não consegui ter visões do futuro. Tudo o que vi foram primos distantes e avós, e até ancestrais do século XV comendo um porco defumado no espeto com suas mãos sujas. Nenhum futuro. Porque talvez eu não tivesse futuro.

Olhei para minhas mãos.

“Quer falar alguma coisa?”, meu pai perguntou.

“Sim.” Silêncio. “Sei que você disse não antes, mas será que eu... será que eu posso ficar com as chaves do quarto escuro?”

Ele pareceu surpreso quando perguntei, como se eu não estivesse tirando fotos sem parar nos últimos anos, preenchendo os álbuns que ganhava de presente dele duas vezes por ano. Como se não tivesse que levar meus negativos em preto e branco para o laboratório local para que fossem revelados, em vez de simplesmente descer a escada até um lugar onde poderia fazer isso eu mesma.

Decidi quebrar o contato visual e olhar para o espaço enquanto falava com ele. Não me importava com os ancestrais O'Brien e seus problemas familiares esquisitos.

“Quero revelar uns filmes e me parece estupidez mandar fazer isso em outro lugar.”

“Eu não vou ao quarto escuro desde... hum...” Ele fez uma pausa e suspirou. Meu pai realmente pensou a respeito como se eu tivesse acabado de pedir que fizesse algo absurdo além de me dar uma chave. “Sei que ela mantinha todos os seus diários na prateleira em cima da pia. Álbuns... como os seus. Você deve encontrar um monte de informações por lá. Receitas e coisas do tipo.” Ele se remexeu, inquieto, parecendo confuso. “Receitas químicas. Não de bolos. Sua mãe era muito reservada quanto à sua química.” Ele apontou para as fotos na parede. “Se você mexer nesses diários, não pode contar a ninguém o que está lá,

tudo bem? Principalmente pro idiota do Wilson.”

Sr. Wilson era o professor de fotografia da escola. Como tinha computadores no seu laboratório de artes gráficas, ele mantinha apenas um pequeno quarto escuro para a aula de história da fotografia. Eu sabia que Darla odiava aquele sujeito. Eles já se conheciam antes. *Antes*.

“Sem problemas”, falei. “De qualquer modo, não tenho mais aulas com ele.” Pigarreei e disse essa última parte bem devagar e em alto e bom som. “*Porque me formo no ensino médio amanhã.*”

Ele parou de trabalhar em seu notebook e olhou para mim.

“Uau!”

“Pois é.”

“Jesus, como isso aconteceu?”, ele perguntou, tirando os óculos e limpando-os na camiseta. “Vem cá.”

Me sentei perto dele no sofá e ele me deu um abraço apertado e amoroso.

“Como assim você já está se formando no ensino médio?”

“Fiz essa coisa chamada crescer. É quando seu corpo e seu cérebro ficam maiores. É um processo incrível. Você devia tentar.”

“Espertinha.”

“E?”

“E estou orgulhoso de você”, ele disse e me libertou do abraço.

“Tem algo errado com seu olho?”

Meu pai limpou os óculos novamente e piscou para limpar as lágrimas que brotavam.

“Estou preocupado.”

Dei de ombros.

“Nenhuma faculdade. Nenhum plano. O que diabos vai ficar fazendo aqui com seu velho pai?” Não disse nada, porque não tinha uma resposta. “Você não está por aqui por minha causa, né? Espero sinceramente que não esteja por aqui por minha causa.”

“Eu tenho um plano”, eu disse, pensando em como não tinha um plano na verdade.

Como eu poderia dizer ao meu pai que eu não fazia planos porque eu era Glory O'Brien, a garota sem futuro? Um ano atrás, enquanto os meus colegas de classe folheavam catálogos de universidades e descrições de curso, eu estava simplesmente pensando sobre liberdade. *Liberdade de tudo*. Ainda não sabia o que isso era, mas sabia que significava algo.

Costumava pensar que significava que eu seguiria os passos de Darla. Eu sabia, sabe como é? Eu sabia. Mas agora talvez isso possa significar *Liberte-se. Tenha coragem*.

Ele me passou as chaves que tirou do seu chaveiro.

“Tenha cuidado lá embaixo.”

“Ursos?”

“Pare com isso. Estou falando sério. Não pode passar muito tempo no quarto escuro, menina. Pode te afetar.”



POR QUE AS PESSOAS TIRAM FOTOS

ZONA 5. É chamada de cinza médio. Foi como me senti no quarto escuro de Darla. Cinza médio.

Nem preto, nem branco. Apenas cinza médio.

Zona 5 é 50% cinza. Se eu me medisse, cinza médio, no quarto escuro de Darla, eu seria 50% Darla. No meio do caminho de colocar minha cabeça no forno, eu acho. Quer dizer, nunca me senti suicida. Era assim que ela se sentia? *Não suicida?* Porque talvez não se sentisse, talvez eu não fosse e talvez nós não nos parecêsemos nem um pouquinho.

Assim que entrei no quarto escuro de Darla, acendi a lâmpada grande, não o âmbar do quarto escuro, e subi na bancada onde podia simplesmente me sentar, respirar e esquecer de tudo que tinha visto naquela manhã. Talvez se eu ficasse no quarto escuro para sempre, nunca mais teria de ver a infinitude de alguém.

Estava finalmente ali. O cômodo cheirava a uma mistura de produtos químicos, mas principalmente algo pungente que me lembrava do cheiro do vestiário na escola. Ruim, mas não forte. Ou forte, mas não ruim. Escolha um.

Em uma prateleira havia caixas planas enormes de papel de foto que agora deviam ter uns 13 anos. Darla usava apenas papel de fibra de alta qualidade – nada de plástico ou resinado. Graças ao papai, eu sabia que suas receitas eram tentativas de dobrar o tempo de vida de suas imagens. Irônico, não é? Darla trabalhava incansavelmente para prolongar a vida das fotos e todas as fotos dela viveram mais do que ela. Bem...

Então, havia caixas de papel velho, grandes jarros de produtos químicos antigos e todo o equipamento de um quarto escuro que uma garota poderia querer. Três ampliadores – um enorme, que tinha um suporte próprio, e dois ampliadores de tamanho regular sobre o balcão. Bandejas maiores para colocar impressões de até 50 × 61 centímetros, e menores para negativos de 10 × 12. Rodos, pinças, tanques de filmes, aquecedores de aquário para manter o revelador aquecido, medidores plásticos de todos os tamanhos, um lavador de impressão, um secador de impressão que ela mesma havia feito... Tudo. Estava tudo lá. Darla estava lá.

Os álbuns me observavam da prateleira acima da grande pia metálica. Olhei para eles e me perguntei por que eu realmente me importaria com receitas loucas para um toner de selênio ou um revelador de platina, ou o que quer que existisse ali. Olhei para eles e me perguntei que fotos ela teria escolhido para colar dentro dos seus álbuns. Será que eles se pareceriam com os meus?

Foi assustador ter a resposta acessível, de repente. Eu só queria trabalhar ali. Torná-lo meu. Torná-lo o quarto escuro da Glory. Acabar com o único lugar secreto de Darla nessa casa. Queria que ela fosse embora para que eu não tivesse mais que me preocupar. Queria ela aqui para me mostrar como fazer isso. Queria as duas coisas.

Na verdade, não queria nenhuma delas. Preferia ter feito parte de uma família entediante de contadores públicos diplomados que usavam ternos. Uma mãe e um pai. Sem precisar de nenhum quarto escuro.

Meu telefone tocou.

“Você comprou?”, Ellie perguntou.

“Merda!”, eu xinguei. “Sim. Foi mal. Tive um dia estranho.”

“Eu sei, tá bom?”, ela respondeu. Não sei o que Ellie quis dizer com isso, mas me perguntei se ela também estaria vendo coisas. O futuro. O passado. Visão de morcego.

“Venha aqui pegar, pode ser? Não posso parar o que estou fazendo.”

“Você está vendo? Quando olha pras pessoas?”, ela perguntou.

“Venha de uma vez.”

Eu alcancei uma pilha de diários de Darla e os puxei para baixo no balcão. Havia três deles. Dois tinham principalmente anotações sobre química. Metol, hidróxido de sódio, brometo de potássio, hidroquinona, tiosulfato de sódio, ácido acético, ácido bórico, etc. Não posso dizer que estava muito interessada em química.

O outro álbum era exatamente como o meu e o do meu pai. Fotos coladas, legendas escritas embaixo delas. Eu o coloquei de lado porque queria lê-lo mais tarde. Não agora. Não com Ellie a caminho.

Caminei pelo espaço e toquei nas coisas sabendo que estava tocando o que ela havia tocado. Abri a porta do secador de impressão. Fechei-a de novo. Abri os dois armários sob a pia e encontrei poeira e fezes de rato, de 13 anos, espalhadas. Virei os botões nos ampliadores e fiz os foles abrirem e fecharem. Reparei num armário no alto da parede atrás dos ampliadores e subi no banco para alcançá-lo. Tinha, na maioria, mais equipamento do quarto escuro. Mais produtos químicos. Mas então vi o canto de algo preto se projetando de trás do armário. Tive que ficar em pé na ponta da bancada para alcançá-lo, mas havia um espaço entre a parede e o móvel – um espaço da largura de um álbum. E nesse espaço havia mesmo um álbum enfiado, preto como os outros. Exceto pelo fato de que esse tinha sido escondido.

Levei um minuto para suspendê-lo dali e, em seguida, descer do banco e inspecioná-lo. Um título estava colado na frente. *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*. Passei os dedos pela fita preta que segurava o título. Era um título estranho. A pergunta implícita parecia tão difícil de responder quanto o porquê Darla tinha dedicado sua vida curta a fazer as fotos durarem mais quando ela mesma não duraria.

Por que as pessoas tiram fotos?



NÃO SOU NINGUÉM ESPECIAL

POR QUE AS PESSOAS TIRAM FOTOS começou com uma página de rabiscos que parecia ser minha. História verdadeira: a letra manuscrita de Darla era exatamente igual à minha. Ótimo!

Ela dizia:

Não sou ninguém especial.

Sou torturada pelo fato de não ser ninguém especial.

Me sinto confortável pelo fato de não ser ninguém especial. Você consegue lidar com isso?

Você consegue lidar com o fato de provavelmente não ser ninguém especial também?

A maioria das pessoas não consegue lidar com isso.

Merda!

Tudo se abriu diante de mim como uma ferrovia gigante. A mulher do shopping cujo neto vai conseguir passar o projeto da Lei do Pagamento Justo estava lá. Meus ancestrais comedores de porcos estavam lá. A rolinha estava lá. Ellie estava lá. Preto Absolut estava lá, asas como um merengue frágil e crocante. Era ali que o trem desgovernado começava a sair dos trilhos. Eu estava dentro do vagão-restaurant desfrutando de um prato de cookies ou coisa assim. Não percebi naquele momento. Mas havíamos subido no trem no sábado à noite quando bebemos o morcego. E esse foi o início da jornada. Bem aqui.

Não sou ninguém especial. Você não é ninguém especial.

A maioria das pessoas não consegue lidar com isso.

Senti pânico – uma necessidade urgente de correr. Me lembrei que em breve Ellie estaria na varanda dos fundos me esperando para pegar o tratamento de chatos que contrabandearia para dentro da comunidade. Então larguei os álbuns e saí do quarto escuro. Quando subi a escada, meu pai tinha derrubado acidentalmente a sacola do shopping que eu havia deixado na beira do sofá. Ele encontrou o vestido... e o tratamento para chatos.

“Tem alguma coisa para me contar?”, perguntou, apontando para a caixa, que estava na mesa de canto.

“Ellie é uma vagabunda.”

Ele assentiu.

“Tal mãe, tal filha.”

Era a última coisa que eu queria ouvir depois de ler o diário maluco da Darla.



JUPITERIANOS

EU NÃO QUERIA VER a Ellie.

Enquanto esperava por ela na varanda dos fundos, olhando para nosso celeiro, constatei que não tinha nenhum motivo lógico para estar brava com ela. Também não sabia por que estava lhe chamando de vagabunda. Tudo que ela fez foi transar com Rick, que calhou de ter chatos. Isso tinha sido somente um azar dela.

“E aí”, ela disse enquanto passava pela porta dos fundos.

“Aqui”, falei, entregando a sacola plástica com o kit contra chatos. Não olhei para ela.

“Posso usar... hum... seu celeiro?”

“Uh.”

“Você também está vendo um monte de merda estranha? É por isso que não está olhando para mim?”

Olhei para ela. Nenhuma visão.

“Vendo que tipo de merda?” Olhei diretamente nos olhos dela. Nada. Ela olhou no fundo dos meus e pude notar que também ficou desapontada.

“Não sei como descrever. Só um monte de merda estranha. Estava falando com a Kyla hoje de manhã enquanto fazia um pouco de mistura de castanhas para a festa, daí olhei para ela e vi todo tipo de coisas estranhas.”

Eu simplesmente dei de ombros, como se isso não estivesse acontecendo com a gente. Como se eu não tivesse nada para falar a respeito. Como se ignorar o problema fosse fazê-lo desaparecer. Dei de ombros porque não confiava em Ellie e não queria compartilhar um superpoder acidental com ela. Dei de ombros porque, até então, dar de ombros havia funcionado comigo em todos os outros aspectos bizarros da minha vida.

“Alô?”

“O que viu quando olhou para ela?”, perguntei.

Ellie franziu a testa.

“Um monte de parentes, acho que seus avós... sei lá.” Ela parou. “Talvez seja apenas ressaca, né?”

“Sim.”

“Vamos ao celeiro.”

O celeiro não era como o celeiro de Ellie na comunidade. Não havia animais, nem ferramentas, muito menos famílias hippies entrando e saindo, infestadas de chatos. Era o estúdio de um artista. Era bem iluminado com claraboias na face norte. E ainda cheirava a pintura a óleo, muito embora meu

pai não pintasse lá há 13 anos.

Desabei no sofá. Ellie tirou a caixa de tratamento de chatos da sacola e leu as instruções enquanto fazia cara de nojo o tempo inteiro.

“Sabe o que pensei sobre a noite passada?”, ela disse. “Estava olhando para as estrelas e pensei que, na verdade, talvez eles sejam jupiterianos.”

Olhei para Ellie como se não tivesse entendido. Porque *não* tinha entendido.

“Tô falando dos chatos. Talvez eles realmente sejam aliens de Júpiter ou de outro planeta e colem informações de seres humanos, ficando de boqueira em cabeças ou, nesse caso, nas virilhas.”

Eu ri e sacudi a cabeça.

“Sério. Afinal, as virilhas *não são* a parte mais importante dos seres humanos?”

“Pensei que você tivesse dito cabeças e virilhas.”

“Exatamente. Cabeças e virilhas. As partes mais importantes dos seres humanos”, confirmou Ellie.

“Então eles vão de humano em humano coletando informações sobre o quê?”

“Sobre tudo! Quer dizer, tudo que eles precisam saber não fica nesses dois lugares?”

“Isso significa que você não vai matá-los?”

“Deixa de bobagem. Vou matá-los agora mesmo. Só acho que seja possível. Certo? É possível que os piolhos sejam realmente aliens vindos de outro planeta.”

“Claro...”

Tudo era possível, inclusive piolhos espíões de outra galáxia. E embora estivéssemos rindo e brincando, não conseguíamos pensar em nada além das visões.

“Estamos ficando loucas?”, Ellie enfim perguntou.

Eu ainda não confiava nela. Não sei bem por quê. Era como se uma cortina tivesse descido entre nós e eu não pudesse realmente vê-la ou me lembrar de quem ela era, ou por que éramos amigas ou por que havia gostado dela um dia. Só queria voltar para o quarto escuro de Darla.

“Estamos?”, ela insistiu.

“Talvez os jupiterianos estejam te enlouquecendo.” Acenei com a mão, dispensando-a. “Vai lá matá-los. Você vai se sentir melhor.”

“Vi Rick com uma mulher ontem.” Ela parou na porta do banheiro.

“Que droga.”

“Era a mãe da Rachel.”

“Que merda. Eles estavam juntos? Tipo, realmente *juntos*?”

“Sim. Vi os dois se pegando pela janela do trailer da Rachel. O cara não vale nada.”

“Ele é um cara desprezível que provavelmente acabou de passar esses jupiterianos para a mãe da Rachel.”

“Que depois vai passá-los para o pai da Rachel.”

“Exatamente”, concordei. “Acho que é tudo um grande ciclo cármico.”

“Droga”, ela xingou. Então mordeu o lábio do jeito que fazia quando estava pensando muito em algo. “Acha que sou uma vagabunda?”

“Não!”, falei. Com um ponto de exclamação. Protestei. Exclamei. Menti.

“Me sinto como uma vagabunda.”

“Isso é uma bobagem. Você dormiu com um cara.”

“Várias vezes.”

“E daí?”

“Enquanto ele provavelmente dormia com um monte de outras pessoas”, ela continuou, seu lábio tremendo um pouco. “Bem, provavelmente não. Quer dizer, hum, com certeza, né?” Ela ergueu a caixa de *jupitericida*.

“E por que isso faria de você uma vagabunda? Até onde eu sei, o vagabundo seria o Rick”

“Mas ele é homem, então tudo bem pra ele. E agora está tudo arruinado, percebe? Eu devia ter esperado, mas não esperei e agora... isso!” Ela sacudiu a caixa.

“Você não é sua virgindade. Você é um ser humano. O estado do seu hímen não tem nada a ver com o seu valor. Entendeu bem? Eles estão ferrando com a gente. Estão ferrando com a gente desde o começo dos tempos.”

“Hímen? Droga, Glory. Isso é profundo.”

“O mundo está ferrado. Vá. Livre-se dos invasores.”

Ela fechou a porta do banheiro e pude ouvir o barulho da água. Ela xingou e deixou um bocado de água escorrer. Tirei uma foto da caixa vazia que ela tinha deixado na mesa de canto. A chamei de *Cuidado Com o Que Você Deseja*.

Me perguntei se, caso olhasse para um jupiteriano, conseguiria ver seu futuro e passado como consegui ver o futuro e o passado da rolinha e das pessoas no shopping. Me perguntei se, caso olhasse para Jasmine Blue Heffner, poderia ver o futuro de Ellie. E por que não conseguíamos ter visões uma da outra? Por que Preto Absoluto, o morcego, estava fazendo isso conosco?

Ellie saiu do banheiro andando como se tivesse cavalgado um cavalo.

“Então, o que você viu?”, perguntei. “Quando olhou para Kerry?”

“Kyla.”

“Sim.”

“Não sei... Vi uma espécie de filme estranho na minha cabeça, como se fosse minha imaginação ou algo do tipo.”

“Você disse que viu os avós dela?”

“Não sei quem eles eram. Eles eram parentes, disso eu sei. Eles se pareciam com ela. Estavam dançando. E então vi Kyla segurando um bebê. Não sei se o bebê era dela. Ela estava mais velha. Parecia que o bebê era dela”, Ellie riu. “É só o efeito da cerveja, né? Fiquei bastante bêbada noite passada.”

“Sim”, eu disse. “Vai passar.”



ELLIE NÃO ERA UMA vagabunda. Ellie era minha única amiga. E eu era uma idiota de pensar toda aquela porcaria conflituosa sobre ela.

Ela foi para casa, livre dos jupiterianos, e me disse que encontraria comigo na festa de observação de estrelas na noite seguinte. Lembrei a ela que talvez me atrasasse por causa da formatura. Isso a fez parar no meio do caminho. Ellie olhou para mim e sorriu. Foi um sorriso dolorido.

“Gostaria de estar lá, de verdade. Não posso perder sua formatura. Você é minha melhor amiga.”

“Não é nada de mais. Te vejo na festa. Sei que eles não te deixam, hã, você sabe.”

“Sair?”

“É.”

“Vou pedir pro meu pai me ajudar nessa.”

“Boa sorte.”

Isso nos fez rir, mas sem alegria. O tipo de risada que me fez perceber que Ellie se sentia excluída. Que ela se sentia como uma louca novamente. E uma vagabunda. E o oposto de livre. Enquanto voltava andando para casa, tentei imaginar qual seria a sensação de ser controlada por Jasmine Blue. Pensei no quanto eu era controlada por uma mãe que nem mesmo estava aqui.

Meu pai estava na cozinha aquecendo dois jantares no micro-ondas. O meu tinha torta de frutas na bandeja de sobremesa, e eu adicionei uma colher de sorvete porque era uma delícia. Quem não comeria torta de frutas com sorvete todos os dias se pudesse? Eu não era ninguém especial e podia comer torta de frutas com sorvete todos os dias se eu quisesse.

Quando o jantar terminou, jogamos nossas bandejas plásticas na lixeira de recicláveis e meu pai voltou para o sofá e seu *note*, enquanto eu seguia para a porta do porão.

“Encontrou algo de interessante lá embaixo hoje?”, perguntou meu pai.

Queria contar para ele sobre o álbum secreto de Darla. Em vez disso, perguntei:

“O que quis dizer quando falei da Ellie e você disse tal mãe, tal filha? Isso quer dizer que a Jasmine Blue era, hã...?”

“Eram os anos 1990.”

“Não era tão diferente.”

“Era diferente quando nós todos nos mudamos para cá.”

“Então ela era uma vadia na época? Foi isso que você quis dizer, não

foi?”

“Jasmine Blue seguia seus instintos. Ainda segue.” Ele riu.

“Ellie não é uma vagabunda de verdade. Ela só arrumou um namorado que é um babaca.”

“Fico feliz que tenha sido remédio e não um teste de gravidez. Digo, pro bem dela.”

“Sim.”

Ele trabalhava em seu computador enquanto conversávamos. Acho que nunca o vi fazendo uma coisa de cada vez. Aposto que ele jamais conseguiria desacelerar o cérebro para meditar. Talvez tenha sido por isso que ele e Darla pararam de frequentar a comunidade.

“Mas então? Foi bom lá embaixo?”, ele perguntou novamente.

“Mal posso esperar para começar a trabalhar. Tenho um rolo de preto e branco para revelar e depois vou arrumar algum papel barato para me lembrar como imprimir. Já faz tempo que tive aula de história da fotografia com o Sr. Wilson.”

“Afffff!” Ele disse isso com um ponto de exclamação. *Afffff!* Como se eu tivesse perfurado um furúnculo ou algo parecido bem na frente dele.

“Que foi?”

“Não compre papel barato. Deixe isso comigo. Vou pedir *on-line*. Confie em mim.”

“Mas eu...”

“Já tem revelador e fixador novo. Coloquei embaixo da pia da cozinha.”

“Uau!” Como ele sabia que eu precisaria disso?

“Costumávamos passar horas lá juntos.”

“Você deve sentir falta dela”, eu soltei. Não sei por que disse isso. Exceto talvez porque fosse verdade. E a verdade permanece.

Ele suspirou.

“Todos os meus dias, Cupcake. Todos os meus dias...” Ele sorriu e olhou para mim, e eu evitei o contato visual olhando para o braço dele. “E você está se formando amanhã... E o tempo simplesmente voou.”

Soa tão conveniente, não é? Eu não ter uma mãe e meu pai ser superlegal quanto a isso e tudo mais. Mas não era desse jeito. O ar estava tenso. Ainda não tínhamos um forno. Minha torta de frutas ainda tinha gosto de radiação, não importava quanto sorvete eu amontoasse em cima. Podia sentir que havia segredos ali. O modo como meu pai falava de Jasmine Blue nos anos 1990. Algo estava prestes a brotar e crescer daquele solo. Podia senti-lo da mesma forma que podia ver a rolinha por toda sua infinitude.



LIVRO DOIS

A CONSEQUÊNCIA DO MORCEGO

Dia de formatura significa que agora você precisa fazer algo com a sua vida. Precisa crescer, comprar seus próprios bilhetes de trem, acumular dívidas de estudante para que possa se tornar parte da engrenagem. Precisa escolher uma especialização. A luz só vem depois disso. Me desculpa por dizer que a formatura é a luz no fim do túnel. Isso é uma mentira.

O MUNDO NUNCA É O QUE PARECE

NO DIA DA FORMATURA, a rolinha não pousou onde eu pudesse ver. Eu podia ouvi-la. Sempre podia ouvi-la. *Tuuu-tuuu-tuuu-tuuu*. Mas não podia vê-la para testar meus poderes mágicos de morcego. Eu fiquei parcialmente aliviada porque, na verdade, não queria ter poderes mágicos de morcego. Desejava que tudo isso fosse coisa do passado, que dormir tivesse me curado.

Escapei para o quarto escuro na primeira oportunidade, enquanto meu pai estava no banheiro seguindo com sua rotina matinal. Abri *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* na próxima página aleatória de rabiscos. Não havia muitos deles. Na maioria, eram fotos com legendas manuscritas, assim como os meus álbuns.

A página dizia:

Sou torturada pelo mundano. Você é mundano. Sou torturada por você.

Sou torturada por comer, beber e dormir. Sou torturada por escovar os dentes. Sou torturada pelos pratos que sempre estão na pia, mesmo quando eu os lavo quatro vezes em um dia. Sou torturada pelo arroz basmati, por macarrão de ovo, pelos malditos peitos de frango desossados. Sou torturada por caldo de carne, sal e pimenta. Sou torturada por comidas rápidas. Opções limitadas. Presunto e queijo. Manteiga de amendoim e geleia. Sopa e sanduíche. Saladas.

Isso está certo? Você está bem? Você também é torturado?

Merda. Merda. Merda. Merda.

Li aquilo mais três vezes. Me fiz a pergunta. *Você também se sente torturada?*

Sente?

Puxei meu próprio álbum e escrevi a resposta.

Também sou torturada. Sou torturada pela gordura da cintura e por capas de revistas sobre como agradar a todo mundo menos a mim mesma. Sou torturada pelas pessoas-ovelhas que clicam em qualquer coisa que garanta uma perda de 5 kg em uma semana. A ovelha que se ajoelhará se isso significar que alguém irá gostar mais dela.

Sou torturada pela minha incapacidade de querer passar tempo com pessoas desesperadas. Sou torturada pelo maldito livro de formatura cheio de bobagens. Quando te conheci. Sentirei saudade dessa época. Mantereí contato. Melhores amigas para sempre.

Isso está certo? Você está bem? Você também se sente torturada?

Tinha que estar na escola para a formatura às 11 horas, então não tinha mais tempo de ler ou escrever. Não estava com vontade de ir à formatura. Não estava com vontade de fazer nada disso. Não queria o capelo e a beca, o estandarte exagerado com o bronze 14, a fala de congratulações dos professores. Queria apenas ficar ali o dia inteiro lendo o álbum *Por Que As Pessoas Tiram Fotos da Darla*.

Porque eu *era* torturada. Por perguntas cujas respostas podiam estar dentro do álbum dela. Pelos demônios morando por toda a minha casa. (Dica: Verifique no freezer.) E também por comidas rápidas. Eu odiava sanduíches e saladas e tudo o mais com cara de lanche. Quando li aquela parte, senti como se alguém finalmente tivesse me entendido. Mas talvez odiar comidas rápidas fosse outro passo na direção do... Você sabe.

Virei a página e encontrei a foto de uma mulher nua, a foto rasgada na altura dos ombros. Não era como o material que Markus Glenn havia me mostrado em seu notebook no sétimo ano. Não era como nenhuma foto que Darla já tinha tirado. Era colorida. Focada com suavidade. Calorosamente colorida. A cortina de fundo estava enrugada e próxima demais da mulher. A iluminação era desagradável e projetava sombras profundas.

Acima da foto Darla escreveu: *Por que alguém faria isso?*

Embaixo da foto Darla escreveu: *O mundo nunca é o que parece.*

Virei para a próxima página sem estar realmente preparada para o que estava por vir. Era a foto de um homem sem cabeça porque ele a havia estourado com a arma que repousava ao lado dele na cama.

Acima da foto, Darla escreveu: *Por que alguém faria isso?*

Embaixo da foto Darla escreveu: *Decidi chamá-lo de Bill.*

Encarei a foto por um longo tempo.

Bill conservava a mandíbula, uma pequena parte do ouvido e a barba. Era só isso que realmente havia sobrado de sua cabeça. Sua mandíbula estava estourada, estava duas vezes mais larga do que devia ter sido, e o ouvido e a queimadura conectando os dois estavam pegajosos, marrons e fundos, como se a cabeça estivesse tentando compensar a falta de si mesma, ou tentando preencher as partes que faltavam e estavam espalhadas por todo o quarto. Sua camisa de flanela parecia nova, como se tivesse sido passada aquela manhã. Estava preta do seu sangue, mas eu conseguia ver a estampa da flanela por sob a umidade.

Ele parecia um homem grande. Com aquela cabeça, diria que tinha mais de 1,80 m. Talvez 1,85 m ou 1,90 m. Ao lado dele havia uma espingarda sei lá de que modelo. Eu não entendia de armas. Éramos pacíficos por aqui, na terra não consumista dos artistas e loucos hippies esquisitos. Nem chegávamos a trancar

nossas portas.

Olhei de novo para a foto da mulher nua com a cabeça rasgada. Ela tinha a mesma pergunta da foto do Bill. *Por que alguém faria isso?*

Me preparei para o conteúdo da próxima página, mas tudo que havia era o histórico químico do banho de interrupção. O banho de interrupção é o ácido que interrompe uma impressão em gelatina de prata de se revelar no revelador. A ordem da impressão simples é: revelador, banho de interrupção, fixador, enxágue. Quando você coloca um pedaço exposto de papel no revelador (alcalino), ele continuará a revelar até que você o coloque no banho de interrupção (ácido). O banho de interrupção de trabalho desejado por Darla era 0,85% ácido acético.

Aparentemente, Darla estava estudando a história do ácido acético. Achei-a entediante e me atrasaria para a formatura se não subisse as escadas, tomasse banho e me arrumasse, então fechei o livro e o coloquei de volta em seu esconderijo. Mas não conseguia tirar Bill da minha cabeça. E pelo visto Darla também não conseguiu.

Se houvesse um banho de interrupção – um tipo de banho de interrupção emocional para pensamentos como aquele –, Darla ainda estaria viva? E se sim, qual seria o banho de interrupção?



Depois de um banho e um pouco de ioga de relaxamento forçado que não funcionou muito e só me fez sentir um fracasso em yoga e relaxamento, desci as escadas e me joguei ao lado do meu pai, que estava trabalhando em seu notebook no sofá, tentando orientar três clientes *on-line* de uma só vez. Encarei a tela, evitando olhá-lo nos olhos, o que era fácil naquela posição.

“Esse aqui nem sabe o que a palavra *reiniciar* significa”, ele comentou. “Devia existir um teste antes de alguém receber permissão para comprar um computador.”

Observei meu pai enquanto ele digitava e depois clicava e então digitava novamente. Ele era bonito, severo, inteligente... Muito inteligente. Inteligente o suficiente para saber que não devia estar no sofá lidando com pessoas que não sabiam o que *reiniciar* significava.

“Ellie ligou”, disse ele. “Ela vai te encontrar na escola.”

“Ah... Você ofereceu uma carona pra ela?”

“Sim. Ela disse que tinha arrumado uma.”

Olhei para a tela pendurada na parede. *Mulher*. Olhei para as curvas, o rosto singelo, a pele pálida, a pose relaxada. Olhei de volta para meu pai no sofá, digitando. Pensei nas fotos de Darla. A mulher sem cabeça. O homem sem cabeça. Tentei entender o que aquilo significava. Queria perguntar ao meu pai onde Darla havia tirado a foto de Bill, o cara morto. Queria perguntar se Darla tinha sido alguma espécie de fotógrafa de cenas de crime. Queria saber onde havia conseguido a foto da mulher nua e, agora, sem cabeça.

Mas era o dia da formatura. Não queria arruinar isso. Então, disse algo que queria dizer ao meu pai desde o nono ano, e seria a última vez que diria

aquilo.

“Pai?”

“Sim”, ele disse, digitando alguma coisa.

“Quero que você volte a pintar.”

“Uhum.”

“Não. Tô falando sério.”

“Você vai pagar as contas?”

“O fundo fiduciário vai pagar as contas e você sabe disso.”

Isso era verdade. Éramos proprietários da casa. Não comprávamos muita coisa. Mal usávamos nossos telefones. E o fundo fiduciário era grande da última vez que eu espiei o extrato bancário que não devia estar xeretando.

Apontei para as fotos da minha mãe.

“Vê aquela parede?” Uma sequência de cenários dos quais, na verdade, eu nunca gostei. Eles eram sem graça. Não me importava quanto tempo eles durariam, em como as zonas estavam representadas ou quão meticulosamente haviam sido enquadrados. Quem dá a mínima para um toco de árvore e um tríptico de pedras grandes? “Quero um Roy O’Brien naquela parede. Algo que grite para mim. É o que eu quero.” Não contei a ele sobre as pinturas alemãs de fornos expressionistas na minha cabeça.

“Tenho que voltar ao trabalho”, ele respondeu.



LIBERTE-SE, TENHA CORAGEM.

“O QUE ACONTECEU com você?”, perguntei a Ellie.

Ela estava em pé, sozinha, no estacionamento da escola e, assim que estacionei, veio até a porta do lado do motorista logo que saí do carro. Tinha coisas escritas em seus braços por todo lado com caneta marca-texto preta. Seu cabelo estava molhado de suor, e havia algum tipo de detrito nele.

“Acho que não posso ficar”, ela disse, piscando muito e olhando compulsivamente para o asfalto sob nossos pés no estacionamento nos fundos da escola.

Segurei minha beca, que estava dentro de um saco plástico de limpeza a seco, por cima do meu braço esquerdo e estendi a mão direita para ela.

“Esse foi o dia mais maluco da minha vida.”

“Você tá bem? O que aconteceu?”, perguntei. Parecia que ela tinha levado uma surra.

“Estou bem.”

“O que é isso?”, perguntei e aponte para os braços dela.

Ela ignorou a pergunta e disse:

“Vi tantas coisas hoje, Glory. Coisas estranhas.”

“Eu sei. Eu vejo também, se esqueceu? É legal.”

“Não é legal!”, ela gritou. “Não é legal!”

“O que você viu?”

“*Tudo*. Pessoas transando ou pessoas morrendo ou pessoas nascendo ou... não sei. Coisas estranhas.”

“Como o futuro?”

“Sim.”

“Mas não consegue ver o meu, não é?”

Ela olhou no fundo dos meus olhos.

“Não.”

“Como chegou até aqui?”, perguntei.

“Vim andando.”

Morávamos a mais de seis quilômetros de distância.

“Veio andando?”

Ela esticou os braços encolhendo os ombros. Consegui ler o que ela havia escrito por dentro do seu antebraço esquerdo. *Liberte-se. Tenha coragem.*

“Não sei o que fazer com isso, com essas coisas que estou vendo. Não sei o que nada disso significa.”

“Talvez não signifique nada.”

“Significa algo. Tenho certeza.”

Ellie olhou para a mensagem escrita em seus braços, e tive a sensação de que aquela não era uma mensagem para ela – talvez fosse uma mensagem destinada a mim.

“Preciso ir”, eu disse.

Ela assentiu.

“Basta não olhar para as pessoas. O truque é esse. Conversamos mais tarde”, acrescentei.

Ela assentiu de novo, rapidamente, como se estivesse drogada ou algo parecido. Então foi embora pelo mar de carros. Caminhei na direção do ginásio.

Visão de Jody Heckman, baliza líder e presidente do conselho estudantil: *sua bisavó foi atacada por doze soldados na Alemanha nazista. Sua bisneta terá o mesmo destino na Segunda Guerra Civil dos Estados Unidos.*

Desviei o olhar. *Segunda Guerra Civil?*

Vesti minha beca branca e prendi o capelo com dois grampos que peguei do tubo gigante de grampos de cabelo na mesa da frente. Depois ocupei meu lugar em ordem alfabética, entre Jason Oberholtzer e Ron Oliveli, e fiquei lá, em um tipo estranho de limbo, olhando para os ladrilhos de linóleo.

Pensei no quarto escuro de Darla. Pensei nas fotos que revelaria e imprimiria naquele verão. Pensei no modo como tudo tem etapas: minha relação com meu pai, minha relação com Ellie, minha relação com esse dia: o dia de formatura.

Era exatamente como revelar fotos: revelador, banho de interrupção, fixador, enxágue. Existem etapas.

Existe um momento na vida de cada fotografia em que ela já foi exposta, mas não revelada. A luz do ampliador já brilhou pelo negativo e deixou sua impressão no papel, mas sem a mágica do revelador, o papel permanecerá branco e ninguém jamais verá qual é a impressão.

Em pé na cafeteria entre Jason e Ron, me senti como aquele pedaço de papel. Exposto, mas não revelado. Potencial sob a superfície. Em branco. Ao mesmo tempo, sabia que se olhasse para cima e cruzasse meu olhar com qualquer um dos meus colegas de turma, aprenderia mais sobre eles do que qualquer um deles jamais saberia sobre si. Queria fazer aquilo e ao mesmo tempo não queria. Pensei sobre a possibilidade de uma segunda guerra civil e, em vez disso, decidi dar uma olhada no programa da graduação.

Foi só quando comecei a andar na direção da fila única do estádio de futebol que percebi que a maior parte das pessoas era exatamente como eu, exposta, mas não revelada. Reservados. Assustados. Decidi que devia afundar o público no revelador psíquico e ver o que o morcego queria que eu visse.

Visão da Sra. Lingle, a secretária da escola: *seu pai costumava jogar tênis todos os dias até que precisou trocar seu joelho e agora se sentia um inútil.* Visão do Sr. Knapp, o professor de artes industriais: *sua neta tocará piano no Carnegie Hall e, apesar disso, ela se sentirá um fracasso absoluto.* Visão do meu pai, que estava nos degraus enquanto descíamos em direção ao palco montado no gramado do campo de futebol: *seu avô costumava chamá-lo de Roy, o Garotão, porque ele era o único garoto entre vinte primas. Sua mãe sempre pensou que por*

ser o único menino ele acabaria mimado. Então tentou conter qualquer sinal de afeto tanto quanto foi possível, até que finalmente ela foi embora e nunca mais voltou. Visão de um parente aleatório que tirava fotos da lateral: sua mãe está morrendo em uma casa de repouso do outro lado da cidade. A mãe dela era uma enfermeira que trabalhava para ajudar pacientes de envenenamento de radiação no Japão, em 1925, após os Estados Unidos lançarem a bomba atômica em Hiroshima. A bomba se chamava Little Boy, o garotinho.

Olhei para baixo. Por todo caminho até o corredor, até minha fileira, então me sentei e continuei olhando para baixo.

Quem, afinal, daria o nome de *Little Boy* a uma bomba de 4.400 quilos?

O morcego queria que eu perguntasse isso. Ele me mostrava o que queria me mostrar. Me mostrava o que ele sabia que eu queria ver. Por que ele queria que eu visse tanta dor? Por que eu não podia ver nada caloroso, acolhedor e emocionalmente agradável? Mas agora, eu queria ver tudo. Eu queria ver tudo.



A FORMATURA ERA um teste de resistência. Jovens pegam diplomas, apertam a mão do diretor e, para fazer piada, deixam um pirulito em segredo. Os bolsos dele incharam depois de receber quarenta pirulitos. Tínhamos uma turma de 343 alunos. Ele teve que começar a esvaziá-los no palco a cada intervalo de algumas fileiras. Não peguei um pirulito quando saía da cafeteria. Não faria um trote com o diretor.

Gerald Faust, nosso residente estrela de reality show, pegou seu diploma com o rosto pintado como o de um índio nativo americano. Ele empurrou uma garota em uma cadeira de rodas, que eu nunca tinha visto antes, pela rampa de maneira improvisada do lado direito do palco. Ela deu um pirulito ao diretor.

Em determinado momento, durante a espera interminável dos nomes com a letra M, olhei nos olhos de um garoto em pé no corredor, que esperava para subir no palco. Nunca o tinha visto antes. Ele tinha os olhos castanhos mais lindos que já vi.

Visão dos Lindos Olhos Castanhos: *seu avô escapou de Cuba em 1960 e sobreviveu até hoje. O avô de seu avô foi morto pelo Partido Independiente de Color de Cuba em 1912, lutando pelos direitos dos afro-cubanos. Seu neto também morrerá lutando por direitos na Segunda Guerra Civil.*

Sorri timidamente diante do menino de lindos olhos castanhos e voltei a estudar meu programa. Folheei a lista dos 343 formandos. Alguns tinham asteriscos após seus nomes. Alguns não. Se eu desfocasse minha visão, todas as letras se misturavam formando um grande borrão de tinta azul.

Não sou ninguém especial. Você não é ninguém especial. Pode lidar com isso? A maioria das pessoas não consegue lidar com isso.

Sou torturada pelo mundano. Você é mundana. Sou torturada por você.

Olhei para meus sapatos Doc Martens. Eu os lustrei e comprei novas meias soquetes brancas. Ninguém podia ver meu vestido sob a beca, mas eu o sentia ali, um tamanho maior, me tornando menor, me encolhendo até o tamanho de um morcego.

Quando finalmente chegou a hora da nossa fileira subir, me levantei, ajeitei minha beca e respirei fundo. Pensei em Darla. Imaginei Bill, o homem sem cabeça. Imaginei o corpo nu sem cabeça da página anterior no livro de Darla. *Por que alguém faria isso?*

Pensei no *Dia da Letra N*. Pensei em como meu ensino formal começou ali, naquele dia, e como ele terminaria hoje. De agora em diante, não manteria minha vida em segredo. Seria um ser humano normal, se é que existia isso. Seria

livre. Vida, liberdade e independência. Eu voaria.

Talvez seja isso que *Liberte-se e Tenha coragem*, signifique. Após a cerimônia estúpida, falaria sobre isso. Darla. Suicídio. O que quer que me ajudasse a seguir em frente. O que quer que me fizesse parar de pensar que estava condenada. Eu não estava condenada. Estava? Eu não era mais um caso de tal mãe, tal filha. Ou era?

Disse aquilo na minha cabeça, mas por baixo disso tudo havia química, genética e perguntas que nunca haviam sido respondidas. Perguntas que eu jamais havia feito.



Fomos levados ao palco como peças mecânicas. Éramos uma esteira do futuro. Éramos uma linha de montagem do futuro. Recebemos nossos diplomas, paramos para encarar o público e eles receberam avisos para não aplaudir antes do fim, mas alguns aplaudiam mesmo assim.

Ouvi meu pai gritar:

“Cupcake!”

Ouvi Ellie, de algum lugar:

“Muito bem!”

Sorri e olhei para o diretor. *Seu descendente distante morrerá na Quarta Guerra Mundial no século XXIV, porque seus irmãos fecharão a porta do abrigo e o deixarão de fora. História verídica: quanto mais rápido você entra em um abrigo, menor é o envenenamento por radiação. Mesmo se você trancar seu próprio irmão do lado de fora.*

Parei e olhei para a multidão, e ouvi um ruído estático de proporções épicas. A tagarelice de milhares de infinitudes, tudo de uma vez. Vi homens das cavernas e estações espaciais. Vi guerras combatidas em cavalos e guerras combatidas com torpedos de fótons.

Olhei para baixo, desci pelos degraus à direita e assumi meu lugar na linha de montagem. Seguimos em fila de volta pra nossa fileira, nos esgueiramos para nossos lugares e nos sentamos conforme programado. Como cães. Como cães bem treinados.

Estávamos na metade dos nomes com *W* quando vi Ellie caminhando por trás das arquibancadas vazias mais distantes, porque ficavam atrás do palco. Ela encontrou um lugar na sombra embaixo do centro das arquibancadas e se sentou. Então ficou em pé e começou a desenhar algo na parte de baixo dos assentos, um depois do outro.

Eu a observei fazer isso até chegarmos ao nome de Deanna Zwicky. Então pediram que a Turma de 2014 ficasse em pé e agitássemos nossos estandartes de um lado para o outro, e nos lembraram pela décima vez para não jogar os capelos para cima porque nossos barretes poderiam machucar o olho de alguém.

Preto Absoluta, o morcego, me mostrou como éramos macacos obedientes. Me disse para adivinhar o que Ellie escrevia sob as arquibancadas.

Liberte-se. Tenha coragem. Que era algo legal de se fazer se você não é

ninguém especial.

Olhei para as costas das mais de trezentas cabeças e pensei: *que dia perfeito para entender isso.*

Se Preto Absoluto, o morcego, tivesse controle total, teria me levantado da cadeira bem na hora e gritado seu recado. Teria corrido para o palco e entoado isso no microfone. Teria superado todos os discursos imbecis que havia escutado naquele dia.

Meu discurso teria sido sobre a nossa natureza. Seres humanos.

Como somos um bando de animais autocentrados. Teria chamado meu discurso de: *Vocês são mundanos.*



CHEQUE NOMINAL A

“VOCÊ ME OUVIU gritar?”, meu pai perguntou.

“Todos esses anos para planejar o que gritar na minha formatura e você escolheu *Cupcake*”, eu disse, abraçando-o.

Ele me deu um cartão.

“Pra abrir agora ou depois?”, perguntei. Olhamos no fundo dos olhos um do outro.

Visão do meu pai: *um ancestral seu uma vez matou um homem por causa de um ovo cozido. Sua esposa estava grávida e faminta. Ela teve uma menina.*

“Os dois. Mas se abrir agora, talvez ele te faça sorrir.” Somente quando meu pai disse isso eu percebi que não tinha sorrido até agora.

Não sei há quanto tempo. Talvez 13 anos. Fiz questão de erguer os cantos da minha boca e deslizei o dedo pelo envelope azul celeste e o rasguei na parte de cima.

Para Minha Formanda...

Havia uma fotografia em preto e branco de uma formanda na frente e um cheque de cinquenta mil dólares. Fechei o cartão por impulso assim que vi a quantia escrita na linha embaixo de Cheque Nominal A. Então o abri novamente e espiei. Ainda dizia cinquenta mil dólares.

“Meu Deus!”, eu exclamei.

Meu pai me puxou para o seu lado, me abraçou e me beijou na cabeça. Eu não sabia o que fazer.

Peguei o cartão, o coloquei no grande bolso quadrado do meu vestido Dust Bowl e abracei meu pai... Depois o abracei mais um pouco, para só então me preocupar sobre como gastaria cinquenta mil dólares. Parei de me preocupar, olhei por sobre os ombros do meu pai e cruzei o olhar com a avó de alguém.

Visão da avó aleatória: *seu bisneto vai sair de casa e nunca mais vai falar com a família... e um dia encontrará uma brecha no projeto da Lei do Pagamento Justo. E essa brecha vai desencadear uma maré de insanidade.*

“É muito dinheiro”, disse ao meu pai. “Não posso aceitar.”

“Você pode e vai aceitar. Sua mãe queria que você recebesse o dinheiro. Você não a conheceu, mas uma coisa eu posso te dizer: ninguém contraria sua mãe.”

Eu queria dizer: *Ou ela vai enfiar a cabeça no forno e te obrigará a viver de comida radioativa para o resto da vida.*

Em vez disso, toquei no cartão por cima do tecido grosso de algodão. Em vez disso, tive vontade de vomitar, porque ser cínica não estava funcionando. Minha mãe tinha morrido. Estava morta havia 13 anos e isso era triste. Não só para mim, mas também para o meu pai. Eu o abracei novamente e foi um abraço de verdade, não batidinhas nas costas ou piadinhas. Ele me abraçou da mesma forma. Foi nosso primeiro abraço de verdade como adultos ou algo parecido.

“Precisamos conversar mais sobre as coisas”, sussurrei em seu ouvido.

“Tudo bem.”

“Estou um pouco perdida, mas acho que vou ficar bem”, eu disse. Em seguida, me afastei e o olhei nos olhos.

Visão do meu pai: *suas irmãs não telefonavam muito para ele. Seus amigos não telefonavam muito para ele.*

Tentei ver seu futuro. Meu futuro. Qualquer coisa que suportasse aquela besteirada que havia acabado de dizer sobre estar perdida e estar bem. Mas não havia futuro quando olhei para ele.

“Acho que esse cheque pode te ajudar a enxergar suas opções.”

Olhei em volta para os outros formados e seus pais, e duvidava muito que algum deles estivesse andando por ali com conhecimento da segunda guerra civil e cinquenta mil dólares no bolso. Duvidava que algum deles tivesse um sentimento intenso de que poderiam morrer a qualquer minuto.

A multidão de formados e parentes deu gritos aleatórios de alegria, alívio ou camaradagem de time de futebol. Algumas pessoas tentaram passar por nós, e eu e meu pai éramos constantemente separados por gente que dizia: *Posso cortar por aqui?*

Era como se as outras famílias fossem fortes demais para servirem de atalho, mas a nossa tivesse uma via expressa.

“Se importa se eu der o fora daqui?”, papai perguntou cerca de quatro minutos depois.

“De boa.”

“Não é muito minha praia, sabe?” Ele se referia às pessoas. Pessoas não eram muito sua praia.

“Também vou embora logo. Assim que devolver minhas coisas. Apareço em casa mais tarde.”

Fiquei lá ainda negando o fato de ter cinquenta mil no bolso e olhei em volta. Tentei achar Ellie, mas ela não estava lá. Havia muita gente entre mim e as arquibancadas mais distantes, caso ela ainda estivesse por lá.

Eu ainda tinha a visão de morcego. Não gostava das visões, mas queria descobrir mais. A próxima guerra civil, o futuro da nossa galáxia, o horror do nosso passado... Entrei e saí das infinitudes das pessoas. Perguntei a Preto Absoluto, o morcego, se ele poderia me mostrar algo divertido ou agradável pelo menos uma vez.

O pai dela conheceu John F. Kennedy. O pai de seu tio-avô foi um político e ajudou a encerrar a Lei Seca local. Seu descendente distante será o designer de

interiores da primeira estação orbital da Terra, chamada Lincoln. Ele escreverá Lincoln errado nos diagramas, deixando o segundo L de fora. Seu neto descobrirá o gene que causa a estupidéz e será preso ao sugerir que ele seja eliminado. Sua sobrinha-neta dará à luz a um homem chamado Nedrick, o Moralista, que vai deflagrar a Segunda Guerra Civil, que dividirá o país em dois: a Nova América, onde Nedrick reinará com o apoio de seus comparsas em cargos políticos e com seu estoque de armas enviado de milícias duvidosas do mundo inteiro para ajudar a destruir o país mais poderoso da Terra; e a Velha América, que terá apoio da maior parte do mundo porque é horrível ver um país potencialmente grande regredir. E porque moralismo é irritante.

Uma Segunda Guerra Civil? O que nos levaria até isso outra vez?

Enquanto olhava de pessoa para pessoa e descobria mais sobre os mínimos detalhes, me sentia poderosa e, ainda assim, inútil. Eu tinha conhecimento. Talvez. Ou talvez fosse louca. 50% Darla. Um morcego. Deus.

O que quer que estivesse acontecendo, decidi, lá no estacionamento úmido e abarrotado, que usaria minhas visões para escrever a história do futuro.



ACREDITA NISSO, GLORY?

A HISTÓRIA DO FUTURO tinha um fim parecido com o nosso começo. Vi aquilo quando olhei para Júpiter duas noites atrás.

A história do futuro começou com uma grande explosão que fez Little Boy, a bomba atômica de 4400 quilos que não era um forno de micro-ondas nem um celular, parecer com um forno de micro-ondas ou um celular. Chame-a de *big bang*, dê o nome que quiser. Somos todos feitos de pó de estrelas e voltaremos a ser pó de estrelas, como um palíndromo cósmico. Nós nascemos e morremos. Potencialmente, somos todos pó de morcego em potes de conserva. Misturados a cerveja, podemos causar alucinações e a urgência de escrever em nós mesmos com canetas marca-texto.

A história do futuro teria de ser escrita de uma forma diferente dos meus outros álbuns. Ela vasculharia o mundaréu de informações que eu estava vendo e extrairia os fatos importantes. Seria algo que as pessoas no futuro tivessem como ler, para que pudessem entender o que aconteceria.

Antes que eu conseguisse sair da cafeteria, Stacy Cullen veio até mim e me abraçou, como se fôssemos melhores amigas. Stacy e eu estudamos juntas no primeiro ano. Agora estávamos nos formando juntas. Ela tinha lágrimas nos olhos.

“Acredita nisso, Glory?”

Olhei para ela. A visão que tive foi terrível.

“Eu sei, eu sei. Também não sei o que dizer”, ela continuou. “É tudo tão incrível.”

“É”, eu disse. “Incrível.”

“Quando nos dermos conta, vamos estar nos formando na faculdade, nos casando e essas merdas todas.”

“Claro”, eu disse, sem tirar meus olhos de sua infinitude.

Ela parou e pareceu envergonhada.

“Sinto muito”, ela disse.

Não fazia ideia de por que ela sentia muito. Eu sentia muito mais por ela.

Visão de Stacy: *seu filho mais velho vai morrer na hora em uma colisão de frente com um motorista bêbado que adormecerá no volante na Rota 411. Será no verão. Seus dois filhos mais novos nunca vão superar a perda do irmão. O mais novo vai se mudar para Idaho e nunca mais voltará para casa. O garoto do meio lhe dará duas netas, que serão roubadas durante a Segunda Guerra Civil, o que será uma prática comum durante o reinado de Nedrick, o Moralista.*

“Realmente sinto muito, Glory”, ela disse outra vez.

“Sem problema, sério”, eu disse, triste por suas netas.

“Não quis esfregar isso na sua cara.”

Foi quando percebi que ela estava falando da faculdade. Acho que era isso que pessoas normais, gente que não havia bebido Deus, pensava numa formatura: futuro, faculdade, casamento, vida adulta...

“Você não esfregou nada na minha cara”, eu respondi. Então senti o peso de cinquenta mil dólares no meu bolso. “Só quero tirar um ano para pensar na vida. Só isso.”

Ela assentiu nervosamente, olhando para a porta através de mim.

“Está certo. Bem, boa sorte!” Outro abraço. Então ela partiu.

Fui deixada lá em pé olhando para a multidão de outros formados devolvendo suas becas, pensando em faculdade, futuro, casamento e vida adulta. Todos eles pareciam felizes de estar na esteira da vida. Eles não sabiam nada a respeito da Segunda Guerra Civil.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

Eu me chamo Glory O'Brien e estou escrevendo este livro porque algo vai acontecer. Algo ruim.

Eu sei de coisas. Não posso dizer como eu sei essas coisas, mas eu sei e estou escrevendo tudo aqui, caso algum dia alguém queira saber o que eu sei. Estamos no ano de 2014. As coisas ruins vão acontecer em 50 anos, mais ou menos.

Pelo que posso ver, e não posso ver tudo, os problemas vão começar com o projeto da Lei do Pagamento Justo... ou, mais precisamente, com uma brecha que alguém encontrará para evitá-lo.

Esse projeto será uma lei federal que finalmente exigirá que os empregadores paguem às mulheres a mesma quantia que pagam aos homens, por executarem os mesmos trabalhos. Isso, ou algo parecido, ronda a mente de alguns legisladores desde o final do século XX, mas nunca chegou a se concretizar.

A brecha no projeto da Lei do Pagamento Justo será simples: como os estados podem se certificar de que não serão obrigados a pagar as mulheres de forma justa? Tornando o trabalho feminino ilegal. Gênio.

Levará apenas um mês para a câmara explorar a brecha no projeto da Lei do Pagamento Justo e aprovar o projeto da Lei da Proteção da Família.

Uma semana depois, quando o governador assinar a aprovação, as deputadas e senadoras serão escoltadas para fora de seus escritórios e não terão direito de apelar.

Desse dia em diante, será ilegal para as mulheres trabalhar em seu próprio estado. Mesmo como garçonete. Até como dançarina de boate, ou como vendedora de maquiagem da Avon.

O governador dirá que foi uma vitória para as famílias.



A MAIORIA DAS PESSOAS NÃO CONSEGUE LIDAR COM ISSO

ELLIE ESTAVA NO meu carro. Não fazia ideia de como ela tinha entrado nele, porque estava trancado. Ainda parecia estar ficando louca, o que era evidente pelo fato de estar sentada no meu carro com as janelas fechadas em um estacionamento quente. Devia estar uns 38 graus ali dentro.

Abri a porta e sentei no banco do motorista.

“Oi.”

“Quero que isso passe”, ela disse.

“Estou vendo uma guerra civil. E outras coisas. Hoje vi uma guerra intergaláctica com torpedos de fótons. Acho que é bem legal.”

“Estou vendo coisas com as quais não me importo.”

“Tipo?”

“Gente pelada.”

“Gente pelada?”

Olhei para Ellie e notei que ela tinha colocado seu vestido favorito, mas havia deixado os botões da frente abertos. E que ela não estava usando sutiã. Pensando agora, não sei se alguém na comunidade usava sutiã. Talvez sutiãs também fossem como bombas atômicas.

Olhei para baixo para meu vestido de algodão anarruga Dust Bowl e minhas meias soquetes. Sabia que não podia competir, mas nunca quis competir. Gostava do quanto minhas pernas eram brancas. Planejava deixá-las protegidas do sol, passando todo o meu verão no quarto escuro, me transformando em Darla. Não me lembrava das pernas de Darla, mas tinha visto fotos, e nessas fotos suas pernas também eram brancas. Ela tinha joelhos bem ossudos. Somente ali, no dia de formatura no carro com Ellie, eu percebi que também tinha joelhos ossudos. Quando pensei a respeito, ninguém que eu tivesse visto na TV, em uma revista ou num outdoor tinha joelhos brancos ossudos ou um vestido Dust Bowl.

“O que faremos?”, perguntou Ellie. “Não posso evitar as pessoas pro resto da minha vida.”

Eu podia, é claro. Podia evitar totalmente as pessoas pro resto da minha vida.

“Relaxa. Vai ficar tudo bem. Tudo isso está acontecendo por um motivo.”

“Estamos enlouquecendo por um motivo? Que porra é essa? Peguei chatos de um babaca por um motivo? Tenho quase 18 anos e não tenho um diploma de ensino médio por um *motivo*?”

Dei marcha à ré no carro.

“Bem, se você não consegue relaxar, pelo menos cale a boca. Ou talvez me dê *parabéns* ou diga algo adequado. Ou simplesmente algo que não seja loucura”, eu disse. “Porque você não está louca, sabe. Também vejo coisas, ok? Você não é nem um pouco especial.”

Ela pareceu se ofender.

“Não sou nem um pouco especial?”

“*Eu* não sou especial. *Você* não é especial. Consegue lidar com isso? A maioria das pessoas não consegue.”

“Merda!”, ela xingou.

Então saí da vaga, dirigi para a saída do estacionamento e fiquei empacada no engarrafamento estúpido pós-cerimônia que havia se formado enquanto eu jogava conversa fora com Stacy Cullen. Devia ter ido embora com meu pai, que com certeza estava em casa agora, dentro de uma camiseta psicodélica e um par de bermudas de pijama bem confortáveis, sentado no sofá com seu notebook.

“Parabéns”, ela disse, enfim.

“Obrigada.” Pensei em como Ellie não seria mais minha amiga em breve. Como eu planejava dar um jeito de me afastar dela. Como ela não conhecia o meu grande segredo – me tornar Darla.

Apontei para os braços dela.

“De onde tirou essa ideia? Liberte-se, tenha coragem?”

“Não sei. O morcego que me deu. Sábado à noite, lembra?”

Ficamos em silêncio por um minuto. Após um tempo, ela disse:

“Devíamos contar a alguém.”

“Ninguém acreditaria em nós se contássemos.” Coloquei o carro em ponto morto e esperei o trânsito fluir. Peguei minha câmera e tirei uma foto dos braços da Ellie. Eu a chamei de: *A Consequência do Morcego*.

Assim que consegui escapar do trânsito e entrei numa pequena rua que nos levaria para casa, Ellie começou a falar bobagens e eu comecei a montar uma linha do tempo na minha cabeça. Se as netas de Stacy Cullen seriam sacrificadas na Segunda Guerra Civil, então isso aconteceria meio que no fim do século XXI, dependendo de quando as pessoas têm filhos, eu acho. Elas pareciam novas, como a maioria dos pais nas visões – como todas aquelas fotos antigas do leste, em que as filhas são vendidas como adolescentes para os homens. Era assim que se pareciam.

Aquilo me assustou e, ainda assim, parecia um projeto que valia a pena documentar, mesmo que fosse uma reação alucinógena ao morcego. O que mais eu tinha para fazer?

Antes do Preto Absoluto, o futuro parecia entediante e não havia muito para pensar a respeito. Após Preto Absoluto, era como se eu estivesse olhando um negativo, uma pilha de papel fotográfico, um frasco cheio de emulsão, um pincel e bandejas cheias de produtos químicos. Havia tanto a ser feito.

Tanto a ser feito.



NÃO CONSEGUI PENSAR NUM TÍTULO

QUANDO CHEGAMOS, Ellie foi para a casa dela e eu disse que a encontraria mais tarde na festa de observação de estrelas. Meu pai estava posicionado no sofá, notebook enfiado em seus joelhos, e falou um monte de coisas animadas para mim enquanto eu subia a escada para me trocar. Olhei para mim mesma no vestido de algodão anarruga pela última vez antes de tirá-lo. Tirei os cinquenta mil dólares do bolso e coloquei o cartão e o cheque na minha mesa.

Olhei para ele. Encarei os números. 5, 0, 0, 0, 0. Tirei uma foto dele, mas não consegui pensar em um título. Esse era o presente de formatura que Darla havia me dado.

Não pensei nas coisas óbvias. Não pensei em como preferia tê-la de volta em vez do dinheiro. Não pensei que isso poderia me comprar um novo futuro ou algum caminho que fizesse algum sentido para um orientador de ensino médio.

De qualquer forma, Darla havia me deixado muito mais do que estúpidos cinquenta mil dólares. Ela havia me deixado seus álbuns, seu quarto escuro, suas câmeras, seus joelhos, seu cabelo... Será que cinquenta mil dólares poderiam comprar um caminho que me impedisse de seguir os passos dela? Eu não tinha ideia. Porque ainda não sabia por que ela tinha dado aqueles passos.

Vesti um par de jeans velhos e uma camiseta, e desci correndo a escada para poder voltar ao *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*.

“Vou à festa de observação de estrelas da Ellie hoje à noite, tá?”, eu avisei.

“Claro.” Então meu pai olhou para mim. “Que droga, Cupcake! Eu devia ter perguntado se você queria uma festa de formatura. Que droga! Isso nem me passou pela cabeça.”

“Que nada. Quem eu convidaria?”

“Amigos? Família?”

“Para a Tia Amy poder vir e tentar me falar de novo sobre a Virgem Maria? Claro. Isso seria muito confortável.”

“Verdade. Mas a mãe da Ellie não seria a pessoa mais adequada pra te dar uma festa.”

“Ela não está *me* dando uma festa. Ela está dando uma festa de observação das estrelas. Só vou entrar de penetra. Enfim... Até chegar a hora, vou ficar imprimindo.”

Acenei e caminhei na direção da porta do porão. Ele não tentou me parar. Não me perguntou o que eu estava imprimindo. Não disse que eu ainda não tinha o papel novo. Não falou que provavelmente eu não estava imprimindo.

Não falou que eu não poderia me tornar Darla de verdade, mesmo se eu quisesse. Mesmo que eu assumisse sua busca pela impressão eterna. Mesmo se eu usasse vestidos Dust Bowl Dorothea Lange todo dia. Mesmo se enfiasse minha cabeça no forno micro-ondas e transformasse minha cabeça em Hiroshima.

Peguei e abri o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*, e fui diretamente na página do Bill, o homem sem cabeça. Olhei para seu tecido conjuntivo exposto e para os ossos quebrados. Cada cor que pudesse imaginar estava presente. Diferentes tons de amarelo – células de gordura, partículas de ossos, tendões, partes de dentes. Tons de laranja e vermelho, roxo escuro e azul. Um arco-íris de morte. Todas aquelas cores, mas, ainda assim, nenhuma cabeça. Só um pescoço e parte de uma mandíbula. Todas aquelas cores e, ainda assim, preto absoluto para Bill. Nada. Zero. Fim da linha para Bill.

Será que eu poderia desejar isso para mim mesma? Gosto dos meus joelhos ossudos. Do meu nariz irlandês estúpido. Por que estava olhando pra isso? Por que Darla estava?

Virei a página e havia quatro fotos, em preto e branco, de um dente. Um dente arrancado – a coisa toda, raízes longas, curvas e tudo mais – colocado contra diferentes fundos. O primeiro fundo era branco, o que fazia parecer que o dente tinha vários tons de cinza. O segundo fundo era um monte de pedras, e mal pude ver o dente em meio ao caos, mas, quando o identifiquei, foi particularmente arrepiante. O terceiro fundo era terra. Darla fez um montinho de terra de quinze centímetros e pousou o dente bem no topo, como uma oferenda num altar, e o foco era o dente, com a sujeira além dele desaparecendo em um nada embaçado. O quarto fundo era preto e o contraste forte entre o dente e o preto tornou mais óbvia a sua textura. Arestas, rebarbas e camadas de esmalte, tudo parte de um dente morto. Quem diria que um dente tinha tanta textura? Tanta vida, mesmo se estivesse morto?

Ela desenhou uma seta na foto, na quarta, e escreveu: *Preto Absoluto e n° 46*. Ela desenhou um rosto triste perto dele como esse: L.

Então escreveu: *Agora n° 46 e Bill podem ir fazer compota de pêssegos com minha mãe*.

Darla claramente havia enlouquecido. Foi por isso que ela enfiou a cabeça em um forno em vez de fazer linhas perfeitas de flocos de arroz na forma de um *N* para minha aula na pré-escola 13 anos atrás. Foi por isso que minha mãe escolheu se concentrar em fazer as fotos durarem mais do que ela mesma.

Eu queria uma resposta. A resposta devia ser essa. *Agora n° 46 e Bill podem ir fazer compota de pêssegos com minha mãe*.

Virei a página e encontrei mais três fotos de nu. Elas pareciam ser do mesmo ensaio da primeira foto de nu. Dessa vez, contudo, a cabeça não havia sido arrancada. Dessa vez, a cabeça estava lá para quem quisesse ver. E era a cabeça de Jasmine Blue Heffner.

O mais assustador a respeito disso era que a Jasmine Blue mais nova parecia exatamente como Ellie nas fotos. Era como olhar para uma foto de Ellie nua, e isso parecia muito errado.

Estamos todos nus sob nossas roupas.

O que ela possui de tão especial?



RASPANDO A CARNE DO OSSO

IR À FESTA DE observação de estrelas à noite adquiriu um significado completamente novo depois que encontrei aquelas fotos. Como eu poderia encarar Jasmine Blue Heffner agora?

Eu queria ler o livro inteiro naquele momento – cancelar a visita e ficar no quarto escuro até terminar –, mas então olhei novamente para as fotos de Jasmine Blue e fechei o livro. Se a pergunta de Darla era *Por que as pessoas tiram fotos?*, então que tipo de resposta era aquela? Ou será que Darla havia feito a pergunta justamente por causa de fotos como aquela?

Eu disse para o quarto vazio: “Tiro fotos porque às vezes não consigo encontrar as palavras para dizer o que quero dizer.”

Não houve uma resposta, mas senti como se estivesse sendo assombrada, como se ouvisse alguém respirando bem ao meu lado. Isso parece estúpido agora, mas eu estava assustada. Talvez Bill estivesse lá. Talvez Darla estivesse. Vi algo se mover, algo translúcido.

Coloquei o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* atrás do armário e tranquei a porta do quarto escuro. Subi a escada de dois em dois degraus e fechei a porta do porão assim que cheguei lá em cima.

“Pai?”

Ele olhou para mim. Visão do meu pai: *um ancestral pedreiro do século XIX estava no topo de um prédio alto da cidade, sorrindo e aproveitando a vista.*

“Podemos conversar sobre uma coisa?”, perguntei.

Ele deve ter notado o meu tom sério, porque colocou o computador na mesinha e se endireitou.

“Claro, qual é o assunto?”

“É sobre a Jasmine Blue. E o motivo de você não falar com ela.”

Um longo silêncio desconfortável. Bem... Eu disse:

“Vocês se conheciam antes, não é?”

“Tecnicamente, nós nos mudamos para cá juntos. Nós quatro.” Fiquei calada, ele completou: “Eu, sua mãe, Jasmine e Ed.”

“E?”

“Tivemos grandes ideias.”

“Tipo?”

Ele suspirou e sacudiu a cabeça.

“Começaríamos um movimento não consumista. Adotar um estilo de vida alternativo. Sem vínculos. Sem bens materiais. Éramos crianças estúpidas.”

Eu não disse nada, mas não acho que aquele fosse um modo

particularmente estúpido de pensar... A menos que isso fizesse de mim uma criança estúpida, o que provavelmente poderia ser levado em conta, considerando minha recente fuga do meu próprio porão, de dois em dois degraus, sem falar na minha falta de planos para o futuro.

Ele disse:

“Os anos 80 e 90 foram tão... cheios de *coisas*. Materialmente falando. Todo mundo queria um carro novo e brilhante. Rios de dinheiro. Ternos e gravatas. Todo mundo era ganancioso, sabe?”

Eu assenti, mas não entendi por que *aquela* época seria tão diferente de hoje. Era isso que todo mundo na formatura queria. Sucesso. Diga isso com cifras: \$UCE\$\$O.

“Então o que aconteceu?”, perguntei.

“Jasmine começou a juntar seu rebanho.”

“Ou seja?”

“Convidou outras pessoas para começar a viver por aqui. Pessoas que concordavam com tudo o que ela dizia.”

“Então esse monte de gente não estava aqui no começo?”

“Não.”

“Eles largaram vocês quando novas pessoas apareceram?”

“Não exatamente.”

“Então, qual é o problema? É a casa deles. Eles podem deixar as pessoas morando lá se quiserem, não é?”

“Faz muito tempo...”

“Está dizendo que não se lembra? Porque eu não acredito em você.”

“Não. É que, bem... é complicado.”

“Nem tanto. Sei como é a sensação de ser trocado quando seu melhor amigo arruma novos amigos. E isso machuca.”

“Sim. Mas não foi exatamente assim que aconteceu.”

“Bem, os novos amigos se mudaram para a fazenda de Jasmine e começaram a comunidade sem vocês, mas do outro lado da rua. Não era perto o suficiente?”

Ele apontou na direção da comunidade.

“Aquele... Aquele... lugar... não é da Jasmine.”

“Ah... De quem é?”

“Ele foi doado a ela. Pela sua mãe. *Doado*.”

“Doado?”

“Bem, acho que está mais para emprestado.”

“Como assim, ela não vendeu para ela? Ela só... o quê? Disse, *E aí, você quer viver aqui?*”

“Isso mesmo.”

“Hum... Então a Jasmine parou de falar com vocês dois assim que ganhou uma casa para morar?”

“Mais ou menos.”

“Mas ela e a mamãe já tinham sido bem próximas, não?”

“Melhores amigas.”

“E de repente não eram mais?”

Ele suspirou outra vez.

“Droga, Cupcake. Essa é uma história longa pra caramba.”

“E eu quero saber de verdade o que aconteceu.”

“Coisas de adultos. Quero dizer, sei que já tem idade o suficiente, mas ainda é minha filha. Não é o tipo de coisa que você conta aos seus filhos.”

“Talvez eu já saiba mais do que você imagina. Então é melhor me contar o resto ou um dia você vai morrer e eu nunca saberei a verdade, e isso seria péssimo.”

Ele me encarou e eu disse:

“O que a Jasmine fez?”

“Hum, bem, ela... Ela, hã, fez algo, hum, algo que...”

“É sério isso? Você não pode me dizer?”

Ele suspirou.

“Jasmine tentou me roubar da sua mãe. Tentou pra valer.”

A expressão do meu pai mudou. Como se tivesse acabado de comer mexilhão estragado.

“Eu não lidei com a situação direito”, ele prosseguiu, antes que eu tivesse a chance de dizer algo. “Darla teve todos os motivos pra ficar com raiva.”

“Foi por isso que ela...?”

“Não.”

“Essa história não teve nada a ver com o que ela fez?”

“Não.”

“Tã, e aí? Ela e Jasmine tiveram uma briga feia ou algo assim?”

Me sentia mal por pressioná-lo. Mas, ao mesmo tempo, tinha acabado de encontrar fotos de Jasmine Blue Heffner nua em um livro secreto no quarto escuro de Darla e queria saber de onde elas tinham vindo.

Ele ficou quieto e mostrou sinais de que a conversa havia acabado. Não queria irritar meu pai e depois sair. Não queria deixá-lo triste também. Mas estava incomodada com aquelas fotos, de um jeito inexplicável.

Ele colocou o *notebook* de volta no colo e começou a digitar como se não estivéssemos conversando, e isso me deixou com raiva. A antiga Glory O'Brien, não formada, talvez tivesse esquentado um pedaço de torta de cereja no micro-ondas e deixado para lá, mas a Glory O'Brien morcegada queria saber a verdade. Fiquei em pé com as mãos no quadril.

“Foi a mamãe que tirou aquelas fotos dela? Essa foi uma daquelas coisas esquisitas dos anos 90 que você falou? Sair posando nua por aí?”

Levou um instante para minha pergunta atravessar a sala a galopes e chegar aos ouvidos do meu pai, mas assim que chegou, ele levou as mãos ao rosto. Por um segundo, pensei que estivesse chorando, mas então ele olhou para mim.

“Muito bem”, disse ele. “Senta aí.”

Eu me sentei. Ele fechou o notebook e cruzou as pernas, se retorceu com dor no joelho, depois as descruzou.

“Jasmine me deu aquelas fotos. Fui um idiota e não contei pra sua mãe, porque elas eram melhores amigas. E que melhor amiga faria, você sabe, uma coisa dessas? Só que a sua mãe encontrou as fotos.”

Eu cerrei os olhos.

“Você guardou as fotos?”

“Te disse que fui um idiota na hora de lidar com isso. Não que eu ficasse espiando as fotos nem nada assim. Enfiei todas elas no fundo do meu estúdio, embaixo de uma centena de outras fotos que mantinha lá. Coisa de pintor, nós... colecionamos fotos e imagens diversas para mantermos de referência. Sua mãe estava remexendo na pilha e um dia, bem, aconteceu. Foi aí que as coisas se complicaram.”

Ele parecia aflito.

“Pra ela ou pra você?”

“Pra todos nós”, ele disse. “Jasmine jurou que permaneceria na comunidade e nunca voltaria aqui, contanto que Darla a deixasse continuar no terreno. Ela se desculpou um bocadinho pelas fotos, mas sua mãe não aceitou as desculpas. Nem as dela, nem as minhas.”

“Então foi *isso* que causou tudo?”

“Não. Claro que não”, soou como se ele estivesse falando aquilo provavelmente pela milionésima vez.

“Nunca conversamos sobre isso, você tem noção?”, eu disse. Ele assentiu vagamente. “Sempre quis saber... hum...” Parei por ali. “Quer dizer, por que não fomos embora ou por que vocês não obrigaram Jasmine a ir embora ou... sei lá? Não teria uma solução melhor?”

“Não sabíamos o que vinha pela frente. Ninguém sabia que ela faria aquilo.”

“Não estou falando *daquilo*”, respondi. *Daquilo (pronome demonstrativo): Uma palavra melhor para suicídio.* “Estou falando de antes daquilo. Você não podia simplesmente mandar a Jasmine embora e mostrar para a mamãe que as fotos tinham sido só um, bem, um erro?”

“Foi mais complicado do que isso.”

“Ah...”

“Coisas assim rendem”, ele continuou. “Quando a Darla morreu, claro que eu poderia ter chutado Jasmine pra fora, mas não fiz isso porque você e Ellie eram próximas quando crianças, e como eu poderia tirar sua única amiga na mesma época em que você tinha perdido sua mãe?”

“Merda!” Eu disse isso porque ele disse *única amiga*. Disse isso porque esse fato transformou dois segredos em um segredo horrível ainda maior.

“É.”

“Deve ser complicado”, eu disse. “Não falar com ela todos esses anos.”

“Não falar com Jasmine é fácil. Desde que Darla morreu, ela age como se eu também estivesse morto. E onde diabos estão as fotos que você viu? Não quero essa merda dentro de casa. Não quero você pensando nisso.”

“Olha os modos, pai.”

“Tô falando sério.”

“Estou feliz que tenha me contado”, eu agradeci. Olhei para ele, e ele sorriu para mim com seu rosto sofrido.

Visão do meu pai: *um de seus ancestrais matou um veado gigante pulando nas costas dele e estrangulando-o com um galho de árvore.* Ainda não via um

futuro para mim. Nenhum neto lutando ou morrendo na Segunda Guerra Civil. Apenas o *Megaloceros giganteus*. Só uma visão de alguém raspando a carne do osso de uma coxa enorme.

Meu trem voltou aos trilhos. Senti como se seus freios tivessem funcionado. Senti que podia pará-lo a qualquer momento. Mas estava começando a me dar conta de que o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* era uma guinada. Eu nunca havia controlado meu trem. Não sabia exatamente quem tinha controle sobre ele. Mudava de um dia para o outro. Markus Glenn o controlou no dia em que me pediu para tocar na sua barraca. Ellie o controlou quando éramos crianças e ela mudava as regras o tempo todo, e controlou depois, na adolescência, quando me fez beber pó de um morcego mumificado. Meu pai o controlou abdicando do controle. Caminhei pelos vagões de carga e de passageiros. Caminhei na direção do motor. Queria ver quem estava dirigindo. Mas lá no fundo, eu sabia quem era.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

O projeto da *Lei de Proteção à Família* vai se espalhar como piolho em uma comunidade hippie. Nove estados assinarão projetos de leis similares que serão aprovados pelas câmaras legislativas. Eles vão se separar não oficialmente do restante do país, que pensará que eles são loucos, e se intitularão a Nova América.

Haverá um grande aumento de solicitações de assistência social para mulheres solteiras, mães solteiras e seus filhos. Um aumento maciço no número de mulheres e crianças sem teto. Um aumento enorme de ataques aleatórios contra mulheres e contra meninas, tanto de agressões físicas quanto sexuais.

Um oficial do governo será citado dizendo “*Tomaremos nosso país de volta!*” (De quem? Das mulheres e crianças? Elas tomaram o controle quando nenhum de nós estava olhando? Não posso ver isso nessas visões, mas duvido muito.) Outro oficial do governo será citado dizendo “*Demos duzentos anos para as mulheres se reinventarem. Acho que foi tempo o bastante.*”

Mulheres na mídia vão comparar todo o movimento com a época dos homens das cavernas. Algumas ficarão confusas sobre o que fazer ou dizer porque terão apoiado o movimento sem saber, até o ponto em que serão escoraçadas dos estúdios. E então um estado tomará uma atitude mais drástica e aprovará a lei *Todo Pai é Importante*, recusando assistência social para todas as mulheres solteiras ou seus filhos.

Ainda não vi o que acontece depois disso, mas parece que um monte de gente vai passar fome e tantos outros deixarão seus lares e tentarão recomeçar a vida em outros lugares.

Uma coisa que vi foi o colapso dos serviços mais básicos. As mulheres trabalham em muitos lugares. Não creio que algum desses senadores que aprovaram as leis chegaram a pensar sobre o que realmente aconteceria quando explorassem a brecha.

Ou talvez tenham pensado e simplesmente não deram a mínima.

E SE FICARMOS ASSIM PRA SEMPRE?

CINQUENTA MIL DÓLARES não poderiam me fazer voltar uma hora, quando eu não sabia nada sobre as tentativas de Jasmine Blue de roubar meu pai da minha mãe e, em última instância, de mim. Cinquenta mil dólares não poderiam comprar de volta a vontade de pintar do meu pai. Não podiam comprar uma máquina do tempo onde ele poderia queimar aquelas fotos e dizer a Jasmine Blue para deixá-lo em paz antes que minha mãe descobrisse.

Não podiam comprar uma nova vida para Ellie, longe do Rick, que estava pegando no pé dela por ter terminado com ele. Ela disse que ele estava espalhando histórias pela comunidade. E não poderia me levar de volta à noite de sábado e impedir que Ellie e eu bebêssemos o morcego.

“E se isso nunca passar?”, ela havia perguntado no caminho da formatura para casa. “E se ficarmos assim pra sempre?”

“Merda!”, foi minha resposta.

“Pois é...” Um minuto se passou. “Mas sério. E se ficarmos assim pra sempre?”

Sua pergunta significou mais para mim do que ela pretendia. *E se ficarmos assim pra sempre?* Era o que eu vinha me perguntando a respeito de mim e de Ellie há muito tempo.

Me aproximei pelo terreno dos fundos da comunidade, onde o rebanho de Jasmine tinha armado um punhado de mesas com petiscos e bebidas. Procurei por Ellie, mas ela ainda não estava lá. A essa altura, o céu ainda estava bastante claro, nos estágios iniciais do anoitecer, e o único planeta visível era Júpiter. Esperei e ouvi os pássaros em seus ninhos se preparando para dormir. Era um som que eu já havia escutado uma centena de vezes, mas no qual nunca tinha prestado atenção. Ele transmitia paz. Fazia eu me sentir mais confortável com todos os meus segredos e, agora, com os segredos do meu pai.

Não havia ninguém por perto. Talvez estivessem terminando de jantar. Talvez tirando seus tambores de onde quer que os guardassem. Talvez tirando fotos de si mesmos nus para os maridos de outras pessoas – fotos como pequenas bombas atômicas, de peso pena, que poderiam desintegrar uma família em um nanossegundo.

Kabum!

“Ei!” Ellie apareceu atrás de mim.

“E aí?” Pedi a ela para parar e ouvir. “Não é estranho que os pássaros façam sons completamente diferentes dos que fazem de manhã quando estão indo se deitar à noite?”

“Dã...”

“Tô falando sério.”

“Você precisa comer alguma coisa.”

Então fomos à mesa e enchemos nossos pratos com comida da comunidade. Escolhi dois tipos de biscoitos caseiros feitos com o que pareciam ser nozes e frutas vermelhas, e fingi gostar da manteiga de amêndoa e aipo, mas estava odiando. Então Ellie a pegou de mim sem falar nada e terminou de comer. Foi a coisa mais amigável que ela fez em semanas.

Caminhamos na direção do cobertor que Ellie já havia estendido para nós. Admito que estava preocupada com os chatos, mas me senti mesmo assim.

“Desculpe por hoje”, ela disse. “Estava tão agitada. Isso é tão...”

“Louco...”

“Totalmente. Quando voltei para casa, vi Rick. E ele ainda ficou jurando que não havia me passado aquelas... coisas.”

“Hum.”

“Ele disse que eu provavelmente peguei de um assento de privada ou coisa do tipo. Como se isso fosse possível.”

“Possível é”, eu respondi, irritada por ainda estarmos falando de chatos. Irritada por não estarmos falando da história do *futuro de tudo*.

“Mas não provável.”

“Não.”

“Vi pessoas peladas de novo. Não consigo ver guerras ou seja lá o que for. De qualquer forma, nenhuma das minhas pessoas peladas está segurando armas.”

“Hahaha.”

Não pude evitar. A ideia de Ellie estar vendo gente pelada depois que eu tinha visto as fotos de Jasmine Blue era engraçada. E toda vez que olhava para Ellie, eu via Jasmine. Fiquei tão brava com ela novamente, mesmo sabendo que não eram fotos dela.

“Vi que minha mãe teve dois bisnetos. Isso foi legal.”

“Você viu os netos?”

“Bisnetos. Então eles devem ser meus netos, né? Filha única e tal.”

“Sim. Isso é legal. Eu não... bem... de qualquer maneira, eu não vejo nenhum neto no meu futuro.”

Isso foi o mais próximo que cheguei de contar meu segredo para ela. Mas ela não estava prestando atenção.

“Então... o Rick Não sei o que fazer”, ela disse.

“O que resta a ser feito?”

“Ele mora aqui.”

“E?”

“E eu ainda gosto dele.”

Olhei torto para ela.

“Sério?”

“Estou... acostumada com ele. Essa, provavelmente, é uma definição melhor.”

Ficamos sentadas ali observando o pessoal da comunidade perambulando de bobeira. Pensei em qual seria a sensação de ser assim tão livre. Nenhum

emprego. Nenhuma responsabilidade. Nenhum aluguel pra pagar...

“Então, ganhou algum presente legal de formatura?”

“Só um cheque do meu pai, sabe. Nenhuma festa nem nada do tipo. Quer dizer, para que dar uma festa se tem uma festa na casa ao lado, não é?”

Mais silêncio. Mais observação das pessoas da comunidade interagindo umas com as outras. Até o pai de Ellie havia dado as caras, enchendo seu prato nas mesas de comida.

“Você se encrencou por ter ido à formatura?”, perguntei.

“Tarefas duplicadas quando voltei. E vou te dizer uma coisa: as galinhas têm um futuro muito entediante. Cisca cisca.” Ela fez o movimento com o dedo no pescoço. *Cisca cisca*. “Mas estão sempre peladas, o que já é uma vantagem.”

Nós rimos.

“Você viu muita coisa na formatura? Eu fiquei afastada das pessoas.”

“Sim, sim”, respondi. “Um monte de maluquice, principalmente sobre a guerra.”

“Você acha que é real?”

Fiz que sim e Ellie disse:

“Vejo pessoas morando em árvores. Vi isso. E tinha uma coisa que realmente não entendi, mas tudo quanto é lugar estava inundado e as pessoas usavam barcos. Mas era o futuro, né, então os barcos eram muito legais. Era quente, também, e ninguém podia mais usar ar-condicionado porque não havia mais petróleo.”

“Você está tendo visões hippies.”

“É. Acho que sim.”

“Eu estou tendo visões de guerra.”

“Estamos enlouquecendo.”

“Não estamos enlouquecendo”, eu disse. “E o que é loucura, no fim das contas?”

“Tem razão.”

“Como limpou o marcador dos seus braços?”

“Sabonete especial que usamos para erva daninha.” Ela esticou os braços para eu ver. “Ainda está um pouco marcado, mas precisa olhar com bastante atenção.”

Olhei com atenção, mas não consegui ver nada na quase escuridão. Mas eu sabia o que estava escrito.

Liberte-se. Tenha coragem.

“Preciso de um tempo desse lugar”, Ellie disse. “Quero encontrar gente totalmente desconhecida e descobrir o que consigo ver sobre eles.”

“Amanhã podíamos ir ao shopping. Está cheio de gente totalmente desconhecida.”

“Odeio o shopping”, ela disse. Foi uma atitude reflexiva. Jasmine odiava o shopping, então Ellie também tinha que odiar, embora eu tivesse escondido seu contrabando consumista embaixo da cama durante o ensino fundamental.

“Você não é obrigada a comprar nada. Confie em mim. É um bom lugar. Um monte de gente de todos os tipos.”

A noite caiu, as estrelas surgiram e deitamos de costas para assistir ao

show. Jasmine Blue organizou seu círculo de percussão e eu estava certa – não conseguia olhar para ela sem visualizar aquelas fotos.



MUITO

“COMO ESTÁ A GLORY?”, Jasmine perguntou enquanto eu enchia meu prato com mais biscoitos e queijo. Ela sempre se referia a mim na terceira pessoa em vez de falar comigo como um ser humano normal. Parando pra pensar, deve ser pela mesma razão que o meu pai não a chama pelo nome.

“Glory está bem, obrigada”, respondi. Olhei para ela. *A tataravó de Jasmine fez parte das rotas clandestinas de fuga de escravos do século XIX. Uma vez, ela ajudou uma família de cinco pessoas a fugir durante noite e chegar em segurança a uma estação próxima, mas na manhã seguinte eles foram enforcados.*

“Soube que se formou no ensino médio hoje”, disse ela.

“Verdade.”

“Parabéns.”

“Obrigada”, respondi. Eu podia ver a frase em seus lábios. Podia vê-la ali na ponta da língua, mas ela sabia que não tinha permissão de dizê-la.

Sua mãe ficaria tão orgulhosa.

“Imagino que vai pra faculdade fazer algo maravilhoso, né?”

“Vou tirar um ano de folga. Entender o que eu quero. Fazer muitas impressões no quarto escuro de Darla.”

“Ah”, ela disse, tentando não parecer surpresa, mas ela se traiu soltando um: “Uau. Que interessante.”

“Muito”, eu concordei.

E então Jasmine Blue Heffner se coçou. Bem na altura da virilha. Você sabe onde. Ela se coçou e, em seguida, se contorceu um pouco com o desconforto, como se houvesse um bando de parasitas dando sua própria minifesta de observação das estrelas bem ali nas suas calças.

Aquela coçadinha me fez olhar para a comunidade ao redor e me perguntar o que eu faria se a tomasse de volta. Eu poderia fazer isso. Era minha por direito. Um bando de hippies malucos seria solto no mundo para procurar trabalho e viver vidas reais que não tinham nada a ver com círculos de percussão e biscoitos caseiros.

Olhei para Jasmine Blue. Visão de Jasmine Blue Heffner: *seus bisnetos integrarão o Exército da Nova América. Um deles será um oficial da divisão K, e o outro ficará preso dentro de uma casa em chamas durante uma batalha e derreterá como queijo vegano.* E a história do futuro de Jasmine terminava exatamente ali.

Fiquei triste por Ellie perder os netos daquela forma. Fiquei com raiva de Jasmine – por tudo.

Ela me disse algo, mas não prestei atenção por causa do bisneto derretendo como queijo vegano, então não respondi, só mantive Jasmine por perto tempo o suficiente para deixá-la realmente desconfortável. Queria que ela se sentisse como se estivesse em um forno micro-ondas. Queria que ela girasse na pequena bandeja de vidro. Então olhei para baixo, naquela área onde os jupiterianos deviam estar vivendo, e olhei de novo nos olhos dela antes de voltar para a coberta onde estava Ellie.

“O que você viu quando olhou para minha mãe? Viu meus netos?”

“Só uma parada muito estranha sobre sua tataravó fazer parte da rota de fuga de escravos do século XIX.”

“Que lindo!”

“Claro.”

“Rick chegou.”

Virei a cabeça para olhar para ele.

“Será que ele trouxe os amigos de Júpiter?”

Nós rimos. Ellie fez sua risada soar mais alta e mais animada. Olhei para ver a reação de Jasmine Blue com a chegada de Rick, mas ela nem levantou a cabeça. Então olhei em volta, para todas as mulheres, e percebi que nenhuma delas olhava para Rick. Nenhuma delas. Difícil de acreditar, considerando que ele estava vestindo uma camisa que exibia seus braços musculosos e bronzeados. Então eu disse:

“Vou lá ver o que eu consigo descobrir.” Visão de Rick: *o avô de Rick foi enviado para a Guerra da Coreia quando ainda era um moleque de 18 anos recém-saído do ensino médio. Ele entrou para a marinha assim que pôde, para ir matar os comunistas e derrotar o mal. O pai de Rick foi educado por freiras. Elas não eram freiras gentis. E faziam com ele coisas que Rick nem tinha ideia.*

“Me falaram que você se formou no Blue Marsh hoje”, ele disse.

“Sim. Sou oficialmente uma espertona agora.”

“Ellie ainda tá puta comigo?”

“Hum, provavelmente para sempre.”

“Então como você teve autorização de vir aqui falar comigo?”

“Porque eu não sou a Ellie. E porque eu queria te dizer que você devia ficar longe dela.”

“E?”

Eu o encarei. Visão de Rick, o babaca: *Rick, o babaca, já tinha dois filhos. Um deles vive na comunidade. Eles têm cabelos encaracolados e psoríase.*

Não soube o que dizer depois daquilo, então falei:

“E... nada. Só fique longe dela.”

Me afastei. Ele disse algo atrás de mim, mas não sei o que foi. Olhei em volta, para as crianças. Era difícil identificar psoríase no escuro.

Deitei na coberta perto da Ellie e voltei a observar as estrelas. Surgiram duas estrelas cadentes em sequência, olhamos boquiabertas e dissemos:

“Viu aquilo?”

Não sei o que ela viu, mas eu vi tudo desde o início até o fim dos tempos, tudo naqueles meteoros.

Nós nos formamos. Brilhamos. Queimamos. *Kabum!*



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

A lei *Todo Pai é Importante* será elogiada por legisladores que acham que a América se tornou um estado de bem-estar para as mulheres que não eram inteligentes o suficiente para usar o controle de natalidade, embora esses mesmos legisladores sejam declaradamente contra o controle da natalidade.

Parece que a Nova América será comandada por machistas estúpidos. Fantástico!

A lei *Todo Pai é Importante* também pedirá o fim da pensão alimentícia como a conhecemos: nenhum pai que não viva mais com a esposa e os filhos será obrigado a pagar pensão. “Se aquelas mulheres não viram que todo pai é importante antes de os abandonarem, por que nós deveríamos dar dinheiro a elas?”

Parabéns para a equipe dos machistas estúpidos que obviamente não prestou atenção nas estatísticas que mostram quem abandona quem.

Nas letras miúdas, a lei *Todo Pai é Importante* permitirá que um marido abandone sua esposa se ele sentir que ela não está atendendo suas necessidades pessoais ou domésticas. Mas se uma mulher deixar o marido, sob qualquer circunstância, ela estará desrespeitando a lei *Todo Pai é Importante*.

O lema para as mulheres será: se for embora, não deixe ninguém te pegar.

TÃO INTELIGENTE

OBSERVEI ELLIE OLHANDO de um percussionista para o outro no círculo de tambores. Seus olhos se arregalavam de vez em quando, como se estivesse vendo a mesma carnificina que eu via. Ou talvez estivesse vendo outra coisa. O rastro de DNA do Rick O rastro da comunidade de sua mãe. Talvez ela descobrisse mais dia menos dia que todo o mundinho dela me pertencia.

Rick ficou perto do círculo de percussão. Vê-lo me lembrou de procurar o garoto com o cabelo encaracolado e a pele ruim. Havia duas crianças brincando em volta da fogueira. Eu não me importava o bastante para ir observá-los mais de perto. Então fui procurar o pai de Ellie, o Sr. Heffner. Imaginei que ele teria algo interessante para me dizer se eu o observasse por tempo o suficiente.

Visão de Ed Heffner: *seu pai era careca e impotente. Seu avô tinha sido careca e impotente. Ed não podia escapar de ser careca, mas se recusava a ser impotente. E por isso ele trazia escondido para dentro da comunidade comprimidos que o ajudavam a não ser impotente. As últimas palavras de seu pai para ele foram: "Será que algum dia você vai arrumar um emprego e crescer?" Na verdade, ele não gostava muito do pai. Ele também não gostava muito de Jasmine. Ele amava Ellie mais que tudo na vida.*

"Parabéns!", ele me cumprimentou.

"Obrigada."

"Se formar é um grande passo. Não imaginei que fosse vê-la aqui hoje à noite."

"A viagem de formatura na costa não é muito a minha praia." Fui convidada, mas não confirmei presença. "Espero que Ellie se forme em breve. Foi triste não tê-la comigo hoje, já que começamos a escola juntas e tal."

"Também espero que ela se forme em breve." Olhei para ele. O que eu tinha a perder? "Bem, são as regras da Jasmine, né? O que você pode fazer a respeito?"

Ele franziu a testa. Eu continuei:

"Quer dizer, não tinha como eu morar do outro lado da rua todo esse tempo e não notar, né?"

"Não acredite em tudo que seu pai te conta."

"Sério? Porque ele me conta um bocado de coisas."

Ed Heffner pareceu ficar mais desconfortável do que já estava.

“Bem”, disse ele, “não é tão simples quanto você provavelmente pensa.”

Ficamos num impasse. Ele olhou. Eu olhei. Ele sorriu. Eu sorri. Ele franziu a testa. Eu franzi a testa. Então eu disse algo sem nem saber o que estava prestes a dizer.

“Como a minha mãe era?” A pergunta flutuou entre nós dois. Ela era inconveniente. “Digo, ela era legal? Divertida? Era deprimida?” Eu não sei por que estava perguntando isso a Ed Heffner, mas o fato é que estava.

“Sua mãe era incrivelmente divertida. Tão inteligente... Tão inteligente.”

“Hum...”

E depois, silêncio novamente, nada a dizer. Ele olhou para as mãos.

“Nenhum de nós percebeu o que ia acontecer. Se tivéssemos notado, acho que teríamos ajudado. Ela começou a trabalhar no shopping e não ficava mais tanto por aqui depois disso. Nós, hã, éramos muito mente fechada sobre o fato de ela ter arrumado um emprego.”

“Ela tinha um emprego?”

Ed pareceu desconfortável novamente.

“Talvez seja melhor perguntar ao seu pai.”

“Claro.”

“Às vezes o clima pesa entre amigos”, ele disse.

“Certamente sim”, eu concordei, olhando para Ellie. “Eu sei como as coisas ficaram entre Jasmine e minha mãe.”

“Pois é. Jasmine realmente pensava que o emprego ia contra tudo o que tinha nos trazido até aqui.”

“O problema não foi o emprego”, eu rebati.

Ele olhou para mim. *Visão de Ed Heffner: sua filha, Ellie, vai se casar jovem e ele não ficará nada feliz com isso.*

“Bem, o que foi que aconteceu então?”

“Talvez você devesse perguntar a Jasmine. Tenho quase certeza de que ela sabe.”

“Bem... Sua mãe era uma boa mulher. Não duvide disso. Ela partiu cedo demais.”

“Obrigada. Você é a única pessoa que já falou comigo sobre ela dessa forma.”

Senti lágrimas se formando e minha garganta se fechando. Ed Heffner se virou para ir embora. Esticou a mão na direção do meu ombro e o apertou.

“Fale com seu pai. Ele pode te contar sobre ela.”

“Farei isso”, eu disse, já indo embora também.

Então Ed Heffner caminhou até sua casa, abriu a porta e entrou, e não saiu de novo durante o resto da noite. Algo no que ele havia me contado me fez querer voltar para o quarto escuro, assombrado ou não. Por que eu estava com medo da minha própria mãe?

Encontrei Ellie conversando com um grupo de crianças mais novas e chamei a atenção dela.

“Tô indo pra casa. O dia foi longo.”

“Mas você vai perder o bolo à meia-noite!”

“Eu sei. Tudo bem. Tô cansada.”

“Te vejo amanhã?”, ela perguntou. E depois sussurrou: “No shopping?”
Ergui o polegar para ela e fui embora da comunidade.



Fui direto para o quarto escuro, peguei o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* e o abri na foto de Bill e comecei a olhar para ela fixamente. Depois, folhi o livro e encontrei um autorretrato de Darla. Era uma Polaroid – destaques em ciano, um tom de pele quente sob ele, brilhante e plana, deixando Darla etérea e bidimensional. Ela olhava para a câmera como se não estivesse totalmente lá. Ela olhava para mim como se quisesse me dar uma dica. *Eu não estava totalmente lá. Não foi nada em específico. Foi tudo. Porque eu não estava totalmente lá.*

Isso foi um palpite. Eu não estava tendo visões da foto da forma como tinha de pessoas vivas. Mas meu instinto me dizia que eu provavelmente estava certa. *Ela não estava totalmente lá.* Eu não sabia se isso significa que eu estava a salvo ou não. Eu era imune a *não estar totalmente lá* ou isso estava vindo, do nada, como tinha acontecido com ela? Olhei para mim mesma na superfície preta reflexiva do revestimento atrás da pia. Olhei de novo para Bill, o homem sem cabeça. Fui para a foto de Darla.

Visão da Darla morta: *indisponível*. Visão de Bill: *indisponível*. Visão minha: *indisponível*.

Olhar para Bill me assustava. Havia gente esquisita que procurava fotos como aquela na Internet. Eu não queria ser uma delas. Parecia desrespeitoso. Talvez Bill tivesse uma família. Ele tinha que ter uma família. Todo mundo vinha de algum lugar, não é?

Fechei o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* e abri um dos outros álbuns de Darla. Nenhum deles tinha título. Apenas números. Abri o 3 de 5.

A primeira foto era minha. Eu era bebezinha. Nunca a tinha visto antes e isso me fez inspirar rapidamente e expirar bem devagar. Fiquei com medo de virar a página, mas virei mesmo assim. As próximas dez páginas também tinham fotos da minha versão bebezinha. Algumas de mim com meu pai, que parecia tão jovem e, sendo sincera, meio repulsivo. Em uma eu dormia no colo de Darla. Ela estava de olhos fechados e sorrindo. Olhei fixamente para a foto por algum tempo, mas não consegui entender o que sentia. Era uma mistura.

Na última página da série, Darla escreveu um poema.

Eu poderia comprar uma reluzente bola de cristal
e colocá-la bem diante de você.
Deixá-la rolar entre nós, e ensinar a você
que o futuro é uma espiral.

E ao estilhá-la, te mostraria
que ele é tão vasto quanto os fragmentos
que nos circundam, tão afiado
quanto dentes em armadilhas.

Te assustarei com avisos,
ralharei com expectativas,
E não te confinarei aos meus limites,
mas aos nossos limites.

Celas feitas de celas feitas de celas,
somos pontos de um tricô feroz,
uma colcha de retalhos
de um relacionamento que não se esgarça.

Eu comprarei uma bolsa de couro
que a você passarei, delicadamente,
preenchida com meu pó. Então te contarei uma história.

Embaixo do poema, ela assinou seu nome. Darla O'Brien. Li o poema cerca de cinco vezes. Gostei dele, mas era meio mórbido. Além disso, se ela pensava que havia feito algo delicado, estava enganada.

Depois do poema, havia imagens que eu já conhecia – uma série de rochas – as mesmas rochas que ficavam lá em cima na parede da sala de estar e que me entediavam. Seu fascínio por rochas era esquisito. Ela havia enchido pelo menos quarenta páginas do livro 3 com pequenas impressões e esboços delas com uma pergunta sempre se repetindo.

O que faz uma rocha ser uma rocha?

Levei o 3 para o quarto e o folhiei deitada na minha cama. Havia algumas páginas com informações sobre produtos químicos, mas na maior parte tinha mais fotos de mim e do meu pai (*Roy depois de um Dia no Jardim* foi a minha favorita), e depois mais rochas. As rochas me deixaram cansada. Caí no sono com uma pergunta na cabeça.

O que faz uma rocha ser uma rocha?



O QUANTO EU ME SENTIA EMPACADA

ACORDEI LOGO APÓS o amanhecer. Ignorei a rolinha e seu pranto mentiroso.

Antes de descer, olhei para meu cheque de 50 mil dólares. Eu poderia ter embarcado em um avião para Bornéu naquele dia. Poderia ter comprado um carro chamativo ou joelhos mais bonitos, ou qualquer outra coisa. Poderia ter comprado um forno elétrico para aprender a assar *brownies* e linguado.

Porém, eu não tinha ideia do que faria com o dinheiro, então me sentei e escrevi um novo pedaço de *A História do Futuro*.

Juntei tudo que via e desenhei uma linha do tempo. Mas não escrevi sobre o que estava pensando. Não escrevi sobre como queria arrancar a comunidade de Jasmine Blue porque achava que ela não a merecia. Não escrevi sobre Ellie e o quanto eu me sentia empacada.

Esse livro devia servir como um registro de como eu enlouqueci. Em caso de... você sabe. *O que faz uma rocha ser uma rocha?* Então escrevi todas as visões, e os detalhes sobre as leis, os exércitos, os exílios. Não escrevi sobre como não conseguia ver o meu futuro quando olhava para o meu pai. Só o passado. Tentei ignorar isso, muito embora quanto mais ignorava o fato, mais eu o observava.

Quando terminei, desci para o quarto escuro e devolvi o álbum 3 da Darla para a prateleira, depois peguei o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* detrás do armário. Eu o abri onde havia parado na noite passada.

Bill está me seguindo. Ele ainda não tem uma cabeça.

Ele está me contando uma coisa importante. Está me dizendo que existem três de mim. Eu sou eu. Ninguém especial. Sou a esposa do Roy. Sou a mãe da Glory.

É como fazer malabarismo.

Às vezes quero deixar todas as bolas caírem e descansar meus braços.

Às vezes quero ficar nesse quarto escuro e dormir até saber qual delas eu realmente sou.

Não tenho ideia do que estou fazendo.

Não tenho ideia do que estou fazendo.

Embaixo disso havia o esboço de um desenho. Foi difícil decifrar do que se tratava, mas quando forcei os olhos por tempo suficiente, eu vi... Era um

esboço que Darla havia feito de si mesma, mas com a cabeça de Bill. Ou, mais precisamente, sem nenhuma cabeça. Quando a imagem se firmou e eu entendi o que era, desviei o olhar. Fechei o livro.

Abri meu álbum e respondi a ela, exceto pelo esboço mórbido.

Também não tenho ideia do que estou fazendo. Não estou fazendo malabarismo com nada e estou fazendo malabarismo com tudo. Posso ver o futuro do mundo inteiro, mas não consigo ver o meu. Posso ver o passado do mundo inteiro, mas não consigo ver o seu.

E então eu chorei, talvez o primeiro choro real desde que era uma criança. Eram tantas lágrimas que fui pega desprevenida. Como podia haver tantas lágrimas armazenadas dentro de uma pessoa?

Me lembro de chorar na escola, nas ocasiões em que os alunos ou professores me perguntavam sobre minha mãe. Eles não sabiam que não deveriam fazer isso. Eram só pessoas normais com vidas normais. *Podemos ligar para sua mãe vir te buscar? Sua mãe pode fazer algo para a festa de fim de ano da nossa turma? Por que sua mãe não se apresenta como voluntária que nem a minha? Ela viaja muito?*

É difícil entender. Eu sabia disso. Estava cercada de pessoas que nunca tiveram que parar pra pensar em coisas mórbidas como as que eu vivia todos os dias. Nunca pareciam entender o quanto eram sortudas.

Chorei por causa do quarto escuro. Queria ter alguém – qualquer pessoa – para me passar um lenço ou me dizer algo inteligente. E, contudo, eu sabia que não havia ninguém. Isso me fez chorar com mais força.

Ouvi Ed Heffner na minha cabeça. Ouvi sua voz me dizendo o quanto Darla era inteligente. Queria tanto acreditar naquilo... Mas se ela era tão inteligente, por que não percebeu? Por que não viu o que estava fazendo? Por que não entendeu que um dia eu estaria no décimo ano tentando fazer amizade com a nova garota da minha sala, que diria:

“Você é tão sortuda de não ter mãe, Glory. A minha é um pé no saco.”

Por que ela não entendeu que, assim que partisse, Jasmine Blue Heffner seria o único referencial feminino na nossa rua? Por que não entendeu o quanto meu pai ficaria solitário sem ela?

Olhei novamente para Bill e compreendi a verdade. Suicídio não é algo que as pessoas fazem para machucar outras pessoas. É algo que as pessoas fazem para se libertar da dor. Meu choro durou um período impossível de tempo. Ele continuou pela eternidade...



Assim que a eternidade passou, encontrei um rolo de toalhas de papel e me enxuguei. Não queria que meu pai visse que eu estava chateada. A história da minha vida. Não sei bem por quê. Talvez fosse porque eu sabia que ele também tinha muitas lágrimas guardadas. Se nós dois começássemos a chorar, talvez nunca mais parássemos.

Notei que minha camisa estava molhada pelas lágrimas, então subi para me trocar e vi o cheque novamente. Pensei que dirigir até o banco pudesse ser

uma coisa boa a se fazer. Clarear as ideias. Talvez até mesmo decidir o que fazer com 50 mil dólares. Então dirigi até o banco.

O gerente do banco foi chamado por causa da quantia. Aparentemente, 50 mil dólares deixam os gerentes de banco ansiosos. Todos eles se agitaram atrás da janela à prova de balas, como galinhas trancadas em um galinheiro pequeno com um rato faminto. Finalmente, a gaveta de aço se abriu com meu recibo e a caixa perguntou se eu não precisava de mais nada.

Do que mais eu poderia precisar?

Quando acabei o que tinha para fazer no banco, dirigi a esmo. Dirigi pela vizinhança. Dirigi em volta da antiga piscina da comunidade que estava coberta de vegetação e nunca mais abriu para o público. Dirigi em volta da escola e do estacionamento vazio. E então descobri algo perfeito para fotografar: a plataforma da formatura vazia. Ninguém a havia desmontado. Era um conjunto de 350 cadeiras vazias, mais um palco vazio com degraus vazios e arquibancadas vazias, um céu vazio e um pódio vazio.

Primeiro dia pós-formatura no ensino médio: esse era o primeiro dia do resto da minha vida. E ele estava vazio, assim como todo o resto. A Zona 10 ficava na parte do reflexo brilhante do toldo branco do palco. A Zona 0 ficava nas sombras sob a rampa temporária para pessoas com deficiência e as cadeiras.

Medi a cena e tirei um monte de fotos. E as batizei mentalmente. *Cadeiras Vazias. Palco Vazio. Ninguém falando no Pódio.* Quando terminei, caminhei até as arquibancadas mais distantes, onde Ellie estava no dia anterior. Olhei para o que ela havia escrito.

Liberte-se. Tenha coragem. QUEM É O MORCEGO PETRIFICADO? Essa estava toda em letras maiúsculas. *QUEM É O MORCEGO PETRIFICADO?* Me sentei no concreto úmido de orvalho e me perguntei. *Quem é o morcego petrificado?* Então tirei um marcador preto da minha bolsa e escrevi: *Eu sou o Morcego Petrificado.* Escrevi isso dez vezes, em dez lugares diferentes. Tirei fotos de cada um deles e fui para casa.

Quando olhei meus negativos, depois de revelá-los e pendurá-los para secar, vi cada ângulo como um ponto de vista. Era isso que uma foto era, certo? Um ponto de vista? Se você tirar uma foto de cima de um copo, ele pareceria praticamente vazio. Mas se você tirar a foto de baixo, ele pareceria meio cheio. Um exemplo clichê, mas você entendeu. Tudo que vemos depende de onde estamos quando vemos.

Talvez minha mãe fosse maluca. Talvez não. Talvez ela realmente estivesse sendo seguida pelo Bill, o homem sem cabeça. Talvez Bill existisse. Talvez Bill não existisse. Talvez existisse somente para ela, como uma mensagem de algum outro lugar. De algum lugar *lá longe*. Ou *lá embaixo*. Ou *lá em cima*. Talvez tudo dependesse do seu ponto de vista.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

Nedrick, o Moralista, virá de um lugar não convencional. Ele não nascerá de pais ricos. Não será um político. Nem mesmo irá para a faculdade. Ele será um eletricitista – e um não muito bom. Seus amigos o chamarão de Ned.

Levará um ano para a Segunda Guerra Civil começar, mas iniciar uma Guerra será a intenção de Nedrick desde a fundação da Missão K. Ele reunirá seus amigos depois do horário de fechamento do bar local e eles viajarão mais de 70 quilômetros para cruzar a fronteira da Velha América. Eles sequestrarão garotas.

Em algumas noites eles sequestrarão até dez. Em outras, eles só vão achar uma ou duas. Eles não discriminarão. Sequestrarão uma garota branca tão rápido quanto sequestrarão uma garota negra, apesar de darem preferência a adolescentes porque estas serão mais fáceis de vender. Não sei bem para quem eles as venderão. Só consigo vê-los dirigindo para casa com maços de dinheiro em seus bolsos.

Nedrick, o Moralista, amará falar sobre a *Lei de Proteção à Família* e a lei *Todo Pai é Importante*. Ele mesmo se livrará de uma pensão de 45 mil dólares para uma criança de 10 anos graças à essa última lei.

Será um orador nato com um ego tão grande que dirá em alto e bom som ser *o homem mais inteligente do mundo*. Ele se intitulará Nedrick, o Moralista.

Ele não vai se dar conta de que é o maior machista babaca de todos.

ELLIE NÃO DAVA A MÍNIMA PARA OS CLOROFLUORCARBONOS

“NOSSA IDA AO SHOPPING ainda está de pé ou não?”, Ellie perguntou.

Meu pai a deixou entrar em casa, mas, no instante em que ouvi a porta do porão se abrir, escondi o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* e saí do quarto escuro, porque não a queria lá. Não a queria perto de nada disso. Das minhas fotos. Das fotos de Darla. Fotos de Jasmine Blue, sua mãe pelada. E fui com ela para a sala de estar.

Vi Ellie olhando para o meu pai e notei que ela via sua infinitude; me perguntei se tinha visto algum futuro. Queria que ele tivesse um futuro. Queria que *eu* tivesse algum futuro. Desejei que ela fosse honesta comigo, mesmo que eu não tivesse sido honesta com ela. Queria saber se meus netos seriam parte da máquina. Queria saber se minhas netas seriam roubadas. Queria saber tudo... se houvesse alguma coisa. Estava cansada do vazio.

Entramos no carro.

“O que viu quando olhou para o meu pai?”

Ela deu de ombros.

“Algo sobre os pés dele. Como ele herdou os pés da mãe dele.”

Queria perguntar a ela sobre o futuro dele. Talvez netos. Talvez bisnetos. Entretanto, não disse nada e só dirigi rumo ao shopping.

“Podemos parar em um café?”, Ellie me perguntou.

Entrei em um Dunkin’ Donuts e fui para a fila no *drive-thru*. Ela pediu algo mais elaborado e eu pedi uma garrafa de água.

“Então, essa guerra”, ela disse enquanto esperávamos, “ela afetará nossos netos. E o que acontecerá? Não consigo entender. Meninas sendo roubadas? Para quê?”

“Acho que para o que geralmente acontece com garotas em guerras. Eu as vi sendo vendidas.”

“Para prostituição? Não me parece lógico.”

Nós baixamos a janela e eu paguei, pois sabia que Ellie não tinha dinheiro. Ela tomou seu café enquanto dirigíamos pela estrada sinuosa rumo ao shopping.

“Quer dizer, se eles venderem todas as garotas, quem vai sobrar para gerar novas pessoas?”, ela perguntou.

“Boa pergunta. Eles chamam isso de Missão K. Eles nem sempre roubam as meninas. Alguns simplesmente caçam e matam pessoas. Chamam isso de A Máquina.”

“É assustador.”

“Pois é... Também acho toda essa ideia de outra guerra civil bem

assustadora.”

“Eu não entendo. Como podemos nos dividir novamente em qualquer questão? Não estamos mais no tempo da escravidão, certo?”

“Não sei... Acho que tem algo a ver com política.”

Não sei por que não contei para Ellie tudo o que vi. Guardei os fatos para o livro porque às vezes certas pessoas não querem ouvir coisas assim. Ellie acreditava que as mulheres não tinham mais nenhuma conquista pela frente, certo? Então, se eu contasse a ela sobre a lei *Todo Pai é Importante* e tudo o mais, ela provavelmente pensaria que eu estava inventando em cima dos meus próprios interesses.

Estacionamos em uma vaga e ficamos no carro por um minuto com o ar-condicionado no máximo, porque Ellie não dava a mínima para os clorofluorcarbonos. Pelo menos não quando estava longe de Jasmine.

Um garoto com idade para estar na faculdade estacionou no espaço ao nosso lado. Nós duas olhamos para ele e ele olhou de volta para nós. Visão do garoto da faculdade no estacionamento do shopping: *seu descendente distante será um proeminente Emissário de Deus no século XXVII. Seus programas serão vistos por dez bilhões de pessoas por dia. Sua caridade coletará mais de cinquenta trilhões de dólares em nome do Cristianismo. Ele será preso porque roubará vários bilhões de dólares desse dinheiro para bancar seu vício em carros esportivos. Ele sofrerá eutanásia no início da Terceira Guerra Intergaláctica porque estará com mais de 50 anos de idade. Seus 400 carros esportivos serão descobertos em um galpão enorme na Terra, em Kentucky Oeste.*

O século XXVII. Uau. E ainda assim... Mais guerra.

“O que você viu?”, perguntei a Ellie.

“O avô dele insistia em usar o mesmo garfo e porta-guardanapo em todas as refeições. Ele viajava com o garfo e o porta-guardanapo. Eles nem sequer combinavam. Mas ele insistiu. Então, até morrer, ele comeu com o mesmo garfo e enrolou seus guardanapos no mesmo porta-guardanapo.”

“Uau.”

“E você?”

Eu contei o que tinha visto sobre o descendente maluco do garoto no século XXVII.

“Por que será que estamos recebendo versões tão diferentes?”, Ellie questionou.

“Não sei”, respondi, sabendo que era a mesma questão que tinha pensado no quarto escuro.

Tudo depende do seu ponto de vista, não é?

Saimos do carro para um dia úmido na Pensilvânia. Conforme andávamos pelo estacionamento, ela perguntou:

“O que estava fazendo hoje lá no seu porão?”

“Trabalhando um pouco no quarto escuro.”

“Hum? Não sabia que estava nessa.”

“Tem um projeto de verão que eu quero fazer. Nada de mais. Só quero começar a fazer impressões, sabe?”

“Que legal. Aposto que seu pai também acha isso legal, né?”

“É meio estranho para ele.” Eu dei de ombros. “Eu me pareço com *ela*, entende?”

Ellie assentiu enquanto passávamos pelas portas duplas e entrávamos no shopping.

“Parece mesmo. Já vi algumas fotos.”

Ah, Ellie... E você também parece com a sua mãe.

Assim que entramos na praça de alimentação, onde Ellie prometeu comer as comidas mais processadas e desagradáveis que pudesse encontrar, o que não seria difícil, ela disse:

“Você acha mesmo que foi o Rick que me passou aqueles... Jupiterianos?”

Ao mesmo tempo em que eu disse:

“Você viu alguma coisa no futuro do meu pai quando olhou para ele antes de sairmos?”

Olhamos uma para a cara da outra e rimos. Não sei por que estava rindo. Estava presa em um shopping com Ellie, que era tão egocêntrica que só queria conversar sobre seus próprios chatos.

Respondi à pergunta dela:

“Sim.”

E ela respondeu à minha:

“Não.”

Então encontramos uma mesa na praça de alimentação e a transformamos em nossa base. Ela ficava bem no centro e dali poderíamos ver um monte de pessoas durante o horário de almoço, que estava prestes a começar. Ellie foi comprar várias comidas mexicanas nojentas de micro-ondas no Señor Burrito, e eu fui torturada com *fast-food* apesar de estar sem fome. Olhei nos olhos de uma mulher que parecia ter cerca de 40 anos. Ela mantinha várias sacolas de compras perto de si nas cadeiras vazias de sua mesa.

Visão da mulher do shopping: *sua neta fará parte de um grupo rebelde que explodirá a estação de trem mais lotada da Nova América. Ela será presa por isso, e após a prisão será enviada para o Campo 32.*

Querida fingir que estava tão louca quanto Darla quando via coisas assim. Preferia enfiar minha cabeça em um forno e negar um futuro à minha família se ele fosse acontecer dessa forma.

“Parece que você viu um fantasma”, Ellie disse, voltando com sua bandeja de comida nojenta e uma de nachos simples para mim.

Eu vi um fantasma. Vi um fantasma de tudo que é bom no mundo morrendo.

“Eles as sequestram para transformá-las em procriadoras”, eu disse. “Em campos de procriação.”

Ellie deu uma mordida em sua *enchilada* de queijo superquente e abanou a boca. Depois disse:

“Que merda!”



O REGIMENTO FERRET CAÇARÁ EXILADOS

APENAS O HORÁRIO DE almoço numa terça no shopping. Apenas duas garotas do interior saindo para comer nachos de chinelo e shorts. As mulheres mais velhas já tinham bronzeadas. Algumas delas tinham bebês em carrinhos. Algumas das mulheres com carrinho de bebê eram jovens. Talvez tão jovens quanto nós. Algumas tinham namorados tatuados usando bonés. Algumas tinham namorados de terno. Todos pareciam desprezar uns aos outros.

Essa praça de alimentação era uma grande competição. As pessoas delimitavam fronteiras. Era como todo o resto agora: divisionista, presunçosa, desesperançosa. Eu podia ver muito bem por que uma segunda guerra civil estava a caminho... Isso se ela não estivesse apenas na minha cabeça de bebedora de morcego.

Visão do pai tatuado do bebê com um boné de beisebol: *seu avô escapou de um tiroteio no Vietnã que matou 21 soldados do seu pelotão. Ele voltou para casa e descobriu que sua mulher teve um filho com outra pessoa, então ele viajou de carona até a cidade de Crescente, na Califórnia, onde descobriu sequoias gigantes e decidiu que elas eram as criaturas mais bonitas do planeta. Ainda mais bonitas que sua esposa, que teve um filho com outra pessoa, enquanto ele estava recebendo tiros no Vietnã. Assim, ele ficou por lá. Escreveu uma carta para sua esposa apenas uma vez. Ela dizia: "Obrigado."*

"Tá vendo aquela garota ali?", Ellie me disse. "Os ancestrais dela eram Índios Lenape. Eles costumavam esculpir pontas de flechas e caçar, tipo, a 16 quilômetros daqui. A mãe de sua tataravó foi uma tecelã talentosa e morreu de tuberculose."

Olhei em volta. A praça de alimentação estava enchendo. Era uma mistura de funcionários do shopping, vendedores, ratos de shopping e caras mais velhos que sentavam no banco o dia inteiro para observar as pessoas. Tive visões de alguns deles, mas nada sobre a guerra.

Então, um senhor numa cadeira de rodas apareceu. Visão do senhor na cadeira de rodas, com um sorriso e um boné do USS *Pledge*: *seu pai falava pra caramba, e ele nunca conseguia falar nada. Então ele assumiu o papel de criança calada. Quando seu pai morreu, ele finalmente conseguiu ter conversas reais e se divertir. Ele tinha 61 anos quando isso aconteceu. Ele se arrepende de ter demorado tanto. Além disso, o neto de seu neto vai ferir de alguma forma a minha família durante a Segunda Guerra Civil. Algo envolvendo fogo e um túnel.*

Do jeito que olhava para mim, parecia que ele podia ver a infinitude também. Ou talvez só estivesse me encarando. De qualquer modo, o neto de seu

neto machucaria os O'Brien. E havia um túnel.

“Está vendo túneis por aí?”, perguntei a Ellie.

“Túneis?”, ela perguntou, ainda olhando para o garoto que ela estava lendo. “Nada de túneis. Vejo hospitais ou coisas parecidas. Não que eu já tenha ido a um hospital.”

Ela se referia às tendas de atendimento. Elas se pareciam com hospitais.

“Nenhum túnel, então?”

“Não.”

Algo me dizia que eu precisava saber mais sobre os túneis, então olhei novamente para o senhor com o chapéu do USS *Pledge*. Outra visão: *os túneis estarão cheios de fumaça e não haverá como escapar. Antes da fumaça, os túneis facilitarão um êxodo... um êxodo liderado por mulheres que vivem nas árvores.*

Pisquei. Tinha tido visões de mulheres em árvores antes. Por que mulheres viveriam em árvores?

Mais uma visão: *o tataraneto será dono de uma caminhonete vermelha brilhante. No vidro traseiro, um adesivo que diz: meu outro brinquedo tem peitos. Ele vestirá um uniforme que exhibe a letra K em um círculo amarelo. Apesar da existência de patrulhas pela fronteira, ele roubará garotas. Por fim, será promovido a chefe do Regimento Ferret. O Regimento Ferret caçará os exilados.*

Estava com medo desse cara. Não só do tataraneto que ainda não havia nascido, mas do homem na cadeira de rodas. Era como se ele tivesse sido enviado para me assustar. Por que eu não via nada convencional? Por que não via alguma viagem bizarra até seus ancestrais alemães usando roupas típicas como um *lederhosen*? Um passeio rápido pela vida no USS *Pledge*? Um namoro com uma garota bonita em um daqueles vestidos de 1950 rodados e armados na altura dos joelhos?

Ellie perguntou:

“Você está bem?”

Me virei para longe do sujeito na cadeira de rodas.

“Tô sim.”

“Não tá não.”

“Ele me assustou. Só isso.”

“Tudo que eu vejo é uma chatice entediante”, ela disse e apontou o gerente de meia-idade da loja de pizza que vendia uns calzones realmente maravilhosos. “Aquele cara ali? O pai dele foi um encanador em Newark, Nova Jersey. Ele era conhecido por sua experiência em desentupir privadas.”

Ellie revirou os olhos.

“Tenho um maldito superpoder e tudo que vejo são encanadores e histórias de porta-guardanapo. Muito legal.”

“Vamos parar um minuto”, eu disse.

Ela olhou para mim.

“Tem certeza que está bem? O que é que esse infeliz tá olhando?”, ela perguntou, olhando por sobre meu ombro.

“Ele ainda tá olhando?”

“Tá.”

“Que merda.”

“Quem é ele?”

“Não faço ideia. Mas o tataraneto dele vai ferir minha família e fazer um monte de coisas ruins com as pessoas.”

“Caramba. Talvez devêssemos matá-lo agora.”

“Agora já era. Se quiséssemos matar alguém, teria que ser o filho ou o neto dele.”

“Nossa, Glory. Eu não tava falando sério.”

“Vou pegar um calzone”, eu disse e me levantei. Em vez de desviar do senhor na cadeira de rodas, fui direto na direção dele e depois o contornei para ir ao restaurante de comida italiana. Ele se virou e me seguiu.

“Eu te conheço?”, ele perguntou.

“Não”, eu respondi. “Acho que não.”

“Você me parece familiar.”

“Hum. Bem, talvez eu pareça com alguém que você conhece.”

“Me desculpe, então”, ele disse. Seu sorriso retornou. “Devo estar te confundindo com outra pessoa.”

Claramente ele era só um senhor que não conseguia ver muito bem. Enquanto ficava na fila esperando meu calzone, ficou óbvio que o tataraneto daquele senhor não poderia fazer nada com a minha família se não houvesse um futuro além da Glory O’Brien – se Glory O’Brien não vivesse o suficiente para ter um filho nem nada do tipo.

Foi uma sensação libertadora, como se eu pudesse me livrar de Darla, Bill e de todos os outros destinos que me assombravam. Eu poderia ter um futuro. Talvez um filho... ou dois. Talvez uma carreira, um hobby, ou qualquer coisa que não fosse vazia e oca como o dia seguinte à formatura. Eu sorri. Mas fiquei apavorada em seguida. Que piada sinistra é essa de saber que qualquer família que eu crie ficará presa nesse inferno? Um inferno onde meninas são roubadas e emprenhadas? Onde meninos são criados para lutar em guerras que eles não querem lutar?

Olhei para a praça de alimentação. Vi pais com seus filhos. Vi mulheres com bronzamento artificial e penteados elaborados. Vi uma garotinha usando maquiagem e comendo o almoço com sua mãe. Vi o terceiro botão da camisa de Ellie aberto, expondo só o suficiente.

Peguei meu calzone, passei uma nota de dez para o proprietário e fugi.



DÁ PRA SABER PELO CABELO

“NÃO ENTENDO POR que tivemos que sair de repente”, disse Ellie. “Não aconteceu nada.”

“Tive um ataque de pânico. Ou seja lá o que for”, respondi, descendo a Avenida 422. “Não conseguia respirar.”

“Existe remédio para isso”, ela disse.

“Como assim?”

“Você podia ter dado uma volta comigo e nós continuaríamos no shopping. É meu único dia fora, sabia? Queria que o passeio rendesse mais do que uma hora mal aproveitada.”

Eu chamava conversas como aquela de *Tudo Gira em Torno da Ellie*. Era um show de TV na minha cabeça e havia risadas gravadas. *É meu único dia fora, sabia?* (Insira uma risada pré-gravada.) *Queria que o passeio rendesse mais que uma hora mal aproveitada.* (Insira uma risada pré-gravada.) Se Ellie Heffner tivesse ataques de pânico, o mundo pararia por ela. Mas eu? Eu só podia respirar fundo, porque era o *único dia dela fora*.

Na praça de alimentação, ela tentou me fazer mudar de ideia com ofensas, barulhos e caras manipuladoras, mas simplesmente peguei minhas coisas e fui para a escada rolante, o que só deixou tudo pior. Quando cheguei ao outro andar, além de não conseguir respirar, estava tonta e com vontade de vomitar. Então a porta do elevador se abriu à minha direita e o sujeito do USS *Pledge* na cadeira de rodas saiu e o pânico aumentou.

Só de pensar em um futuro – e em mim tendo filhos algum dia – quase apaguei. Sabia que não podia dizer isso para Ellie. Ela acharia que eu estava sendo puritana ou burra, ou reagindo exageradamente a algo que parecia normal para a maioria das pessoas. Eu nunca tive a certeza de que viveria o suficiente para ter um filho. Para mim, trazer uma criança a um mundo que estava prestes a entrar em colapso era um erro. Foi isso que Darla sentiu? Que trazer uma criança ao mundo que ela via – o mundo registrado em *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* – era um erro?

Todas essas dúvidas me atacaram quando o homem saiu do elevador na cadeira de rodas. Então eu me mandei pelas portas principais. E depois terminei na Avenida 422, em direção às nossas casas. Aí tudo ficou bem...

“Podemos ir a outro lugar agora que você se acalmou?”, perguntou Ellie.

Parei no estacionamento do McDonald's e disse:

“Não me acalmei. Ataques de pânico são sérios. Não é uma questão de simplesmente *se acalmar*.”

“Foi mal.”

Suspirei.

“Podemos ir a algum lugar se você quiser. Só preciso de um tempo longe das pessoas.”

“Até de mim?”

“Até de você.” As coisas estavam se quebrando na minha cabeça. Precisava de um tempo longe das pessoas. Precisava de um tempo longe de tudo.

“Bem, então me larga lá no shopping e vai dar uma volta de carro ou sei lá o quê.”

(Insira uma risada pré-gravada.)

Não sei por que fiquei com tanta raiva dela tão rápido. Na verdade, não acho que foi assim tão rápido. Acho que começou muito tempo atrás e eu simplesmente estava guardando. E agora eu sentia aquilo crescendo dentro de mim e escapando pela minha boca.

“Rick tem dois filhos!”

“Do que diabos está falando?”, Ellie disse.

“É só procurar por aí.”

“Por aí onde?”

“Na comunidade da sua mãe. Eles moram lá. Um deles, pelo menos.”

Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de esbofeteá-la e eu realmente havia feito isso. Conhecimento é algo muito perigoso. O morcego era uma companhia muito perigosa.

“Rick só tem 19 anos. Você só fala merda.” Eu não disse nada. “Como sabe disso? Você viu? Em quem?”

“No Rick Noite passada. Na festa.”

Podia sentir Ellie me olhando, mas ela não disse nada.

“Acho que ele dormiu com outras mulheres por lá, sabe.” Não disse *inclusive, talvez, com a sua mãe*, mas não precisei. A pulga atrás da orelha a morderia.

“Isso é bobagem.”

“Você o viu com a mãe da Rachel.”

Ellie fervia de raiva. Vi o vapor saindo por suas orelhas. Vapor quente.

“Essa merda não é real, Glory. Pare de acreditar nisso como se fosse real!”

Ficamos em silêncio no carro enquanto eu dirigia de volta pelo estacionamento do shopping. Então Ellie disse:

“Quer saber? Você está com ciúmes.”

“Ciúmes de quê?”

“Fiz sexo primeiro.”

“Isso não faz sentido.”

“Está puta porque não te contei. Mas não te contei porque sabia que você não tinha maturidade suficiente para lidar com isso.”

“Não faz ideia do quanto eu sou madura.”

“Sei que nunca teve um namorado. Sei muito bem disso. Então o que poderia saber a respeito de qualquer coisa?”

“Não preciso de um namorado para saber das coisas, Ellie.”

“Você só está tentando me fazer terminar com o Rick porque está com ciúmes.”

Parei o carro do lado de fora da entrada do shopping.

“Cai fora.”

“Admita.”

Olhei para ela.

“Admita que só está com ciúmes.”

“Não estou com ciúmes. Não estou com nada. Só estou te contando o que vi. Rick tem dois filhos. É só o que sei. Pode ser uma bobagem. Tudo isso pode ser uma tremenda bobagem, está certo? Estamos ficando loucas, não é? Bebemos um morcego morto, caramba. O que eu posso saber? Só estou te contando o que vi.”

Ellie estava metade fora do carro quando eu disse isso e se virou para dizer alguma coisa, mas eu pisei um pouco no acelerador e então ela apenas saiu e bateu a porta.

Dirigi para a saída do shopping e comecei a chorar de novo. Não tinha sido um bom dia para mim e agora eu estava chorando. Me sentia uma idiota por deixar Ellie fazer parte da minha vida essa semana. Devia ter sido minha semana de liberdade.

Dirigi sem destino por algum tempo para devolver as lágrimas para dentro do meu corpo, que era o lugar delas. Finalmente cheguei onde queria estar – o setor principal da biblioteca. Segui até a bibliotecária e perguntei se ela poderia me indicar a seção de guerra.

“Estou procurando por túneis. Quais guerras tinham túneis?”

Ela deu de ombros.

“Tenho quase certeza de que a maioria das guerras tem túneis.”

“E quanto à Guerra Civil?”

Ela pesquisou em seu computador e depois me passou um papel impresso sobre túneis em Vicksburg, Mississippi, durante a Guerra Civil. Em seguida, me levou às estantes e encontrou dois outros livros para mim. Um deles sobre a Guerra da Coreia e um sobre a do Vietnã, ambos sobre túneis. Depois me entregou uma cópia do *Fugindo do Inferno* em DVD e me mandou para a mesa da frente. Após dar uma olhada neles, sentei em um canto tranquilo da biblioteca para ler. Túneis eram assustadores. Muito assustadores. Eles desabavam, podiam ser invadidos por ambos os lados e aprisionar pessoas. Podiam ser incendiados. Como uma garota com tendência a ansiedade e claustrofobia moderada, túneis me deixavam com a sensação de que poderia me mijar de medo. Torcia para que meus descendentes não herdassem meus temores irracionais.

Duas horas depois, meu ataque de pânico já tinha passado e recebi uma mensagem do pré-pago da Ellie no meu celular, dizendo que estava pronta e que eu podia ir buscá-la e levá-la ao seu próximo destino. (Insira uma risada pré-gravada.) Fui para o shopping buscá-la. Ela não falou nada comigo sobre Rick, não se desculpou por me chamar de ciumenta ou por dar a entender que eu era burra. Apenas disse:

“Me desculpe por dizer pra você se acalmar. Sei que não pode fazer nada a respeito.”

“Obrigada.”

“Quer sair pra jantar?”

“Não... Preciso voltar pra casa. Não tive tempo desde a formatura e tenho um monte de coisa pra fazer.”

“Comida chinesa pra viagem?”

“Não, obrigada.”

O silêncio não me incomodou. Não me senti inquieta durante o silêncio. Não tinha nada a dizer.

“Eu sei quem é o filho dele”, Ellie disse finalmente. “Do Rick...” Ela olhou pela janela. “Dá pra saber pelo cabelo.”

“É...”

“E a criança já tem quase dois anos. O que significa que ele vem fazendo isso já tem um tempo.”

“É.”

“O dia em que eu for embora daquele lugar será o melhor dia da minha vida.”

“Desculpa por despejar isso em cima de você, mas achei que devia saber. Provavelmente não foi o melhor jeito de contar.”

“Desculpa por ter dito aquelas coisas”, ela falou. “Não foi a melhor das semanas.”

“Nem me fale.”

Silêncio desconfortável.

“Ainda vai querer falar comigo depois disso?” (Insira uma risada pré-gravada.)

“Não sei.”

“Não podemos passar por esse lance do morcego sem termos uma a outra”, Ellie disse.

“Já passei por muita coisa sozinha sem a sua ajuda.”

“O que quer dizer com isso?”

“Exatamente o que eu disse.”

“Mas o quê? Você tem um namorado e não me contou a respeito?”

Revirei os olhos.

“Por que tudo que você fala tem que ter a ver com namorado? Caramba! Você está obcecada”, eu disse. “Quer saber? Deixa pra lá. Vá dormir de novo com o Rick. Case com ele. Não tô nem aí. Só não venha me pedir pra comprar mais veneno de chatô pra você, tá bom?”

“Só não faço ideia do que você pode ter passado. Estou perguntando. Não precisa ser tão cretina por conta disso.”

“Você não faz ideia do que eu posso ter passado?”

Silêncio incômodo.

“Bem, você vai me contar?”

“Deixa pra lá.”

“Tem a ver com a sua mãe e como ela... bem... como ela se matou?”

“Deixa pra lá...”

“Nunca conversei com você a respeito porque pensei que você tinha superado isso.”

Fiquei calada enquanto dirigíamos pelos quilômetros finais até em casa. Se tivesse aberto minha boca, um dragão teria voado para fora e incendiado Ellie

no meu carro de um jeito tão feio que ela não passaria de uma pilha de cinzas estúpida, egoísta e obcecada por garotos.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

A Segunda Guerra Civil começará com uma bomba. Será uma bomba muito grande. Estou começando a pensar que o que aconteceu comigo, seja lá o que for, aconteceu para que eu soubesse disso e pudesse fazer algo a respeito. Mas o que uma garota de 17 anos de idade pode fazer a respeito de qualquer coisa? Eu nem voto ainda.

Pelo que vi, a explosão, em um prédio do senado, matará sete senadores e muitos funcionários. A mídia irá à loucura, o que será bom porque antes da bomba a mídia já terá parado de mostrar todas as noites o desaparecimento de meninas nos estados fronteiros com a Nova América.

Mas a bomba mudará toda a situação, porque Nedrick, o Moralista, entrará no ar para fazer uma transmissão declarando guerra.

Não será algo totalmente inesperado. Nove estados já terão declarado independência e se tornado seu próprio país bizarro. Dez estados já terão forçado as mulheres a parar de trabalhar. Mas ninguém espera que a Nova América vá à guerra. Ninguém espera que a Nova América tenha um exército.

Nedrick dirá:

“Todos pensaram que éramos caipiras estúpidos. Acho que terão de pensar melhor a respeito.”

O presidente reunirá a Guarda Nacional. Levará um mês para ele perceber que precisará de mais do que a Guarda Nacional.

ISSO FAZ SENTIDO?

APÓS LARGAR ELLIE na comunidade, dirigi para o restaurante chinês mais próximo e pedi a comida mais apimentada que podia porque estava com vontade desde que Ellie falou nisso. Pro meu pai, pedi um rolinho primavera e macarrão tailandês, seu prato favorito daquele lugar.

Enquanto dirigia, tentei abstrair o que Ellie havia dito, mas foi difícil. *Pensei que você tinha superado isso.* Às vezes, as pessoas são tão estúpidas.

Quando cheguei em casa, meu pai estava ausente do seu posto de trabalho, então me sentei à mesa da cozinha sozinha e comi meu jantar olhando para o lugar onde o forno costumava ficar. Era um vácuo do não forno. Olhei para ele porque sabia que, de algum jeito, partículas da minha mãe continuavam ali.

Olhei para o vácuo do não forno e pensei: *vou acabar gerando uma descendente. E essa descendente ficará presa em algum túnel perto do fim da Segunda Guerra Civil.*

Estava chateada por não ter falado com o sujeito do USS *Pledge* quando vi meu futuro nele. Tinha tantas perguntas, e ele podia ter as respostas. Talvez mais visões de um bebê ou algo parecido. Qualquer coisa.

Sorri, embora nunca tivesse gostado de bebês. O primeiro bebê que segurei foi a filha da minha tia Amy, quando ela tinha menos de 1 mês de idade. E tudo que a tia Amy fez o tempo inteiro foi falar, sem parar, como eu tinha que segurar a cabeça do bebê, como se o seu precioso Deus fosse fazer uma criatura tão frágil que se eu não segurasse sua cabeça por um mísero segundo poderia quebrá-la como um galho seco.

Olhei para o armário da cozinha que havia substituído o forno e me perguntei como seria assar um pão, ou fazer uma torta, ou um frango assado, ou qualquer coisa relacionada a forno. Coisas que não tivessem gosto de radiação. Coisas que sofressem efeitos colaterais de um forno de verdade. Coisas que ficassem crocantes e douradas. Coisas que crescessem ou murchassem. Se eu fosse sobreviver aos 18 anos, eu queria essas coisas.

Abri meu biscoito da sorte. *Tudo serve para nossa evolução.* Hum. *Tudo serve para nossa evolução.*

Olhei para o vácuo do não forno. Decidi contar ao meu pai que planejava usar parte dos cinquenta mil dólares para comprar um novo forno – elétrico – para aprender a ser uma pessoa normal. Estava mais do que na hora, não é? De ser normal?

Como se alguma coisa sobre a vida após o morcego fosse normal. Como se

alguma coisa pudesse ser normal depois de saber o que eu sabia – sobre o presente ou o futuro.

Voltei ao quarto escuro depois de jantar e encontrei meus negativos secos e o *Por que Pessoas Tiram Fotos* onde eu o havia deixado, atrás do armário. Onde Darla o havia deixado. Queria sentar ali a noite inteira e lê-lo por completo agora que tinha tempo.

Abri na página seguinte e encontrei duas páginas de pornografia das antigas. Nada muito chocante, veja bem. Fotos de calendário: modelos de biquíni na praia; modelos de biquíni na praia sem a peça de cima; modelos que antes estavam de biquíni na praia mostrando suas marcas de biquíni. Embaixo de cada uma, Darla escreveu legendas.

Todas. Vocês. Valem. Mais. Do que. Isso.

Na página seguinte havia duas fotos bastante vulgares de Jasmine Blue Heffner. Suas pernas estavam... hã... abertas. Isso foi... hã... desconfortável. Não só porque estava olhando para as partes íntimas de Jasmine Blue Heffner, mas porque eu sabia que ela tinha dado essas fotos ao meu pai. E porque eu sabia que Darla as encontrou. E sabia que isso deve ter acabado com ela.

Virei a página e encontrei uma foto grande de um tubo de creme anti-idade. Embaixo dela, Darla escreveu:

Você também é uma pornógrafa, sabia disso?

Na página seguinte havia um autorretrato. Darla estava natural e linda. Os olhos dela pareciam ter visto um fantasma. Embaixo, estava escrito:

Tenho rugas. Não sou torturada por elas. Não sou ninguém especial, então e daí se tiver rugas? Um dia serei ninguém especial e estarei morta. Isso faz sentido?

Olhei para a última fotografia por algum tempo e desejei ter Darla e suas rugas em vez de uma Darla Morta. Darla Viva soava como alguém com quem seria divertido conversar. Uma pessoa honesta, sem medo de dizer as coisas que a maioria das pessoas tem medo de dizer. Darla Viva provavelmente teria um gosto musical refinado. Ela até podia ter rugas, mas teria me apresentado ao quarto escuro e me faria sentir que pertencço àquele lugar, em vez de ser uma invasora.

Espalhei três bandejas e liguei o lavador de impressão. Ele fazia um barulho de esguicho que me acalmou enquanto eu misturava o revelador, banho de interrupção e fixador nas bandejas. Olhei para o conjunto. Era tão simples, não era? Nenhum microchip ou megabyte, nem silicone ou software. Apenas produtos químicos e água. Apenas prata no papel. Apenas luz e escuridão.

Inspecionei meus negativos secos e os cortei em tiras, depois os coloquei na bancada. Liguei a luz âmbar e apertei o interruptor principal, deixando o quarto escuro. Era mais sossegado lá, dentro do quarto e dentro da minha cabeça.

Tudo era mais sossegado. Peguei um vidro e risquei alguns dos antigos papéis 20 × 25 de Darla, fazendo três páginas de amostra com meus negativos. *Tão simples. A luz brilha no papel, atravessa o negativo, cria uma foto pequena.*

Então deslizei o papel para o revelador e movi a bandeja para frente e para trás até formar a imagem. Quando terminei e as páginas de amostra foram para o secador, entendi o valor terapêutico do quarto escuro de Darla.

Pensei novamente no que Ellie havia dito. Como alguém poderia pensar que eu tinha superado isso? Pensei nos 13 anos que eu vivi sem ninguém falar a respeito do assunto. Pensei em como sempre achava que as pessoas simplesmente tinham um problema com a morte. Eu tinha lido artigos. É verdade. As pessoas realmente têm um problema com a morte. Mas o pior de tudo é o problema que elas têm mais tarde. Simplesmente não sabem o que dizer. Ainda possuem vidas normais para tocar. Ainda têm fornos.

Eu queria falar com meu pai, mas estava brava com ele. Por uma lista de coisas que era tarde demais para trazer à tona. Queria conversar com a Ellie, mas estava brava com ela também. Por que nenhum deles tinha me ajudado? Por que não perguntaram? Não era óbvio? Era tão difícil assim ligar os pontos de Glory O'Brien? Ou será que eu tinha sido tão boa em esconder tudo que eles apenas fizeram exatamente o que eu precisava que eles fizessem, embora eu precisasse que eles fizessem algo totalmente diferente? Não era responsabilidade da Ellie garantir que eu estivesse bem. Meu pai devia ter conversado a respeito pelo menos uma vez.

Acendi o interruptor principal e abri um dos álbuns comuns de Darla, um dos não secretos, não escondidos atrás do secador de impressão. Eles eram incríveis. Tantas imagens obscuras da vida. Tantas legendas inteligentes. Tantas indicações de que ela já havia sido feliz. Tudo lá. Sem loucura. Sem estar pronta para partir. Mas então havia aquela foto específica. De mim e do meu pai. A legenda era: *Quando estou com eles, me sinto presa dentro de um balão de borracha. É como testemunhar um pai maravilhoso e sua filha adorável caminhando do outro lado da rua.*

Eu conhecia aquela sensação.

Sabia como era estar em um balão de borracha. Era sufocante. De algum modo, essa conexão não me fez chorar. Ela me fez entender um pouco. Me fez questionar o que eu poderia fazer para escapar do balão.

Depois, enquanto me virava na direção da porta, algo chamou minha atenção.

O dente.

Ela o pendurou no teto acima da porta, como um visgo mórbido. Ele brilhava, refletindo de volta para mim, através de Darla.

Havia uma mensagem presa a ele, pequena como a de um biscoito da sorte. Subi no banco para conseguir ler e a peguei com as mãos trêmulas. Ela dizia: *Deixar de viver sua vida é como se matar; só demora mais tempo.*



LIVRO TRÊS

A ESTRADA PARA LUGAR NENHUM

O trem é seu. Você não tem que ir a lugar nenhum se não quiser. Não precisa pegar nenhum passageiro ou carga. Você pode ir sozinha nele. Às vezes haverá túneis. Às vezes a luz do sol estará escaldante. Tudo depende de para onde você o conduzir.

CARAMBA, CUPCAKE

MEU PAI PARECIA estar com medo do que eu diria em seguida. Eu não o culpava. Estava falando sem parar e devia ter dito “Darla” umas seis vezes. Não era justo, mas eu precisava saber.

Então desacelerei.

“Por que Darla disse que ela era uma pornógrafa?”, perguntei.

“Caramba, Cupcake! Onde está lendo essas coisas?”

“Era meu destino ler isso. Ela escreveu para mim. Mas não me contou os detalhes. Então você tem que me contar.”

Ele suspirou e se sentou à mesa da cozinha.

“Ela aceitou o emprego naquele laboratório de fotografia do shopping porque queria ter acesso a um processador de cores. O proprietário fechou um acordo com ela, entende? Ela imprimia os pedidos que eram entregues a ela. Alguém eram esse tipo de material, eu acho. Isso não foi bom para ela.”

Não foi bom para ela. Não diga.

“Wilson costumava tirar essas fotos de calendário”, ele acrescentou. “Não como as coisas que se vê hoje em dia.”

“Eca. O Sr. Wilson era um pornógrafo?”

“Podemos parar de usar essa palavra?”

“Tá bem... O Sr. Wilson tirava fotos de gente nua? Melhor assim?”

Ele pareceu magoado.

“Foi ele que tirou as fotos da Jasmine Blue?”

“Como é que eu vou saber?”

“Hum...”

“Não olhe pra mim desse jeito.”

“De que jeito?”

“Como se eu fosse algum tipo de pervertido.”

Eu não soube o que responder. Apesar de todo o meu choro naquele dia, ainda estava brava com meu pai por nunca ter me contado nada a respeito. Talvez ele também pensasse que eu já tinha superado, assim como Ellie. Talvez ele guardasse as fotos que Jasmine tinha dado para ele porque era bom se sentir desejado. Porque é, não é? É bom se sentir desejado?

“O que foi?”, ele perguntou.

“Você não se sentiu nem um pouco lisonjeado de Jasmine querer que... você sabe.”

“Não.”

“Então por que guardou as fotos?”

“Escuta... Sua mãe e eu éramos almas gêmeas. Monogâmicos. Não que seja da sua conta, mas nunca dormi com ninguém na minha vida além da sua mãe. Nem antes, nem depois.”

“Hum...”, eu disse. E então me senti triste, porque parecia tempo demais para meu pai estar sem... hã... sexo. Quer dizer, Darla havia morrido há 13 anos.

Mas eu entendia. Quando uma pessoa que você ama decide partir, uma parte enorme sua vai embora com ela. Não sei como explicar de outra forma. Quando tinha 4 anos de idade entendi isso. Agora eu tinha 17 e entendia isso. Elas te levam embora com elas.

“Desculpe”, ele disse. “Não queria te deixar desconfortável. É só que... Também não quero que pense coisas erradas sobre nós.”

“Então o que é aquele dente?”

Ele pareceu surpreso e depois sorriu.

“Ele ainda está pendurado lá? Uau. Tinha esquecido completamente dele.”

“Tá lá sim.”

“Número 46”, ele disse, apontando para sua mandíbula, no lugar onde geralmente fica o número 46 na boca de um humano. “Ela teve que tirar.” Ele franziu a testa. “Ela não foi mais a mesma depois disso.”

“Não foi mais a mesma?”

“O emprego. O dente. Tudo isso pesou sobre ela. Ela não era mais a mesma.”

“Acha que foram essas as causas?”

“Ela estava deprimida. Falei isso pra ela. Ela continuou dizendo que era só uma fase. Que ela resolveria.”

Nós ficamos lá sentados, em silêncio.

“Ela resolveu, pelo visto”, eu disse.

Ele começou a chorar. Não era algo que ele costumasse fazer. Então me juntei a ele, considerando que já tinha praticado bastante naquele dia.

Nós choramos. Depois nos abraçamos. Aí assoamos nossos narizes e ele fez o som de elefante que sempre fazia quando assoava seu nariz e isso me irritou como me irritava todas as vezes. E então nós rimos porque ele sabia que tinha me irritado.

“Ela se recusou a pedir ajuda. Se enfiou naquele quarto escuro. E então a merda caiu no ventilador por causa daquelas fotos malditas.”

Eu não sabia o que dizer. Aquilo era o máximo que já havíamos conversado... sobre qualquer assunto.

“Eu podia ter ajudado. Mas ela estava tão brava comigo”, ele disse.

“Não foi sua culpa.”

“Sabia que quando a encontrei, você estava na sala de estar com os sapatos dela?”

“Com os sapatos dela?” Não me lembrava disso.

“Estava abraçando os sapatos dela. E tinha colocado todas as suas nozes dentro de um deles, e não me deixou pegá-los de volta.”

“Deus. Não lembro de nada disso.”

Ele estava chorando descontroladamente agora. Nunca tinha visto meu pai desse jeito antes.

“Revivo esse momento todos os dias.”

“Quero que a gente siga em frente com as nossas vidas”, eu disse. “Quero que volte a pintar e pare de se sentir culpado por isso. Não deve.”

Ele me olhou por algum tempo e limpou os olhos com a palma da mão.

“Tudo que sempre quis fazer desde o dia que Darla morreu foi me mudar para algum outro lugar. Pegar aquele terreno de volta...” Ele apontou na direção da comunidade. “Vender tudo e dar no pé. Ir pra Califórnia. Ou pra Itália. Ou pras Ilhas Virgens. Maine. Vermont. Não importa onde. Não consigo funcionar direito aqui.” Ele apontou na direção da cozinha, para o espaço onde ficava o forno. “Eu a vejo ali todos os dias.”

Olhei para seus olhos vermelhos e molhados de lágrimas.

Visão do meu pai: *seu pai não falava muito com ele depois que Darla morreu. Ele não sabia o que dizer, então não dizia nada. No seu leito de morte, ele disse: “Sinto muito pela sua menina, filho”. Sua mãe não falava com ele fazia 20 anos, desde que havia ido embora para ser uma hippie abraçadora de árvores que viajava com um grupo chamado Coalizão Skyforce, que podia ou não ter acreditado na existência de unicórnios benevolentes. Ela não sabia que eu existia. Ela não sabia nem que Darla havia morrido.*

Isso é o que eu chamo de conveniente.



TUDO SERVE PARA NOSSA EVOLUÇÃO

MEU PAI CHOROU para valer. Perguntei se precisava de alguma coisa e ele balançou a cabeça dizendo não. Queria lhe dar espaço, então disse que voltaria dali a pouco e fui para o quarto escuro. Verifiquei o secador de impressão, e as páginas de amostra estavam secas.

Peguei as tesouras, cortei as pequenas fotos do tamanho de um negativo e as coleí no meu álbum. Em seguida, coleí minha mensagem do biscoito da sorte embaixo delas.

Tudo serve para nossa evolução. E também escrevi: *Tudo serve para nossa evolução.*

Abri o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*. Ouvi meu pai assoar o nariz lá em cima e me perguntei se um dia devia mostrar o livro para ele. Ou será que ele já tinha visto e o deixou escondido para que eu o encontrasse? Talvez isso tudo fosse planejado. Talvez ele quisesse que eu conhecesse Darla do meu jeito. Ou talvez quisesse que eu conhecesse Jasmine do meu jeito. Você decide.

A página seguinte tinha uma foto ainda menor de Bill – o homem sem cabeça. Em cima dela estava escrito: *Vi o Bill de novo hoje. Ele estava no quarto escuro comigo. Continua sem cabeça.* Abaixo dela estava escrito: *Por que você atirou na sua cabeça?*

Enquanto lia aquelas palavras, *Por que você atirou na sua cabeça?*, percebi que Darla havia tentado encontrar a resposta para a mesma pergunta que eu havia me feito. Não sei quando ela começou a se questionar. Será que foi ainda jovem? Ela havia se perguntado desde que ouviu falar sobre isso da primeira vez? Quando as pessoas normais realmente pensam sobre suicídio pela primeira vez? Darla tinha 7 anos quando Jim Jones chacinou seus seguidores em Jonestown e chamou aquilo de suicídio em massa. Talvez ela o tenha visto no noticiário. Talvez tenha sido depois, na escola de arte, quando aprendeu sobre Diane Arbus, uma das suas fotógrafas favoritas, que morreu em 1971, o ano em que Darla nasceu. Talvez tenha sido por causa de Kurt Cobain, em 1994. Roy e Darla eram grandes fãs dele.

Quanto mais eu olhava para aquela página – *Por que você atirou na sua cabeça?* – e comparava com a minha página – *Tudo serve para nossa evolução* –, mais as duas se misturavam. Talvez eu tivesse encontrado a resposta de Darla.

Por que ele atirou na cabeça? Porque tudo serve para nossa evolução. Mesmo que não faça o menor sentido. Mesmo se isso deixar para trás um buraco tão grande que em certos dias você nem consegue respirar.

Meu telefone tocou. Era Ellie. Eu a ignorei e ela deixou uma mensagem

de voz. E aí eu ouvi a mensagem, porque apesar de todo meu fingimento eu ainda estava na dúvida quanto à nossa amizade... mesmo que ela fosse uma imbecil.

“E aí, Glory. Pode me ligar de volta? Preciso falar contigo.”

Não liguei de volta.

Mas tudo serve para nossa evolução. Inclusive a inércia.

Tudo serve para nossa evolução. Inclusive fotos da sua melhor amiga nua, dadas para o seu marido.

Tudo serve para a nossa evolução. Inclusive dar à luz a um bebê que dará à luz a outro bebê que morrerá em um túnel cheio de fumaça em algum ponto do futuro.



TEM QUE HAVER OUTRA SAÍDA

SUBI DE VOLTA E me juntei ao meu pai no sofá. Ele não estava mais chorando, e parecia emocionalmente mais leve, se é que havia um jeito de parecer emocionalmente mais leve.

“Você odeia a Jasmine Blue?”, perguntei.

Ele refletiu sobre a pergunta alguns segundos, esfregando o queixo.

“Sim. Consideravelmente.”

“Acho que estou começando a odiar a Ellie também”, eu disse.

“Não vamos usar a palavra *ódio*, tudo bem, Cupcake? Sua mãe ficaria doida com isso.”

Engasguei de tanto rir.

“Como se *ela* não tivesse odiado a Jasmine depois de encontrar aquelas fotos? Até parece.”

“Não odiou. Ela meio que sentiu pena da Jasmine. Da mesma forma que sentia pena de todas aquelas mulheres, você sabe, em posições comprometedoras.”

“E então ela cometeu suicídio, pai.”

Ele olhou para mim.

“Se isso não é um ato de ódio, não sei o que pode ser”, eu disse.

“Ela odiava o mundo”, ele respondeu. “Ela estava chateada pra caramba com o mundo.” Então ele olhou para as próprias mãos. “Sempre achei que tinha sido sua piada final – deixar o mundo do seu próprio jeito. Dar no pé daqui. Fugir da política. Dessa merda toda. Sua mãe? Ela era honesta demais para viver. Foi isso que aconteceu. Ela era honesta demais.”

Olhei para ele e sorri porque ele estava sorrindo. Lá estávamos nós, sorrindo graças à Darla Morta. Mas eu podia imaginá-lo na época, do jeito como ele costumava ser – bermuda cargo com uma camisa de flanela de mangas cortadas e alguma camiseta desbotada cheia de buracos. Cabelo longo e encaracolado. Botas. Doc Martens, provavelmente. Jovem, assim como Darla. Ele era um homem bonito. Ela era uma mulher bonita. Eu era a bela prole deles, também honesta demais para entender essas merdas todas. E eu não queria fazer parte de nenhuma conversa que já tinha escutado porque todo mundo só falava de coisas estúpidas para as quais eu não dava a mínima. Ninguém conversava sobre arte. Ninguém conversava sobre como a rolinha tinha um pranto mentiroso. Ninguém conversava sobre o Sistema de Zonas.

Era aqui que eu me encaixava. Na minha casa. Na minha família, composta somente por mim e por meu pai desde que eu tinha 4 anos. Não

acreditava que algum dia iria me sentir parte de qualquer outro lugar. Jamais. Quando olhei para o meu pai, percebi que ele se sentia exatamente do mesmo jeito. Estávamos com raiva do mundo, e esse era o único lugar onde era aceitável estar com raiva do mundo.

Darla teve de escapar. Foi o que ela fez. Então o que eu faria? O que meu pai faria? Se viver na merda não é algo que a gente aguenta, então qual é a saída? Tem que haver outra saída.

“E aí, o que a Ellie fez dessa vez?”, ele perguntou.

“Nada pior do que ela sempre faz. A Ellie só sabe falar dela, sabe? Egoísta, egocêntrica, sei lá.”

“Mas amigas perdoam umas às outras por essas bobagens, não?”

“Não sei... Ellie nunca foi uma amiga de verdade.” Me senti uma pessoa horrível naquele momento. “Nós somos meio que... hã... amigas acidentais. Ela mora aqui. Eu moro aqui. Mas na verdade não temos muito em comum.”

“Hum.”

“Isso é errado?”

“Claro que não. Quer dizer, contanto que tudo que estamos conversando não esteja te colocando contra ela. Ela sempre me pareceu uma criança bem legal.”

“Mas tem aquela história, né? De tal mãe, tal filha.”

“Hum”, ele disse novamente. “Mas ela fez alguma coisa que te fez pensar assim?”

“Nós brigamos. Mas foi uma briga que deveríamos ter tido anos atrás, então não, ela realmente não fez nada específico. Tudo serve para a nossa evolução, eu acho. Dá pra me entender? Talvez eu esteja mudando. Talvez eu esteja crescendo ou talvez *ela* não esteja. Não sei dizer.”

“Seja cuidadosa com ela.”

“Vou tentar.” Não podia explicar para ele que ela não vinha sendo cuidadosa comigo.

Fui lá para fora. Era uma daquelas noites perfeitas do começo de junho. Fria, mas ainda dava para usar apenas uma camiseta. Deixei todas as luzes da varanda apagadas para poder ver as estrelas. Olhei para elas lá no alto e conversei com Darla, porque ela estava lá nas estrelas, porque eu também estava lá. Na história do mundo, estávamos todos nas estrelas, não é?

Disse a ela: *“Às vezes eu também tenho vontade de ir embora do meu jeito, mas tenho algo a fazer. Ainda não sei o que é, mas sei que tenho algo a fazer.”*

Visão de Betelgeuse: *“você tem algo a fazer.”*

Visão de Vega: *“você tem algo a fazer.”*

Visão de Polaris: *“você tem algo a fazer.”*

Praticamente adormeci sentada ali no degrau da varanda. Chorar foi exaustivo. Não chorava há tanto tempo que havia esquecido o quanto isso te deixa cansado. Talvez Darla estivesse tão cansada que não aguentava mais chorar.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

A Velha América finalmente reunirá um exército grande o suficiente para proteger a fronteira. A Nova América terá ocupado praticamente dois estados inteiros em nove semanas.

Depois desse ataque inicial de nove semanas, Nedrick, o Moralista, fará cada vez mais aparições públicas. Ele dirá que tem um exército de reserva ainda maior. Dirá que todas as pessoas com mais de 60 anos deveriam sofrer eutanásia. Dirá que todas as escolas financiadas pelo governo deveriam fechar e que a Nova América abrirá suas próprias escolas. Dirá que as mulheres são boas só para uma coisa. E não dirá que coisa é essa.

Os Novos Americanos não falarão mais com repórteres em rede nacional. Nedrick dirá: “Não é nem um pouco da conta deles.”

Meninas começarão a desaparecer nos estados fronteiriços em uma taxa alarmante. Cerca de 20 a 40 por noite. O som de gritos será tão comum quanto o som de trânsito e trens de carga.

Não vejo para onde as meninas são levadas, mas sei o suficiente para especular que são vendidas ou terminam em um prédio com um número na frente.

O QUE ACHA QUE TE DIFERENCIA?

MEU PAI DEIXOU a TV ligada enquanto trabalhava. Eu o observava enquanto comia minha granola, ainda meio dormindo. Então falei:

“Você não tem mais amigos? Acho que nunca te vi com amigos antes.”

“As pessoas são um saco.”

“Nem todas.”

“É. Quase todas.”

“Certo.”

“Por quê?”, ele perguntou, olhando por sobre o notebook *Visão do meu pai: seu ancestral distante perfurou cinco soldados de Cromwell com uma lança.*

“Não sei. Também não tenho amigos.”

“Então aquele papo sobre a Ellie ontem à noite, você estava falando sério?”

“Estava.”

“Estão velhas demais para gostar uma da outra?”

“Exatamente”, menti. “Eu acho.”

“Bem-vinda ao resto da sua vida. É por isso que não me importo. Mas talvez me importaria se...”

“Se?”

“Se vivesse em algum outro lugar”, ele concluiu.

“Acha mesmo?”

“Não sei. A maioria dos caras da minha idade só assiste a esportes e fala sobre inutilidades.”

“Todo mundo fala sobre inutilidades.”

“É verdade.”

Enquanto mastigava o restante da granola, percebi que a história do futuro não era nenhuma inutilidade. Podia ser uma loucura total induzida pelo morcego, mas não era inútil. Ela estava me mostrando algo.

O passado é o futuro que é o passado que é presente, é futuro, é passado, é presente.

Fato: Passado, presente e futuro têm uma coisa em comum. Eu. Queria poder tirar uma foto disso. Tornar tudo *real*. Transformar em algo que eu pudesse colar em um álbum. Mais do que somente uma história sobre o que eu via quando olhava para as pessoas.

Por que as pessoas tiram fotos? Para tornar as coisas reais.

Ou mais reais.

Algo palpável.

Para ter lembranças das coisas que perderam.

Para lembrar – mesmo que às vezes queiram esquecer.



Decidi passar um dia sem a Ellie. Decidi ir ao shopping para ver se conseguia encontrar o homem da USS *Pledge* outra vez. Quando meu telefone tocou, atendi sem pensar.

“Não recebeu nenhuma das minhas mensagens?”, perguntou Ellie.

“Estava ocupada”, falei.

“Podemos ir ao shopping novamente?”, ela perguntou. (Insira uma risada pré-gravada.)

“Hum, não sei. Eu... é... acho que tenho umas coisas para fazer por aqui hoje.”

“Mentirosa. Só está me evitando porque fui uma escrota ontem.”

“Hum.”

“Fui mesmo. Eu assumo. Fui mesmo. Então vamos tentar de novo. Quero ver se consigo enxergar sua guerra e você provavelmente quer ver mais também, não é?”

“Acho que sim.”

“Então... Chego aí em cinco minutos, pode ser?”

Deixei alguns segundos se passarem antes de responder.

“Pode ser.”

Não sei por que disse sim. Ellie era um hábito. Ainda era cedo. Meu cérebro não estava preparado o suficiente para mentir para ela e dizer que tinha outra coisa para fazer. Ela apareceu na minha varanda vestindo uma blusa nova.

“Bela camisa”, eu falei, sem comentar como estava desabotoada demais.

“Obrigada.”

Foi esse tipo de coisa que continuamos a falar uma para a outra no caminho para o shopping. Jogando conversa fora, principalmente. Então, quando chegamos lá, nos separamos e concordamos em nos encontrar uma hora da tarde para o almoço, na praça de alimentação.

Quando entrei no shopping, senti na área central em um dos bancos, esperando pelo sujeito do USS *Pledge* e captei tantas visões quanto possível.

Visão da mulher perto de mim: *seu neto descobrirá o gene humano que carrega uma doença rara que não consigo pronunciar. O filho dele, ironicamente, contrairá a doença e morrerá. Ele será enterrado no mesmo cemitério que a mãe de Darla. Seu nome será Lawrence Julian Harrison. Ele viverá até os 9 anos. Em seu último dia na escola, ele aprenderá a multiplicar frações. E nunca usará esse conhecimento novamente em sua vida.*

Visão de um senhor hispânico usando uma camisa cubana apertada: *o bisneto de sua irmã será deportado durante o ataque de nove dias de Nedrick. Após ser deportado, seus filhos sobreviventes serão exilados. Ele viverá nas árvores e revirará o lixo atrás de comida. Sete gerações depois, seus descendentes serão convidados para ser os primeiros habitantes do EcoDome, na lua.*

Olhei em volta e tentei cruzar o olhar com mais alguém, e então vi um

garoto de cavanhaque aparado e cabelos castanhos compridos. Estava vestido como meu pai costumava se vestir – como um grunje magrelo: camisa de flanela sem manga, camiseta, bermudas largas que pareciam velhas, mas não sujas, e botas. Uma tatuagem de uma banda em seu braço direito. Era mais velho que eu, mas não muito mais velho, eu acho. Ele sorriu para mim. E era completamente maravilhoso.

Me senti boba por pensar isso, mas pensei. Sua pele era bronzeada como se ele trabalhasse muito ao ar livre. Os braços eram fortes, também. Me senti mal por notar esses detalhes. Como se tivesse planejado nunca despertar para minha sexualidade. Sorri para ele.

Visão do garoto sexy que eu estava tentando não comparar com uma versão mais nova do meu pai na minha cabeça: *ele só vai se casar mais velho, e com seu verdadeiro amor, que ele conhecerá no shopping em um dia de junho de 2014.*

Não pode ser...

Desviei os olhos. E então olhei para ele outra vez. Visão do mesmo garoto que talvez se case comigo no futuro: *ele e sua esposa fugirão do Regimento Ferret. O homem da caminhonete vermelha não conseguirá capturá-los. Eles destruirão muitos equipamentos pertencentes ao Exército da Nova América, incluindo arrancar o adesivo do “meu outro brinquedo tem peitos” da caminhonete vermelha. Ele será um mestre dos explosivos. A esposa será uma exímia atiradora. Ele terá 86 anos quando morrer nos braços dela.*

Ele sorriu para mim outra vez, então olhei para o outro lado, mas aí ele se sentou a três bancos de onde eu estava. Ele segurava uma prancheta. E eu me senti estúpida por causa da prancheta, porque, até notá-la, achei que ele estava sorrindo para mim. Mas ele provavelmente só estava pensando em alguma coisa. Quando olhei para cima outra vez, fiquei cara a cara com uma garotinha chupando um pirulito.

Visão da criança com o pirulito: *sua bisavó costumava lhe contar histórias sobre como sobreviver na Segunda Guerra Mundial. Elas serão úteis quando ela estiver morando em um pântano para escapar do Exército da Nova América.*

“Oi”, disse o garoto completamente maravilhoso.

Eu não vi que ele tinha se aproximado. Ele parecia mais novo agora que estava perto. Ainda assim, mais velho que eu. Ai, ai.

“Oi”, eu disse.

“Peter.” Ele esticou a mão e eu o cumprimentei. Tentei ver o que havia na prancheta, mas não consegui. Será que ele ia me pedir dinheiro? Uma assinatura em alguma petição? Oferecer uma assinatura de revista ou algo do tipo?

“Sou a Glory.” Ele riu. Eles sempre riam. Glory é nome de uma atriz pornô, né? É nome de guerra de uma dançarina de boate. “Apelido de Gloria”, falei, olhando para as botas dele. Doc Martens. Desgastadas. Vermelho bordô.

“Prazer em conhecê-la, Glory.”

“Nós nos conhecemos?”, perguntei. Em seguida, olhei para ele outra vez. Visão de Peter: *seu avô foi prisioneiro de guerra no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, e teve que comer insetos e beber a própria urina. Seu*

descendente distante inventará um microchip que pode ser inserido em crianças para lhes proporcionar a capacidade de fazer testes-padrão sem medo ou tédio.

“Acho que sim”, ele respondeu. “E você tem um sorriso realmente lindo.”

Essa poderia ser considerada a conversa mais esquisita que já aconteceu. Se alguém estivesse observando, teria chamado a polícia. Meu pai atropelaria Peter com seu carrinho automático de supermercado. Até Ellie ficaria enojada, e olha que ela tinha transado com o Rick-dos-chatos-e-livros-sobre-serial-killers.

“Isso é bem... esquisito”, eu disse. “Simpático. Mas esquisito.”

“Saiu de um jeito totalmente torto.” Ele riu.

“Tudo bem”, eu disse. Me concentrei intensamente nos joelhos dele. Eles também eram completamente maravilhosos.

“Estou fazendo uma pesquisa. Passei a semana inteira aqui, todo dia. Tô ficando meio de saco cheio”, ele disse.

“Uma pesquisa? Não vai me fazer responder um monte de perguntas, vai?”

“Sem perguntas. Você já respondeu. Tá vendo só?” Ele me mostrou o papel que estava preso na sua prancheta; tinha alguns Xs e um único sinal de visto. “Tá vendo esse visto bem aqui? É você.”

O restante da página estava cheio de Xs. Tipo, uns 50 deles.

“Você foi como um farol em uma tempestade. É isso. Não quis te assustar nem nada. Só fiquei feliz de te encontrar.”

“Por que sou o único sinal de visto?”

“Olhe em volta”, ele disse. “O que acha que te diferencia?”

Olhei em volta. Acidentalmente fiz contato visual com uma mulher caminhando depressa. Visão da mulher apressada: *o pai dela foi chamado a Oak Ridge, no Tennessee, em 1943, para trabalhar em um projeto ultrassecreto chamado Projeto Manhattan. Um dia, o resultado do Projeto Manhattan seria uma bomba de 4.400 quilos chamada Little Boy.*

Não consegui responder à pergunta de Peter diretamente. *O que acha que te diferencia?* O que me diferenciava é que eu podia ver a infinitude das pessoas. O que me diferenciava é que eu tinha bebido Deus e me tornado Deus. Ou bebido um morcego e me tornado um morcego. Você decide. O que me diferenciava é que eu não podia olhá-lo nos olhos e ver apenas *ele*. Em vez disso, eu via *tudo*.

“E então?”, ele perguntou.

“O que me diferencia? Hum”, olhei em volta. “Não sou bronzeada e não tô nem aí para bronzeados?”

“Não.”

“Não pinto meu cabelo?”

“Não.”

“Maquiagem? Eu não uso maquiagem?”

“Isso não inclui só mulheres. Vale para todo mundo.”

“E você não vai tentar me vender nada?”

“Não. É pra faculdade.”

“Você tá na faculdade?”, perguntei. Ele olhou para mim e sorriu. Ele

sabia o que eu queria dizer. Eu queria dizer: *Você não é velho demais para estar na faculdade?* Não queria julgar ninguém. “Foi mal.”

“Demorei um pouco para descobrir o que eu queria ser”, ele disse.

“E?...”

“E só tenho 22 anos.”

“Ah.”

“E então? Mais algum palpite?”

Sacudi a cabeça.

“Você sorriu pra mim quando eu sorri pra você”, ele disse.

“E?”

“E é isso. Não fez cara feia nem olhou para baixo, nem mexeu no seu celular ou fingiu que não me viu. Você sorriu de volta.”

“E isso me torna excepcional?”

Ele moveu as mãos como se a população do shopping fosse um prêmio em um jogo na tevê.

“Tente você. Esse lugar não é exatamente uma central de pessoas amigáveis.”

Queria contar para ele que eu não era amigável. Queria contar para ele que não queria fazer amigos e que não tinha nenhum amigo, e queria contar para ele que eu era feliz assim. Só não fiz isso porque estava concentrada demais pensando em por que estava sorrindo. Isso era novo para mim. Foi só porque um garoto bonito sorriu para mim primeiro? Eu tinha sorrido para outras pessoas naquele dia e não tinha notado? O que estava acontecendo comigo? Perguntei:

“Está cursando o que na faculdade?”

“Psicologia.”

“Passou o dia inteiro aqui?”

“O dia todo, a semana toda. Aliás, estou com fome. Pode guardar meu lugar enquanto subo rapidinho e pego algo pra comer?”

“Claro.”

“Quer alguma coisa?”

“Um taco? De frango? Com *sour cream* extra.”

Ele ergueu o polegar. Eu só tinha a câmera do meu celular comigo. Dessa vez, havia deixado o resto das minhas coisas em casa. Senti uma vontade urgente de tirar uma foto dele de costas enquanto se afastava. Mas não tirei. Se tivesse, a teria chamado de *Tudo o Que Eu Fiz Foi Sorrir*.



ALTAS EXPECTATIVAS

PETER COMEU FRANGO agridoce. Ele mergulhou os pedaços no molho vermelho como se fosse *fast-food* ou coisa parecida, o que me deixou meio desapontada. Tentei comer o taco, mas era difícil fazer isso de forma elegante sentada em um banco, por isso o devolvi à sua pequena bandeja de papel. Mas então decidi que não me importava. O garoto era um completo estranho. Por que ele se importaria se eu me sujasse toda comendo tacos, certo? Ele me trouxe um monte de guardanapos também, o que foi bom.

Começamos a trocar uma ideia sobre música.

“Amo bandas antigas”, ele disse. “De tudo. Desde Zeppelin até Nirvana e os Stones.”

“Meus pais foram hippies malucos. Gosto disso tudo também. Adicione algum Grateful Dead, Hendrix e Pearl Jam e seríamos almas gêmeas musicais.”

Continuamos comendo. Não ficou aquele silêncio constrangedor porque meu taco era extracrocante. Ou pelo menos soava como extracrocante. Cada vez que olhava para Peter, ele parecia mais bonito.

“Então você fica sorrindo pras pessoas o dia inteiro?”, perguntei.

Ele assentiu enquanto mastigava.

“É uma aula sobre como as pessoas são desagradáveis ou algo assim?”

Ele deu uma risadinha.

“É uma tese para o curso de verão. Eu chamo de *A Morte da Civilidade no Mundo Conectado*.”

“Hum.”

“Você já entrou *on-line* e leu as seções de comentários depois dos artigos?”

“Sim! Sei bem o que quer dizer.”

“Você tá no ensino médio, né?”

“Acabei de me formar.”

“Adoraria te entrevistar. Quer dizer, sobre como são essas coisas no ensino médio.”

“Você não disse que tem 22 anos? O ensino médio não mudou muito desde você que esteve nele.”

Mastiguei o último pedaço do meu taco, que foi, tipo, um terço do taco inteiro que eu simplesmente enfiei na boca antes que ele se partisse em milhões de pedacinhos em cima do meu colo.

“A galera do meu curso diz que eu tô pensando demais nisso – na questão de que os humanos estão se tornando cada vez menos interessados em outros

humanos, e cada vez mais interessados nos recursos de seus computadores. Esse tipo de coisa.”

“Acho que você está certo. Mesmo os amigos não agem mais como amigos.”

“O que quer dizer?”

“Quero dizer que os amigos agora só trocam mensagens ou se reúnem para fofocar ou fuçar no perfil dos outros e tirar sarro da cara das pessoas, coisas assim.”

“Já fez isso?”

“Não tenho amigos.”

“Duvido.”

“Pode duvidar à vontade. É a verdade.”

Ele me estudou.

“Nenhum amigo?”

“Tenho uma amiga. Mas só porque ela mora do outro lado da rua. Mas ela não é uma amiga muito boa. Conveniente, eu acho.”

“Você parece legal.”

“Eu sou legal.”

“Então por que não tem amigos?”, ele insistiu. “É difícil encontrar outras pessoas legais?”

“Sim e não. Eu não sei. Só não gosto de pessoas, de modo geral”, eu admiti. “Elas não são muito confiáveis.”

“E eu sou?”

“É o quê?”

“Não muito confiável.”

“Talvez.”

“Quer dizer, nós nos conhecemos há menos de uma hora. Não parece algo que uma misantropa faria, sentar aqui e comer com um estranho.”

“Acho que sou meio rebelde.”

“Então, eu sou legal?”

“Sim. Mas ainda não te conheço”, falei. “O que geralmente acontece é que conheço alguém e mais tarde percebo que a pessoa não é tão legal quanto parecia de início. Meio que isso.”

“Você cria altas expectativas.”

“E qual é o problema em esperar o melhor de alguém? Por que outro motivo você passaria o dia sorrindo para as pessoas no shopping?”

“Verdade. Mas você não pode esperar que todos atendam às suas expectativas.”

“Quem disse?”

“Você não tem nenhum amigo, não é mesmo? Então, acho que é prova o suficiente de que seu método não está funcionando.”

“Não quero ter nenhum amigo. E agora, o que me diz?”

“Você é diferente.” Ele estava sorrindo, então aquilo foi um elogio. Ainda assim, não sabia ao certo o que dizer para ele. “Se puder participar da entrevista, acho que um comentário seu a respeito disso cairia bem na minha tese.”

“Pensei que já estivéssemos fazendo a entrevista”, eu falei. Nós dois

rimos. “Então acho que poderíamos voltar a conversar sobre música antes que dê a hora de nós dois voltarmos para o que deveríamos estar fazendo.”

“Não sei. Ainda quero saber por que você não tem nenhum amigo.”

Refleti a respeito.

“Só não preciso deles.”

“Tem uma família próxima?”

“Tipo?”

“Irmãos e irmãos?”

“Só eu.”

“Seus pais devem ser muito legais, então.”

“Sim. Eles são.”

“Então a expectativa nas alturas começou em casa, hein?”

Eu ri.

“Sim. É bem por aí.”

“Você é interessante.”

“Você acha?”

“Tá vendo só?”

“Eu nunca me adequei, se é o que quer dizer. Nem sei se eu quero.”

“É”, ele grunhiu. Em seguida, levou nossos pratos vazios para a lixeira.

Me levantei e, quando me vii em pé, ele pareceu um pouco desapontado, como se quisesse conversar mais.

“Tenho que ir”, eu disse.

“Tudo bem. Foi um prazer te conhecer.” Ele me passou um cartão.

“Você tava falando sério? Participaria mesmo de uma entrevista?”

“Claro. Sem problemas.”

“Aqui tá meu número. Me ligue e nós agendamos.”

“Tudo bem”, eu disse, só espiando o cartão antes de colocá-lo no meu bolso.

“Tchau, então”, disse ele.

Nos despedimos com um aperto de mãos. Seu cumprimento foi firme. O meu também. Nós dois tínhamos altas expectativas.

Visão do Peter bonito: *seu pai nunca gostou dele e sempre lhe disse para cortar o cabelo. Uma vez falou que Peter parecia um viadinho.*



Sorri para as pessoas no caminho até a fonte do lado de fora da Sears. Peter tinha razão: ninguém sorriu de volta. Quando reagiam, era de maneira inversa. Sorrir para as pessoas as deixava desconfortáveis.

Capei algumas visões de quem passava por perto e fiz anotações para *A História do Futuro*, mas percebi que estava perdida em outros pensamentos. A maioria sobre Peter, às vezes sobre o sujeito do USS *Pledge*, e, conforme a hora do almoço se aproximava, sobre Ellie.

Não sabia o que poderia lhe dizer para tirá-la da minha vida de uma vez por todas. Ela morava do outro lado da rua, então, a menos que eu estivesse planejando morar no quarto escuro ou me mudar, seria uma situação bem

estranha.

Dei uma volta pelos lugares onde os mais velhos normalmente circulavam e procurei o sujeito do USS *Pledge*. Dei até uma volta do lado de fora do shopping – onde algumas pessoas faziam sua caminhada diária usando roupas de ginástica. Ele não estava lá. Também não estava lá dentro.

No caminho de volta para o shopping, passei por uma espécie de feira de antiguidades que vendia cartões de beisebol, vinis antigos e outras quinquilharias retrôs bizarras. Um par de óculos escuros chamou minha atenção. Eles tinham a forma de um morcego. As lentes eram vermelhas e tinham pequenos morceguinhos pendurados em correntes no fim das hastes. Comprei os óculos por dez pratas e os coloquei.

O brilho vermelho era parte flashback do quarto escuro e parte metáfora. Eu era Glory O'Brien, morcega, enxergando em vermelho. Com raiva do mundo. Era o morcego petrificado, morto do lado de dentro e enganando você. Estava morta para cada expectativa. Morta para esmaltes. Morta para a moda. Morta para as fofocas de celebridades. Morta para o que pensavam de mim. Eu era livre porque você nunca me conheceria. Talvez as lentes vermelhas me fizessem parecer meio louca, mas era isso que eu pensava.

Não sou ninguém especial e estou livre.

As pessoas me encaravam por causa dos óculos e eu comecei a me sentir exposta, por isso os tirei e continuei procurando o sujeito do USS *Pledge*.

Na minha quarta volta pelo centro do shopping, comecei a me sentir estúpida. Talvez o sujeito nem fosse daqui. Talvez estivesse visitando um amigo ou tivesse vindo para o shopping com a filha ou algo assim.

Era quase hora do almoço. Decidi que tinha mais chances de encontrá-lo na praça de alimentação. Embora só fizessem duas horas que eu tinha comido o taco com Peter, estava faminta.



ENCHILADAS DE CÂNCER

NO MEU CAMINHO para a praça de alimentação, fui procurando por Peter para ver se ele continuava gato como naquela manhã. Ou para ver se ele estava sentado em algum banco perguntando para outra garota se poderia entrevistá-la. Não deu para evitar esse pensamento. Pensando bem, aquele papo sobre entrevista/tese podia muito bem ser algo que ele falava para toda garota que encontrava no shopping. Como eu podia saber?

Não o encontrei, mas não criei caso por causa disso. Estava certa de que ele tinha algo a fazer. Certeza de que daria as caras em algum lugar... e ele apareceu.

“Quem é aquele ali?”, Ellie perguntou enquanto esperávamos na fila pelos calzones. Ele acenou e se sentou numa área com mais gente, provavelmente para sorrir para as pessoas que estavam indo almoçar.

“É o Peter”, eu disse.

“De onde ele surgiu?”

“Conheci hoje de manhã.”

Ellie fez uma cara estranha, dando a entender que não gostava da ideia de que eu conhecesse outras pessoas. Nós almoçamos e conversamos sobre nossas *visões*. De tempos em tempos, Ellie olhava para Peter com cara de flerte.

“E aí? Viu algo novo hoje?”, perguntei.

“Agora eu sei que um garoto que eu nunca tinha visto gosta de cheirar os sapatos das pessoas quando elas não estão olhando. E sei que o avô de uma mulher costumava dançar sapateado, e sei que uma criança e a filha dela vão viver em árvores.”

“Exílio. Elas viverão em exílio.”

“Encontrou o sujeito da cadeira de rodas?”

“Espero que ele apareça para o almoço”, respondi, depois olhei em volta. Nada do sujeito da cadeira de rodas.

Ellie estava tentando comer um prato de isopor cheio de enchiladas quentes e radioativas com um garfo e uma faca de plástico. Tudo era cancerígeno. Tirei uma foto daquilo. *Enchilada de Câncer*.

Ellie continuou olhando para Peter, tentando chamar a atenção dele. Eu a observei e então me dei conta de que sempre tinha pensado que ela seria a única pessoa que eu teria na minha vida. Mas eis que numa manhã qualquer eu tinha conhecido uma pessoa de verdade, alguém que não estava interessado em para onde eu poderia levá-lo de carona ou no que eu poderia comprar para ele na farmácia. Ele só estava interessado em ver se eu ia sorrir ou não. E em saber de

quais músicas eu gostava.

“O que está acontecendo conosco?”, perguntei.

“Nós bebemos Deus. Agora podemos ver tudo, inclusive cheiradores de sapatos.”

Ela riu, mas eu estava me referindo a outra coisa. Me referia a algo que ela ainda não sabia. Eu queria dizer: *Por que estamos nos dando ao trabalho de fingir?* Mas eu disse:

“Tudo está mudando.”

Ellie olhou para Peter novamente, depois olhou para mim e disse:

“Os pais dele moram em um condomínio na Flórida pra gente com mais de 55 anos. O pai dele gosta de andar bastante de bicicleta. Ela é verde. A mãe dele detesta vestir touca quando usa a piscina comunitária. Eles têm um gato.”

Peter olhou para mim em seguida.

Visão de Peter: *quando sua avó se mudou para um asilo, ela sofreu bullying dos outros moradores e combateu isso tocando jazz no piano todos os dias antes do café da manhã. Quando for velho, Peter fará a mesma coisa durante a Segunda Guerra Civil. Ele tocará harmônica sempre que puder, para lembrar aos companheiros rebeldes que ainda existe o bem no mundo.*

“Caramba!”, disse Ellie. “Ele está vindo.”

Ele parou e disse oi. Eu o apresentei a Ellie, e ela fez um beicinho. Aposto que se tivesse tempo, teria desabotoado mais um botão de sua camisa nova.

“Ela passou no teste?”, perguntei a Peter.

“Não.”

“Que teste?”, Ellie perguntou.

“Quantos você ticou?”

“Onze. Finalmente passei de dois dígitos”, ele disse enquanto acenava e ia embora.

Ellie parecia irritada por não termos respondido à pergunta dela.

“Devia ter pedido o número de telefone dele”, ela disse.

Me levantei para jogar meu lixo fora.

“Eu já tenho.”

Estaria mentindo se dissesse que não queria que o futuro que vi para Peter também fosse o meu futuro. Tinha esperanças de que, de todas as pessoas que ele estava conhecendo no shopping durante seu experimento, eu fosse a única destinada a ser sua alma gêmea em junho de 2014.

Salvar como: *É tolice, mas é verdade.*

Salvar como: *Estava cansada de não viver minha vida.*

Enquanto Ellie e eu descíamos pela escada rolante, ela disse:

“Você ainda tá puta da vida por causa do outro dia, não tá?”

“Pra ser sincera, não.”

“Está sim. Você nem está olhando pra mim.”

“Estamos na droga da escada rolante, Ellie.”

“Tá... Mas antes disso.”

Esperei até descermos a escada rolante e atravessarmos as portas. Se finalmente brigáramos para valer, então eu queria oxigênio suficiente para gritar tão alto quanto possível. E foi o que fiz.

“Qual é o seu problema?”, perguntei em alto e bom tom, enunciando cada sílaba. Três fumantes que contornavam uma lixeira/cinzeiro olharam para mim.

“Qual é o *seu* problema?”, ela devolveu a pergunta.

Eu não tinha a energia necessária para descer o suficiente para chegar ao nível dela. A expectativa era baixa demais.

“Só perguntei se você ainda tava puta comigo por causa do outro dia. Obviamente está.”

“E eu disse não. Mas o que eu digo não parece importar, porque você já tem *todas* as respostas. Então por que eu deveria me dar ao trabalho de conversar com você a respeito?”

“Mas que você está, está. Não é?”

“Não!”

“Então qual é o seu problema hoje?”

Pensei a respeito.

“Estou de cabeça cheia, entendeu? E você já deixou bem claro que não posso compartilhar isso contigo.”

“Como se você já tivesse compartilhado alguma coisa comigo durante toda sua vida.”

“Compartilhei uma coisa com você ontem. E veja só o que aconteceu. Sério. Por que alguém compartilharia seus problemas com alguém tão egoísta?”

Ela ia gritar alguma coisa, mas parou de repente.

“Egoísta?”

“Isso, egoísta.”

Comecei a andar na direção do carro. Ela me seguiu.

“Juro que nunca notei isso antes. Isso de ser egoísta, acha que eu deveria ter notado?”

“Acho. Não sei...”

“Quer voltar lá pra dentro? Conversar mais com o Peter? Não quero te fazer ir embora mais cedo se você não quiser.”

“Tudo bem. O cara do boné não tava lá. Tento outro dia.”

Ela entrou no carro quando destravei a porta.

“Eu meio que estava torcendo para passar o dia inteiro fora. Minha mãe vai me colocar pra trabalhar se eu voltar.” (Insira uma risada pré-gravada.)

Estava quase dando partida no carro, mas parei. Olhei para ela, e ela franziu a testa. Eu disse:

“Podemos voltar se você quiser.”

“O que acha de ir pra outro lugar?” (Insira uma risada pré-gravada.)
“Rua Principal?”, Ellie sugeriu.

A Rua Principal era a única rua de passeio que havia restado perto de nossa cidade prejudicada pela pobreza local. Isso foi graças às pessoas que conseguiram uma permissão de revitalização. Ela era uma rua bonita de verdade onde havia lojas que não tinham um logotipo corporativo e não importavam tudo da China. Então dirigi para a Rua Principal.

Lá, Ellie e eu seguimos caminhos separados. Concordamos em nos encontrar no carro às quatro horas. Sentei num banco de treliça e sorri para as

peessoas. Ninguém sorriu de volta. Peguei um pequeno bloco de anotações na minha bolsa e comecei a fazer marcações. Um *X* para quem não sorrisse, um *tique* para quem retribuísse o sorriso. Também captei algumas visões.

Visão do *X* nº 4: *um descendente distante abrirá uma cafeteria na primeira estação espacial de Júpiter. Ela servirá o melhor chá indiano da galáxia.*

Visão do *X* nº 8: *seu pai esqueceu de desligar a cafeteira hoje de manhã e derreteu a bancada da cozinha do seu apartamento.*

Visão do *X* nº 14: *seu neto roubará um banco em Mt. Pitts, na Pensilvânia, e passará 9 anos na prisão por conta disso. Seu outro neto tentará sequestrar uma menina de 7 anos de idade e vai parar na mesma prisão 3 meses antes do primeiro ser liberado. Este neto fará eutanásia no avô para poder ficar com seu carro, um Dodge Neon 1997 sem ar-condicionado e baixa quilometragem.*

Visão do *X* nº 19: *seu ancestral lutou na invasão mongol ao Iraque no século XIII. Ele atirava flechas e matou sete pessoas com as próprias mãos.*

Visão do *X* nº 24: *sua bisneta será exilada depois da aprovação da lei Todo Pai é Importante. Ela se juntará ao restante das exiladas – todas mães solteiras – e formará uma comunidade que vive nas profundezas da floresta ao leste de seu subúrbio.*

Visão do meu único *ticado*, uma mulher por volta dos 20 anos com uma tatuagem bem legal na clavícula: *ela se juntará à revolução e levará comida para as florestas. Conduzirá muita gente em segurança. Ela vai perder as duas filhas para a Máquina. E vai acabar se tornando a minha melhor amiga.*

Sorri de novo retribuindo o sorriso dela. Ela diminuiu o ritmo enquanto nos olhávamos. Eu já gostava dela. Já queria sair para passear com ela mais do que eu queria sair com Ellie. Ela me fez enxergar as possibilidades.

Fato: Tem tanta gente no mundo.

Por que eu estava gastando tempo com alguém de quem eu não gostava de verdade? Será que todo mundo estava preso a amigos geográficos desse jeito? Amigos de longitude e latitude?

Sentei no banco mais próximo e olhei para meu papel. Trinta e quatro *Xs* e um *ticado*. Minhas bochechas doíam de tanto sorrir. Ou talvez estivessem cansadas porque pouquíssima gente havia sorrido de volta.

Peter devia ter ficado exausto.

Peguei o celular e tirei uma foto do meu registro e enviei para o número do celular dele, que peguei no cartão que ele me deu. Eu não queria ficar muito íntima. Só pensei que talvez ele gostaria de saber que havia me inspirado. Talvez sorrir para as pessoas seria minha nova vingança contra a estupidez do mundo.

Talvez sorrir para as pessoas fosse a minha cura de uma mãe dentro do forno.



SERÁ QUE NOS IMPORTARÍAMOS MAIS?

PELO JEITO, sorrir para as pessoas me colocou na zona 9. Era verdade o que diziam sobre isso ter um efeito psicológico nas pessoas. Eu estava mais feliz porque sorria... e não o contrário.

Ellie me encontrou no meu banco e se sentou.

“Parei de me importar”, disse ela.

“Com o quê?”

“Com as visões.”

“Ok”

“Agora só quero que isso passe.”

“Sim. Vai passar. Não se preocupe.”

“Como pode ter tanta certeza?”

“Não sei.”

Silêncio.

“Sinto muito por ser egoísta.”

“Também sinto muito.”

“Pensei no assunto e acho que sou uma péssima amiga.”

Não queria que ela se sentisse mal. Tínhamos coisas demais pra nos preocupar. Então menti.

“Você não é uma amiga tão ruim assim.”

“Podemos ir pra casa?”

Concordei e fomos para o carro.

“Minha mãe vai dar outra festa de observação das estrelas hoje à noite.”

“Nossa! Duas em uma semana?”

“Tem algo a ver com os planetas”, ela disse, fingindo desinteresse pelos planetas.

Pensei em como deveriam ser as festas de Jasmine na época em que Darla e meu pai provavelmente experimentavam cogumelos alucinógenos e conheciam pornógrafos e coisas do tipo. Não que eu me importasse com o que as outras pessoas faziam na sua época ou com seus corpos. Não estava nem aí se Jasmine gostava de se balançar pelada pendurada pelo cabelo numa árvore enquanto todos os habitantes da comunidade jogavam roedores vivos em cima dela.

Mas eu me importava *sim* com a pouca idade que Rick devia ter quando começou a engravidar as mulheres da comunidade. Isso me fez pensar: se Rick fosse uma garota, será que nos importariamos mais? Será que havia uma definição legal para o que as mulheres na comunidade estavam fazendo com

ele? Será que falaríamos mal dele pela gravidez na adolescência? Em um mundo que gritava *Seja Sexy ou Morra*, poderíamos realmente culpá-lo?

“Você me ouviu?”, disse Ellie.

“Ah. Sim. Foi mal. Estava pensando em outra coisa.”

“Naquele garoto chamado Peter, né?”

“Ei. Não.”

“Hum, você é cega?”

“Não quis dizer que ele não é um gato. Ele é gato. Mas também é muito velho pra mim, sabe?”

“Acho que sim.”

“Então, sobre a festa. Não posso ir hoje à noite.”

“É amanhã à noite.”

Droga.

“Ah.”

“O Markus Glenn vai lá. Ele vai fingir que estamos namorando para o Rick ficar com ciúmes.”

“Markus Glenn, o menino tarado? Como é que você encontrou com ele?”

“Ele estava correndo, subindo nossa rua. Me viu e acabamos conversando. Foi isso.”

“Vocês formam um belo casal.”

“Para de graça. Não é por isso que ele vai. Eu já te disse.” Ela suspirou. “Queria poder voltar ao sábado passado e não beber o morcego”, ela disse. Achei estranho Ellie escolher culpar o morcego. Ela dormia com o Rick bem antes de beber aquela mistura.

“Pensei que você achasse isso legal. Quer dizer, pelo menos um pouco. Certo? O clã do morcego petrificado e tudo mais...”

“Hunf. Não tô querendo nem olhar mais para os meus pais, sabe?”

“Vi os ancestrais do meu pai comendo um cervo enorme. Foi bizarro.”

“Sim. Minha mãe nem devia ser casada com meu pai ainda. Ela estava nua. Não quero falar sobre isso.”

Então nós duas já vimos Jasmine Blue pelada. E nenhuma de nós queria falar sobre isso. Segurei na maçaneta da porta para sair e ela disse:

“Glory?”

“Fala.”

“Tem certeza de que ficaremos bem?”

“Claro.”

“Tô falando de nós duas.”

Fato: Tinha certeza de que dentro de um ano não seríamos mais amigas. Mas menti.

“Acho que sim. Não sei.”

“A guerra que você tem visto me assusta.”

“Ela está aqui dentro”, eu disse, cutucando minha cabeça. “Como podemos ter medo de uma coisa se nem sabemos se vai acontecer de verdade?” Ela assentiu. “Além disso, se for verdade, você terá filhos e mais tarde será avó. Precisa esquecer essa confusão toda sobre a guerra. Deixe essa parte comigo.”

“Será que Nostradamus também bebeu um morcego petrificado antes de

ver toda aquela merda?”

Depois que saiu do carro, ela deu a volta até o meu lado e me abraçou como se precisasse de um abraço, mas eu não consegui encontrar nenhuma pontinha de amor para retribuir. Dei um abraço falso nela. Tudo que eu queria era voltar para o meu quarto escuro. *Meu* quarto escuro. Não o de Darla. Darla escreveu *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*. Eu estava escrevendo *A História do Futuro*. Darla tirou fotos de seu dente morto e de tocos de árvore. Eu tirava fotos de coisas que eram vazias. Formávamos um díptico – duas obras que se completam. Um díptico de mãe e filha. Ela matava coisas, e eu mostrava o vazio que vinha a seguir.

“Te vejo mais tarde?”, disse Ellie. “Após o jantar?”

“Eu e meu pai vamos sair hoje à noite. Ele se sentiu mal por não ter me levado para comemorar a formatura.”

“Legal. Amanhã então. Passo aqui pela manhã.” (Insira uma risada pré-gravada.)

Ela atravessou a rua e seguiu na direção da comunidade.

Fiquei lá em pé admirando a comunidade – a casa da fazenda, especialmente, com seu calcário grosso e o telhado de ardósia. Tirei uma foto e chamei de: *Minha*.

Então virei a câmera na minha direção e tirei cinco fotos de mim nos meus novos óculos de morcego. Fiz uma careta. A legenda seria: *Glory O'Brien, Com Raiva do Mundo*.



Meu pai disse que queria que fôssemos jantar no meu restaurante mexicano favorito. Não disse para ele que tinha planejado passar a noite no quarto escuro imprimindo, lendo e escrevendo a história do futuro. Queria contar tudo para ele. De todas as pessoas, ele era o único que poderia entender. Ele parecia ser um cara que tinha experimentado cogumelos alucinógenos pelo menos uma vez. Então, perguntei no jantar.

“Você já experimentou cogumelos alucinógenos?”

Ele balançou a cabeça de início, daquele jeito que as pessoas fazem quando querem dizer: *Fala sério, menina, isso é pergunta que se faça?* Depois ele disse:

“Claro. Várias vezes. Eram os...”

“Os anos noventa... Sim, eu sei.”

“Você já?”, ele perguntou.

“Nada.”

Pedimos três pratos diferentes e comemos como se estivéssemos passando fome.

“Isso tá muito bom...”, eu disse.

“Está sim.”

“Pela primeira vez não parece que você quer sair correndo daqui por causa das pessoas.”

“Ufa, então estou disfarçando bem?”

Nós rimos. Olhei para ele e pensei em Peter. Tinha um pressentimento forte de que eles se conheceriam um dia. Ou poderia ser apenas eu com esperança de ser a garota dos sonhos de Peter. Fosse o que fosse, queria que meu pai o conhecesse. Talvez eles ficassem amigos. Peter não queria falar sobre coisas estúpidas. Aposto que meu pai gostaria muito dele.

Conheço um garoto bonito num dia e já estou sonhando com tudo isso. Revirei os olhos para mim mesma internamente. *Jesus. Você é tão tonta quanto a Ellie.*



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

Nedrick, o Moralista, cometerá erros. Ele se esquecerá de que explodir as pessoas só as deixará mais fortes. Mais cedo ou mais tarde.

Com seu exército atolado há meses em uma batalha, ele negligenciará seu rebanho na Nova América. E eles começarão a sabotá-lo porque a vida não é mais tão boa sem os serviços básicos e os entes queridos que estão exilados. Centenas de toneladas de munição serão explodidas e três de seus campos de treinamento serão destruídos. Ele culpará os rebeldes. E vai querer o nome dos líderes. O nome O'Brien estará no topo da lista.

Mas os líderes de sua equipe de inteligência lhe dirão a verdade. E ele fará um discurso chamando seu próprio povo de traidor. Eles se rebelarão em todos os estados independentes. De seu quartel virá à tona a história da noite em que ele descobriu essa traição. Ele dirá: *“Como todo bom pai, disciplinarei meus filhos.”*

Será aí que os Missão K vão começar a agir por conta própria. Cidades inteiras da Nova América se tornarão acampamentos. A formação de soldados se tornará um processo industrial.

Apesar de ainda aparecer nos jornais como um homem de muitos seguidores, Nedrick estará sozinho no mundo.

O único amigo que lhe restará será o homem da caminhonete vermelha.

INOCÊNCIA VENDE

SENTEI NO QUARTO escuro e li o que faltava de *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*. Não foi tão difícil porque eu já havia lido a maior parte. Exceto pelo último texto, estilo diário, que foi escrito abaixo de uma foto Polaroid de um vagalume morto.

Não consegui dormir na noite passada.

Havia um vagalume no nosso quarto.

Eu o observei por uma hora, até que eu me levantei, fui para o banheiro fazer xixi e ele me seguiu.

Deixe eu contar sobre nossa escova de dente.

Ela é recarregável e Roy a fixou na parede perto da tomada.

Quando ela carrega, uma sutil luz azul pisca.

E sabe o que aconteceu?

O vagalume fez sexo com minha escova de dente.

Fiquei lá observando-o dançar primeiro, três piscadas, depois nenhuma, um voo lento; mais três piscadas, e depois ele pousou no cabo da escova de dente e copulou.

Eram duas da manhã e eu não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer.

Eu o observei tanto quanto pude e depois me sentei deprimida na privada.

Porque isso somos nós. Isso somos nós, e eu odeio que isso sejamos nós, que isso seja você, que seja eu, e seja a porra do mundo inteiro que pode se dar ao luxo de ser como nós.

Somos criaturas naturais, belas e mágicas, copulando com máquinas espalhafatasas.

Virei para a última foto de Darla. Era uma Polaroid da nossa casa. O sol devia estar se pondo, porque as janelas eram de um laranja cálido e as laterais pareciam amarelas. De alguma forma, dava a impressão da ausência dela, como se Darla já soubesse que essa seria a última foto que tiraria da nossa casa.

Voltei até a página do *Você também é uma pornógrafa*, sabia disso? e olhei atentamente para o tubo de creme anti-idade que ela havia prendido ali. Era uma foto muito boa. De algum modo, ela deixou o tubo mais sinistro. O fundo era de sombra, mas não preto. Só uma sombra sinistra maligna. Como se algo – nesse caso, rugas – fosse pular em cima de você e te morder quando menos se esperasse.

Voltei pelas páginas com as fotos pornográficas das mulheres. *Todas Vocês. Valem. Mais. Do. Que. Isso.* Cada uma delas fazia uma pose comum, as poses que eu via desde criança. Encolhe a barriga, estufa o peito. Flexiona as panturrilhas, de salto alto na ponta dos pés. Deixe seu joelho descer só um

pouquinho. Faça um beicinho. Morda o lábio. Pareça inocente.

Pareça inocente. Pareça inocente.

Porque não importa a sua idade, parecer inocente é sexy. E parecer sexy é a coisa *mais importante*. Não conseguia pensar em nenhuma foto que tivesse visto recentemente de mulheres que simplesmente estivessem lá sem tentar parecer sexy.

Então me lembrei de uma. A caixa de doações da farmácia, para a moça da lanchonete local que tinha câncer no ovário e não podia pagar pelos medicamentos. Havia uma foto dela sentada em uma cadeira que parecia enorme porque ela havia murchado e dava a impressão de ser muito pequena. Ela estava careca e sorria. Mas não tentava parecer sexy.

Ela não estava encolhendo barriga nem estufando o peito porque estava ocupada demais morrendo. Ela não era ninguém especial e estava morrendo. E não éramos ninguém em especial e estávamos largando umas poucas moedas de um jeito sexy em sua caixa de doação enquanto pagávamos por nosso creme antirrugas na farmácia.

Droga.

Somos todos vagalumes copulando com escovas de dente. Não me espanta que Darla estivesse com raiva do mundo.

Abri o meu álbum e respondi à Darla:

Somos criaturas naturais, belas e mágicas que estão tão ocupadas sendo sexy que esquecemos de que as libélulas são mais sexy do que nós. Contudo, ainda não fiz sexo com ninguém. Não sei se farei um dia. Mas prometo que não farei sexo com uma escova de dente.



ME SENTIA COMO UM FANTASMA

DECIDI QUE DEVERIA dar uma chance a Ellie. Nunca havia compartilhado nada com ela. Nunca contei a ela meu grande medo. Meu grande segredo. Talvez eu estivesse escolhendo ser sozinha. Decidi, já que eram apenas oito e meia, que devia ir à comunidade, encontrá-la e contar para ela que estava com raiva do mundo. Talvez se pudéssemos começar por aí, no fim das contas eu contasse a ela a verdade a meu respeito.

Ví as luzes acesas no galinheiro, então fui para lá encontrá-la. Levei um cobertor para que pudéssemos sentar no campo e conversar. Levei um pacote de salgadinhos contrabandeados. Doritos laranja fluorescente. Nosso favorito.

Quando cheguei no galinheiro, tudo que encontrei foi uma das meninas pré-adolescentes que às vezes ajudavam Ellie com suas tarefas de limpar as penas dos patos. Acho que o nome dela era Matilda.

“A Ellie tá por aí?”

“Ela tá pelo terreno.”

“Ah, tá... Obrigada.”

Matilda voltou para as galinhas. Acelerei o passo para o terreno dos fundos e antes que cruzasse todo o caminho até lá, vi algo que não queria ter visto jamais. Ellie em cima de Markus Glenn, o garoto que morava no começo da rua e que tinha me pedido uma vez para tocar na sua barraca armada.

Congelei... Dei a volta bem devagar para não ser vista, mas antes que pudesse ir longe o bastante ouvi Ellie me chamar.

“Glory! Volta aqui!”

Mas continuei andando. Não estava com ciúmes. Não estava com raiva deles. Estava com raiva do mundo. Por que não deveria estar com raiva do mundo? O mundo deixava vagalumes transarem com escovas de dentes. O mundo estava cheio de estupidez.

“Glory!”, Ellie gritou. “Pare! Espera!”

Não me virei. Não queria conversar com Ellie sobre nada naquele momento. Sabia o que ia acontecer com os netos dela. Eles seriam escravos da Máquina, dedos que se esticavam à noite e roubavam vidas. Quando me dei conta, ela estava agarrando meu ombro por trás.

“Sério. Pode parar, por favor?”

Eu parei e me virei. O Doritos caiu do meu cobertor.

“O que foi?”, ela disse.

Eu não disse nada.

“Você mesma me disse que formaríamos um belo casal”, ela disse. Eu

não falei nada. “Então qual é o seu problema?”

Pensei a respeito.

“Estou com raiva do mundo”, eu disse.

“Merda”, ela respondeu.

“Vim conversar com você sobre isso. E a Matilda me disse que você estava no terreno. Não imaginei que estaria transando com ele, mas pelo visto você é rápida no gatilho.”

Ela cruzou os braços e começou a choramingar. O vestido dela estava todo desalinhado e me perguntei se ela estava usando calcinha por baixo. Não sei por que pensei naquilo, mas talvez fosse justamente isso que eu devia me perguntar.

“Não estou com raiva de você. Só vim conversar sobre outra coisa e não esperava ver aquilo. É só isso.”

O silêncio não foi desconfortável naquele instante. Foi apenas silêncio.

“Estou pronta para deixar isso pra trás”, ela disse. “Tudo isso.”

“Eu também”, eu concordei. Éramos duas baita covardes. Aqui estávamos nós, em um trem em alta velocidade, e em vez de colocar nossas cabeças na janela e gritar *iupiiiiii*, nós nos queixávamos.

Ficamos lá na beira da rua por alguns segundos e ouvimos um carro se aproximando. Em seguida, vimos suas luzes enquanto ele passava por nós, os garotos no banco de trás olhando para nós como se fôssemos fantasmas. Me senti um fantasma. E, provavelmente, Ellie também.

Ela suspirou e começou a chorar.

“Tenho certeza de que você me acha uma vadia.”

“Não acho.” Eu achava. Com certeza achava que ela era uma vadia. Isso me fez chorar.

Ela olhou para mim.

“Por que *você* está chorando?”

Balancei a cabeça.

“Estou com raiva do mundo. Volte pra lá”, eu disse, apontando para o campo. “Tenha uma boa noite.”

“Mas e quanto a você?”

“Nos veremos de manhã. Lembra?”

Ellie assentiu e se virou na direção do terreno. Enquanto a via ir embora, pensei em Peter e em como ela havia flertado com ele. E até onde eu conseguia me lembrar, ela flertava com todo mundo daquele jeito. Não era só ela. Todas as meninas da escola faziam isso também.

De algum modo, Darla ter feito o que fez havia me salvado disso. Enquanto voltava para a varanda, me senti grata. Tinha ficado tão preocupada em saber se iria ou não ficar igual a Darla, tão ocupada sendo a imagem errante do vazio, que havia me esquecido das expectativas que a sociedade tinha de mim. Sorri por causa disso.

Será que todos os excluídos chegavam a essa conclusão em determinado ponto da vida? Que ser uma excluída numa sociedade falsa e pornográfica era na verdade uma coisa boa? Esperava que sim. Esperava que houvesse um exército como eu lá fora, sorrindo a todo momento ao pensar nisso.



NÃO SOU NORMAL

LEVANTEI DE MADRUGADA de novo. Não conseguia dormir depois das seis horas. Um hábito, eu acho.

Me sentei na varanda da frente e olhei para a comunidade. *Minha comunidade*. Não que eu fosse gananciosa ou quisesse ferrar Jasmine, Ellie ou alguma das famílias tomando-a de volta. Talvez parte de mim quisesse ferrar Jasmine pelo que tinha feito ao meu pai e Darla, mas era uma questão mais lógica do que isso. Aquela propriedade era nossa. E eu achava que, pelo nosso bem, deveríamos ficar com ela.

Se meu pai quisesse se mudar para Califórnia ou Vermont, então ele precisaria disso. Se ele morresse amanhã, então eu herdaria essa bagunça. Não estava nem aí se Ellie nunca mais falasse comigo. Não me importava se Jasmine desse um escândalo. O terreno era nosso. O difícil seria convencer meu pai, que tinha se contentado em deixar as coisas do modo como estavam para evitar a responsabilidade de tomar alguma atitude a respeito delas. Provavelmente eu o lembraria do que havia acontecido. Provavelmente eu o lembraria de tudo.

Por volta das oito, Ellie me viu na varanda e foi até lá.

“Volto às nove, tudo bem? Tarefas extras por ter sumido ontem. Minha mãe é louca.”

“Hoje eu não estou a fim, Ellie.”

“Por que não?”

“Só quero ficar sozinha hoje”, eu disse. Conforme eu dizia isso, pude vê-la processando a última vez que nos encontramos. Torci para ela se lembrar que eu estava com raiva do mundo. Torci para ela perguntar se eu estava bem.

“Foi o Markus, não foi?” Fiquei em silêncio. “Caramba, Glory. O que tem de *errado* comigo? Por que não posso ser uma garota normal como você?”

“Não sou normal.”

“Você é exatamente o que minha mãe quer que eu seja.”

“Sua mãe não gosta de mim. Porque eu pareço com a minha mãe.”

“Nós duas nos parecemos com nossas mães. Droga. Espero que isso não signifique que vamos fazer o que elas fizeram.”

“Tipo o quê?”

“Tipo brigar. Não quero brigar.”

“Não acho que vamos brigar. Quer dizer, o motivo da briga delas foi um assunto sério, e não tem como acontecer o mesmo com a gente.”

“E o que foi?”

“O que foi o quê?”

“Que fez elas brigarem?”

Como não podia contar a verdade para Ellie, eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

“O terreno.”

“Que terreno?” Ela inclinou a cabeça.

“O lugar onde vocês moram. A comunidade. O terreno é da minha mãe”, eu disse, apontando para a casa dela.

“Então elas brigaram pelo melhor preço ou algo assim?”

“Bem, não... Meus pais nunca compraram dela. Ele... hã... na verdade continua sendo nosso.”

“O quê?”

“O terreno.”

“Ainda é de vocês? E a gente aluga?”

“Sem aluguel.”

Acho que ela ficou brava, mas não tão brava quanto teria ficado se eu tivesse contado o verdadeiro motivo de nossas mães terem parado de falar uma com a outra.

Ficamos lá um minuto, olhando para a casa. Ellie provavelmente estava processando a informação. Eu ainda esperava que ela me perguntasse se eu estava bem. Ela não perguntou, então mudei de assunto.

“E aí, o que tá rolando entre você e o Markus Glenn? Ele ficou menos babaca desde o sétimo ano?”

“Ele foi, hum, meio estranho comigo noite passada.”

“Como assim?”

“Ele foi um baita pervertido.”

“Você ficou surpresa?” Eu ri um pouco.

“É, não. Mas ele nem chegou a me beijar. Ele só ficou lá... você sabe... prestando atenção nos meus peitos.”

“Prestando atenção? Que romântico.”

Ela deu um soquinho no meu braço.

“Não tem graça. Foi bem bizarro. Foi como se o resto de mim nem existisse de verdade. Só... hã... eles.”

“Seus peitos.”

“Isso.”

Eu suspirei.

“Provavelmente ele já viu tanta pornografia que peitos devem ser como pessoas para ele agora.”

“Exato.”

“Ele deu nome pra eles?”, perguntei, com uma risadinha.

“Para com isso.” Ela também riu.

“Mas ele deu?”

“Ele ainda vai na festa de observação de estrelas hoje à noite.”

Não questionei os motivos nem a sanidade dela. Talvez fosse isso que garotas normais fizessem, não é? E eu fazia o que outras garotas normais fazem. Existem bilhões de nós por aí. Assim como as estrelas – nenhuma de nós é igual.

“Ainda estou convidada?”, perguntei.

“É claro.”

Ellie voltou para a comunidade e eu a observei caminhando e me perguntei quantas vezes Darla tinha se sentado nessa varanda e visto Jasmine voltar para a comunidade. Me perguntei se Darla também teve vontade de tomá-la de volta.



O Sistema de Zonas não tinha uma área específica para definir como eu me sentia naquele instante. Eu era um contraste muito alto, pretos e brancos chapados, nada de cinza. Eu era uma litografia.

Minha zona 0 era preto absoluto: *Putá merda, eu sou vizinha de um bando de malucos pervertidos e minha mãe se matou depois de uma dessas malucas pervertidas mandar fotos dela pelada para o meu pai. Ou, na versão resumida: Sou o extra de um filme ruim sobre hippies posseiros pervertidos. Não vim aqui para isso.*

Minha zona 10 estava no branco estourado: *Provavelmente, sou a pessoa mais sã que eu conheço, apesar de minha mãe ter se matado quando eu tinha 4 anos, eu só comer comida de micro-ondas e morar em frente a hippies posseiros. Comparada com minha amiga depravada, eu sou uma verdadeira vencedora.*

Entre e tomei um banho demorado. Depois, me encolhi na cama e tentei tirar uma soneca. Em vez disso, pensei nas visões e em como um dia sem elas seria melhor do que um dia no shopping com Ellie. Mesmo que eu perdesse a chance de ver Peter. Mesmo que eu perdesse a chance de encontrar o sujeito do USS *Pledge*, que poderia ter as respostas que eu procurava.

Depois de uma hora embaixo das cobertas sem conseguir dormir, me levantei, me arrumei e escrevi um capítulo do meu livro sobre as visões que tinha visto no shopping um dia antes. Então abri meu computador e o esperei inicializar.

Quería aprender sobre o USS *Pledge*.

Quería estudar as leis de posse da Pensilvânia.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

O Regimento Ferret vai falhar. Noite após noite, o homem da caminhonete vermelha voltará ao quartel-general e dirá a Nedrick, o Moralista, que os acampamentos de exilados na floresta estão vazios. Ele não saberá sobre os túneis.

Enquanto Nedrick tenta manter sua campanha fracassada, sua Nova América começa a ruir. Os campos de procriação vão desmoronar poucos meses depois de estabelecidos, as prisioneiras vão atear fogo neles enquanto fogem. O Exército da Nova América ficará dividido. Alguns continuarão porque estão com medo. Alguns serão assassinados pela Atiradora de Elite.

A Atiradora de Elite saberá onde encontrá-los em bandos. Saberá de suas reuniões e esconderijos. Ela surgirá no lugar exato por trás das linhas inimigas, vindo pelo subsolo.

Após anos nas árvores, os exilados vão decidir que abrir os túneis é sua única esperança. Ou sua ruína. Não terão certeza. Mas eles não têm nada a perder, então vão cavar.

Olhando de costas, a Atiradora de Elite me parece familiar. Ela usa botas com um buraco na sola direita. E geralmente está toda suja. Ela é intrigante.

CAÇA-MINAS

DESCOBRI QUE O USS *Pledge* foi um de dois navios caça-minas. Um deles afundou durante a Guerra da Coreia e o outro participou da Guerra do Vietnã e em 1994 foi vendido a Taiwan por US\$ 21.263,80.

Quando pesquisei sobre usucapião, não planejava encontrar nada específico. Só tinha ouvido o termo com relação a casas abandonadas na cidade. Casas ocupadas por viciados e traficantes, principalmente. Mas aprendi que na Pensilvânia existia leis sobre usucapião. Se uma pessoa vive ou usa uma propriedade por 21 anos sem receber uma notificação jurídica do proprietário, então ela pode entrar com uma petição e pode, num tribunal, ganhar os direitos de propriedade do terreno.

Jasmine Blue Heffner era esperta. Ela provavelmente estava escrevendo sua petição pelo *meu* terreno enquanto eu estava lá sentada na minha sala escrevendo a história do futuro e lendo sobre navios de guerra. Mas, pelo que li, tudo o que meu pai precisava fazer era enviar uma carta registrada para informá-la de que ele sabia que ela estava invadindo propriedade, e com isso Jasmine não poderia tomar o terreno de nós.

Assim, escrevi a carta imediatamente. Usei um exemplo que encontrei *on-line*.

Cara Jasmine Blue Heffner,

Você está invadindo meu terreno no endereço Rua Blue Pond, 33 desde junho de 1995.

Se não interromper tal prática, entrarei com um processo de invasão de propriedade contra você.

Um abraço,

Glory O'Brien.

Imprimi a carta, dobrei-a e a coloquei na minha escrivadinha, onde o cheque de 50 mil dólares havia ficado poucos dias antes.



Ellie veio depois do almoço. Disse a ela que iria à biblioteca de tarde para pesquisar sobre a Primeira Guerra Civil e tentar descobrir como poderíamos impedir a segunda. Uma mentira caso ela quisesse sair para passear. Eu tinha me tornado muito boa em mentir para Ellie. Nem precisava desviar o olhar.

“Por que está tão interessada nessa guerra, afinal? É tudo coisa da sua cabeça, sabe. É tudo maluquice inventada por causa do morcego petrificado.”

“Não sei... Quer dizer, não tenho certeza.”

“Não tem certeza de que as alucinações que tivemos desde que bebemos o morcego são reais?”

“Uma parte do que eu vi é real.”

“Tipo o quê?”

“A maioria das coisas do passado. Como a história e a família do meu pai. E o Rick, você sabe... Os filhos dele. E mais um monte de merda que eu vi é real.”

“Mas o futuro pode ser falso.”

“Por que seria?”

“Por que não?”, ela perguntou, rosnando.

“Tá com algum problema? Porque tenho quase certeza de que estava tudo bem de manhã e agora você está agindo como se eu estivesse te incomodando e, sabe, tudo bem fazer isso, mas seria bem melhor se você me dissesse o que está acontecendo.”

Ellie inspirou de um jeito dramático.

“Desculpe.”

“Pelo quê?”

Ela inspirou de novo de um jeito dramático.

“Pelo que me contou de manhã. Sobre não te pagarmos aluguel. Aquilo é mesmo verdade?”

“É sim.”

“Nós estamos, tipo, nos aproveitando?”

“Acho que sim. Não sei o que isso significa... Quer dizer, eu sei o que significa *se aproveitar*, mas não sei qual foi o acordo. Mas provavelmente não é nada com o que precise se preocupar.”

“Droga. Sua mãe deve ter sido uma pessoa muito legal para ter dado tudo isso para Jasmine. Ela nunca falou nada a respeito, sabe.”

Meu cérebro disse, *é claro que ela não fala*. Mas minha boca continuou fechada.

“Deve ser difícil perder alguém do jeito que vocês a perderam.”

Fiquei feliz por Ellie ter dito isso. Finalmente. Mas eu também sabia que ela precisou esperar até que completássemos 17 anos para dizer, e que isso era o melhor que ela podia fazer. Decidi encerrar o assunto ali mesmo. Na minha cabeça, não éramos mais amigas. Podíamos achar legal os anos que passamos juntas, ou o nosso passado. Mas ela não estaria no meu futuro. Eu tinha controle sobre isso.

Liberte-se. Tenha coragem. Lembra?

O passado nem sempre precisa ser o presente.

O presente nem sempre precisa ser o futuro.



CERVEJA

ASSIM QUE ELLIE foi embora, fui para dentro, me acomodei na grande cadeira verde em frente ao sofá e fiquei observando meu pai trabalhar. Ele resmungou consigo mesmo sobre clientes estúpidos e comemorou quando conseguiu desligar o telefone. Ele piscou para mim algumas vezes. O ar condicionado estava ajustado para uma temperatura glacial.

“Precisa de mim, Cupcake?”

“Quando tiver um tempinho.”

Ele digitou alguma coisa e disse:

“Assim que eu passar o *link* para essa mulher estaremos livres.”

“Legal.”

Eu estava com *A História do Futuro* comigo e reli o capítulo sobre a Atiradora de Elite que havia escrito pela manhã. Ainda estava intrigada. Algo me fez pensar que ela poderia ser a mulher no túnel com o descendente do sujeito do USS *Pledge*. Talvez ela fosse minha filha ou minha neta, sei lá.

“Está tudo bem?”, ele perguntou, ainda esperando um sinal de seu computador informando que a cliente tinha ido embora.

“Sim. Só mais algumas perguntas.”

Ele não pareceu assustado, como das últimas duas vezes. Talvez as conversas também estivessem sendo boas para ele. Afinal de contas, havíamos esperado 13 anos para tê-las.

Quando terminou de enviar o *link* e ouvimos o bipe, ele colocou o computador de lado, se levantou e pegou um burrito de micro-ondas e uma pequena vasilha de tortilhas crocantes e *sour cream*. Também pegou uma cerveja. E ele nem bebia cerveja.

Fiquei tão espantada que disse:

“Cerveja?”

Ele mastigou o burrito banhado em *sour cream* e disse:

“Você me disse que eu devia tentar coisas novas.”

“Disse, é?” Me lembrava de ter dito que queria que ele voltasse a pintar. Não lembrava de ter falado nada sobre cerveja.

“Você quer uma?”

Cerveja me lembrava do último sábado à noite e do morcego. É bem provável que eu nunca mais beberia cerveja.

“Não, obrigada.”

“Então... quer conversar sobre o quê? O homem dos correios trouxe o seu material do quarto escuro hoje.” Ele apontou para a mesa que um dia usamos

para jantar. “Comprei três tamanhos de papel. Não sabia se você queria o de 40 x 50, mas e daí, né?”

“Obrigada”, eu disse. Em seguida, peguei a carta no meu bolso. “Dei uma pesquisada hoje. Acho que você precisa saber disso.” Entreguei a carta e ele começou a leitura. “Se não enviarmos uma notificação agora, ela pode tomar o terreno de nós. Não acho que devemos deixá-lo para ela. E não me importo se isso vai me afastar da Ellie.”

Ele terminou de ler e depois releu. Eu podia ver seus olhos percorrendo o papel de cima a baixo.

“Obviamente, você precisa assinar. O terreno não é meu.”

“Caramba, filha. Não posso fazer isso.”

Olhei para ele com aquela cara de *QUE MERDA É ESSA?*

“Odeio confrontos. Odeio Jasmine. Misturar as duas coisas é demais pra mim, sabe?”

“Eles não podem tomar o lugar inteiro de você. A casa, o terreno, o celeiro. Tudo. Olha, não falta muito tempo pra isso. Um ano talvez? Seja lá quando completar 21 anos do dia em que o cederam pra ela.”

Ele removeu isso na cabeça e emitiu alguns grunhidos.

“Vou pensar a respeito”, ele disse, afinal, e deixou a carta no colo.

Fiquei lá olhando para ele. Ele já estava mole. Claramente, seu limite era uma cerveja.

“Não entendo por que tem medo dela.”

Ele balançou a cabeça.

“Não tenho medo. É a casa dela. O lugar onde ela criou a filha. Entende? Como eu me sentiria se alguém tirasse esse lugar de mim? Não posso fazer isso com outra pessoa.”

“Você pagou por aquele lugar.”

“Sua mãe pagou por ele. Eu não sou dono de nada.”

“Então coloque a escritura no meu nome e eu chuto ela pra fora.”

Ele me olhou de um jeito desconfiado. Olhei para ele de um jeito desconfiado.

“Tem algo acontecendo entre você e a Ellie? Ela anda te irritando ou pegando no seu pé? Porque você pode simplesmente ignorá-la, ignorar todos eles. Não precisa machucar ninguém.”

“Não quero machucar ninguém. Só quero o que é nosso. É importante.”

“Não te criei para pensar dessa maneira.” Papai franziu o cenho.

“Califórnia, lembra? Ilhas Virgens? Você não pode vender essa casa sem recuperar o terreno.” Olhei em volta pela sala. Vi o quadro. A televisão. O sofá. Sua camisa tingida. Vi os novos materiais do quarto escuro sobre a mesa, esperando para serem expostos e revelados. “Quero que a gente siga com nossas vidas, pai. Quero que sejamos o que a mamãe queria que a gente fosse. Você pintando, eu crescendo e levando uma vida normal. Não quero ficar empacada num meio-termo. Não quero ficar sentada jantando comida de micro-ondas. Quero ir pra faculdade. Quero *ser* alguém. Quero fazer *coisas legais*, droga.”

Ele olhou para mim parecendo um pouco chocado. Ou feliz. Ou pensativo.

“Então pense no assunto, tá bom?” Aponte para a carta no seu colo. “Sei que parece errado. Sei que parece...”

“Vingança?”

“Isso. Mas não é. Não é nem mesquinaria. Sabe o que é mesquinaria? Se apossar do terreno de outra pessoa por 19 anos e nem se dar ao trabalho de agradecer por isso. Mesquinaria é saber que você pode roubá-lo se esperar o tempo certo. Isso é mesquinho. É uma situação difícil e parece mesquinho, mas não é.”

“É um monte de coisas.”

“Só pense a respeito.”

“Tudo bem.”

Levei minhas novas caixas de papel para o quarto escuro e não imprimi nada. Só fiquei lá sentada num banco, olhando em volta. Olhei para o dente e por algum motivo quis tocá-lo. Ele era parte de Darla. Eu podia contar coisas para ele. Isso me manteria forte enquanto eu escrevesse outro texto para *A História do Futuro*.

Subi no banco e o desatei do teto. Quando sentei de volta, arranquei a mensagem – *Deixar de viver sua vida é como se matar, só demora mais tempo* – e a prendi na porta. Segurei o dente em minhas mãos. Alguém havia perfurado um buraco diminuto no dente e passado um fio vermelho por ele. As raízes eram longas, grossas e feias.

O resto de Darla tinha sido cremado e guardado, esperando as cinzas do meu pai para que eles pudessem ser espalhados juntos no Mar do Caribe, onde haviam passado a lua de mel. Eu não tinha lugar nenhum para visitar quando sentia vontade de chorar por causa disso. Não tinha um túmulo ao qual me abraçar ou um lugar para deixar flores. Então ergui o dente e tive uma conversa imaginária com Darla.

Eu: Por que eu não deveria expulsá-los do terreno?

Darla: Porque, se fizer isso, Jasmine vence.

Eu: E o que Jasmine venceria?

Darla: Ela seria a última não consumista. Ela seria a hippie perfeita.

Eu: Tá de brincadeira com a minha cara?

Darla: Não.

Eu: Ela é um parasita, mãe.

Darla: Então ela é um parasita muito inteligente.

Subi de volta e me afundei na cadeira verde novamente. Meu pai olhou do notebook para mim.

“Isso é algum tipo de teste de resistência hippie? Tipo, se você pedir seu próprio terreno de volta, isso significa que você é um consumista e ela vence o desafio ou alguma merda parecida?”

“Meio que isso, sim.” Ele inclinou a cabeça.

Olhei para ele. Primeiro, me perguntei se a conversa imaginária que tive com Darla tinha sido realmente com Darla. Tinha quase certeza de que não. Eu só pensava como a Darla.

Então... Eu tive uma visão do meu pai: *ele estará muito velhinho quando morrer. Eu estarei com ele. Também estarei razoavelmente velhinha. Ele me abraçará e me dirá que sente orgulho do que me tornei. Eu estarei usando uma faixa de cabelo.*

Isso foi impactante pra caramba. Quase me fez chorar ali. *Eu ficaria velhinha? Tipo, velhinha pra valer?*

A faixa de cabelo me incomodou. Parecia que eu estava usando aquilo como um curativo, não como um acessório de moda.

“Está me olhando como se eu fosse maluco”, meu pai falou.

“Você é maluco.”

Ele balançou a cabeça.

“Li tudo a respeito daquela lei de manhã. Ela vai ficar com tudo. Com o terreno, a casa, o celeiro. E, por fim, ela finalmente será sua dona, como sempre quis. Não acho que a mamãe ficaria feliz com isso. Consumista ou não consumista.”

“Vou voltar ao trabalho”, foi só o que ele disse.

Voltei para o meu quarto e abri o álbum. Fui até a página *Pote Vazio* e me perguntei: “O que você colocará no seu pote, Glory?”



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

A Atiradora de Elite quase matará Nedrick, o Moralista, duas vezes. Na primeira, ele estará dirigindo a caminhonete vermelha de seu melhor amigo. Na segunda será perto da casa dele, e ele soltará os cães na direção do tiro.

A Atiradora de Elite conseguirá sobreviver, mas os cães descobrirão o túnel.

Durante a semana seguinte, o exército do governo reocupará a maioria de seus estados, e os cidadãos ficarão felizes. Eles serão libertados dos campos. As crianças reencontrarão suas mães. Esposas reencontrarão seus esposos.

O Regimento Ferret será desmantelado. A Missão K vai interromper suas atividades. Todo homem da Nova América capaz de lutar terá que se reportar ao último estado comandado por Nedrick, o Moralista. Eles serão reunidos para uma batalha final, que sabem que vão perder, mas lutarão mesmo assim.

Os exilados começarão um longo retorno para casa. Eles parecerão fantasmas, enfraquecidos após 3 anos de fome e guerra. As crianças permanecerão assustadoramente quietas. A Atiradora de Elite se esconderá nos túneis com os seus rebeldes. Seu marido plantará explosivos no território inimigo. Ela limpará seu rifle. Eles ficarão silenciosamente à espera enquanto as tropas marcham sobre suas cabeças. Esperarão até o momento certo. Até que tenha certeza.

COMO ESTÁ A GLORY?

ELLIE ME LIGOU ÀS seis naquela tarde e disse que precisava da minha ajuda com as galinhas porque não teria tempo suficiente e acabaria tendo que faltar à sua própria festa de observação das estrelas se não cumprisse suas tarefas. (Insira risada pré-gravada aqui.) Eu estava tirando um cochilo, então a ligação me irritou, mas acabei me levantando e, quando fui atravessar a rua, fiquei encantada.

Algumas pessoas acham que todo pôr do sol é colorido, mas eles não são. Alguns são mais coloridos do que outros. Esse estava particularmente colorido. Ele começava com o céu azul, passava para verde e depois para roxo, em seguida para rosa, indo para o laranja e, enfim, um vermelho profundo logo acima do horizonte. Acho que foi o pôr do sol mais colorido que já vi.

Eu não sabia que esse seria o último pôr do sol que eu via como Preto Absoluto, o morcego. Mas talvez tenha sido isso que o fez ser do jeito que foi.

Fui até Jasmine primeiro.

“Como está a Glory?”, ela perguntou.

Olhei para ela. Através dela.

“Glory está fantástica. Como está Jasmine?”

Ela pareceu surpresa com a minha confiança.

“Jasmine está simplesmente ótima. Mas ela tem que ir destrancar o galpão das percussões.” Eles tinham um galpão para guardar os instrumentos de percussão. É claro que um galpão de percussões não consumista *não teria percussões porque eles são bens e todos os bens são ruins, certo?* Talvez eu precisasse reavaliar o que *não consumismo* realmente significava. Ou talvez Jasmine precisasse.

Quando encontrei Ellie, ela já tinha terminado de limpar o galinheiro. Ela espalhou serragem e também misturou uma pilha de serragem com palha, depois espalhou toda a pilha no chão e a polvilhou com algum pó estranho que previne que as galinhas tenham ácaros. Comunidades. Pelo visto, o melhor lugar do mundo para cultivar parasitas.

Enquanto caminhávamos na direção da casa dela, notei que eles ainda nem haviam começado a montar os preparativos para a festa de observação das estrelas – nada de mesas, nada de bancos. Nem mesmo uma fogueira.

Ellie e eu lavamos nossas mãos na pia do lado de fora. Em seguida, ela disse que tinha que entrar um minuto e me pediu para aguardar. Rick passou por mim enquanto eu secava as mãos nos shorts.

“Ela disse que tem um namorado”, ele falou. “Jasmine não vai gostar

nada disso.”

“Jasmine ou você?”, perguntei.

Ele olhou para mim. *Visão de Rick: seu avô esteve a bordo do USS Pledge quando ele acertou uma mina e naufragou no Porto Wonsan, na Coreia, em 1950. Ele e seus companheiros foram salvos por outro barco, mas ele estava na parte errada do navio quando a mina os acertou e foi atingido no dorso por um enorme pedaço de aço. Quando foi liberado do hospital de veteranos e voltou para casa, ele já tinha recebido a extrema-unção duas vezes. Disseram que ele havia perdido as duas pernas e que teria uma vida curta na cadeira de rodas, mas certamente morreria antes de uma infecção que ele não conseguiria curar. O homem viveria mais 74 anos, até chegar aos 93. Ele amaria os calzones da praça de alimentação do shopping local.*



LIVRO QUATRO

REMANESCENTES DO FUTURO

Tornar-se adulto é como ser o passageiro de um trem desgovernado. Depois que ele desembesta, não há nada que você possa fazer a respeito. E é um processo que começa quando você nasce. O morcego não tinha controle sobre isso. Nós não temos controle sobre isso. Você não tem controle sobre isso.

QUEM PODERIA TER IMAGINADO?

ELLIE SAIU DE CASA, fulminou Rick com o olhar e ele se afastou imediatamente, então me perguntou:

“Você tem um tempinho?”

“Estou aqui, não estou?” Olhei em volta. Parecíamos ser as únicas ali. As portas do galpão de percussões estavam fechadas. As luzes pareciam estar acesas na maioria dos *trailers* lá atrás. Talvez Jasmine tivesse cancelado a festa de observação das estrelas. Olhei para o céu. Limpo. Olhei novamente para Ellie.

“Preciso falar com você sobre algo importante”, Ellie sussurrou.

“Tudo bem”, respondi, num sussurro.

“Não aqui”, ela sussurrou. “Não é seguro falar sobre isso aqui.”

“Mas não tem ninguém aqui.”

“Eles estão aqui. Eles sempre estão aqui.”

“Ah...”

“Podemos ir à sua casa?”

Ela já tinha começado a andar na direção da minha casa, então a segui. Me dirigia para a porta dos fundos, mas ela seguiu para a porta da frente, o que era raro. Nunca usávamos a porta da frente.

Ela nem bateu na porta nem nada. Simplesmente entrou. E naquela fração de segundo, eu a enxerguei como Jasmine – assumindo o controle sem nem pensar, mesmo que esse controle fosse sobre o marido dos outros.

E então o som de um número grande demais de pessoas gritando “*Surpresa!*” quase me jogou contra o batente da porta. Ellie foi a que gritou mais alto. Tia Amy estava lá na frente e abriu os braços para mim. Enquanto eu a abraçava, vi que havia balões e serpentina e todo tipo de coisa de festa que nunca havia existido dentro da nossa casa antes. Além disso, Jasmine estava lá, Ed Heffner, Rick.. (E sabe-se lá quantos jupiterianos.) E provavelmente todos os membros do clube do anuário. Stacy Cullen trouxe vários dos meus amigos da primeira série, e tinha os dois garotos com quem eu havia dividido o alojamento. Desconhecidos. Mas eram desconhecidos que estavam na minha casa.

“Uau”, eu disse. Foi só isso que falei. Então repeti mais uma vez “Uau.”

Aí eu vi meu pai, que tinha conseguido vestir uma bermuda de verdade. Ele sorriu para mim, parecendo desconfortável e confuso com tudo que estava me deixando desconfortável e confusa também. Em grande parte, acho que estávamos realmente perturbados pelo fato de Jasmine Blue Heffner estar em nossa casa.

Tia Amy falou algo como “*Não consigo acreditar que você se formou!*” ou “*Estamos tão orgulhosos de você!*” ou “*O tempo passa tão rápido!*” tudo misturado e dito ao mesmo tempo. Ela estava mais simpática do que nas minhas

lembranças. Ainda balançando seus peitos de silicone de um lado para o outro, mas quem se importa?

Visão da Tia Amy: *o filho dela se casará com uma garota judia e se converterá, e a Tia Amy não se importará nem um pouco.*

“Você viu o seu bolo?”, Tia Amy disse apontando para um bolo.

“Quem fez isso?”, perguntei, olhando para o meu pai, que estava se esgueirando entre desconhecidos para me dar um abraço. Nenhuma transmissão do meu pai porque eu estava me concentrando em sua testa – uma noite livre de visões. Assim eu esperava.

“Não fui eu, Cupcake”, ele disse. “Você falou que eu não deveria fazer isso, lembra?”.

Eu tive vontade de dizer: *E eu pedi por um motivo. Fique atento se uma das pessoas da comunidade usar o banheiro ou se sentar no sofá.*

“Ellie cuidou da maioria das coisas,” Tia Amy disse. “Eu falei com ela e ela me disse para quem deveria ligar e...”

Ding dong. Papai foi atender a porta. Eram dois garotos da escola. Um namorava Stacy Cullen e o outro era seu amigo. Eu o ouvi sussurrar:

“Tem cerveja?”

Ellie estava em um canto da sala de estar com Rick e eles estavam tendo uma conversa mais íntima. Me senti mal por estar irritada com ela, mas ainda assim a irritação permanecia. E eu tinha de agradecê-la pela festa apesar de não ter desejado festa alguma. Ou talvez eu quisesse uma festa. Era confuso.

Eu não sabia como me divertir. Percebi isso naquele momento, no meio de uma sala cheia de pessoas que generosamente vieram até minha casa e me deixaram uma pilha de cartões e presentes. Eu não sabia como me divertir.

Abri caminho até Ellie e disse:

“Obrigada!”

Ela sorriu.

“Achei que fosse me matar assim que ouvisse *Surpresa!*”

“Não. Sem problemas. Foi muito legal da sua parte.”

“Você deveria comemorar a sua formatura. É uma conquista importante.”

“Talvez”

Ela balançou a cabeça com certa decepção.

“É uma passagem para fora daqui, Glory.” Até o Rick concordou com isso. “É tipo uma passagem para a próxima etapa do seu futuro. Certo?”

“É. Claro.”

“Mas sem pressão”, Ellie continuou. “Não deixe que todos esses nerds indo pra faculdade façam você se sentir mal pelo que quer fazer.”

Isso me fez rir.

“Bem, obrigada.”

“Agradeça à sua tia. Ela que pagou por tudo.”

Abri caminho até Tia Amy, que estava conversando com Ed Heffner e meu pai. Ela sorriu como se eu fosse a sua própria filha. Ou talvez ela finalmente estivesse feliz por me proporcionar algum tipo de normalidade.

Eles realmente estavam conversando – eu não sei sobre o quê –,mas

consegui dar um rápido abraço e ela sabia o motivo. Alguém já havia empilhado jogos de tabuleiros espalhados em vários locais. A turma do clube do anuário já estava montando o jogo de trívia de Star Wars no quintal dos fundos. Ninguém parecia decepcionado por não ter cerveja. Alguém tinha colocado música para tocar no celular. Duas velas de citronela tinham sido acesas no centro das mesas. Fiquei parada lá e observei todos se divertindo. Na minha casa. Era estranho.

“Se eu tivesse escolha, eu também pararia um ano antes de ir para a faculdade”, Stacy Cullen disse, do nada, assim, de repente, atrás de mim. “É legal seu pai deixar você fazer isso.”

“Ele é legal mesmo.”

“Você realmente ficou surpresa, não foi?”, ela perguntou. “Digo, com essa festa.”

“Ainda estou”, eu admiti, observando a partida de trívia.

“Não é todo mundo que tem a sorte de ser surpreendido por uma festa de formatura, não é?”

“Eu sou esquisita. O que posso dizer?”

“Você não é esquisita. Aposto que metade da sala de formandos desejaria ser tão legal quanto você.”

Eu ri.

“Eu acho que nunca fui legal na minha vida.”

“Que besteira! Sério.” Eu deveria ter dito alguma coisa em resposta, mas em vez disso só fiquei pensando, *Será que eu sou mesmo legal?* Então o namorado de Stacy perguntou se ela queria jogar Jogo da Vida, e eles foram lá para dentro.

“Glory, onde está o seu anuário?”, um dos garotos do anuário perguntou.

“Eu não sei. Provavelmente no meu quarto.”

“Eu não cheguei a assiná-lo”, ele disse.

“Não tem problema”, eu respondi. “Não se preocupe com isso.”

“Ei, eu também não assinei”, alguém disse.

“Eu também não”, outro membro do clube do anuário falou.

Papai colocou Led Zeppelin para tocar bem alto dentro de casa. Eu ia pedir que ele diminuísse o volume, mas aí me dei conta de que se ficasse alto, eu não teria que falar tanto.

“Vai lá pegar!” alguém falou, imagino que se referindo ao meu anuário. Mas eu não fui. Em vez disso, fui para a cozinha, onde Tia Amy tinha preparado uns lanches – uns da loja Whole Foods para as pessoas da comunidade e outros para os demais. Tinha salgadinhos de queijo e cerveja de raiz. Então eu abri uma cerveja de raiz, peguei a tigela inteira de salgadinhos e levei comigo. Se mantivesse minhas mãos ocupadas, talvez ninguém pedisse o anuário.

Encontrei Ellie, que estava indo para a cozinha enquanto eu estava voltando.

“Vejo que encontrou os salgadinhos laranja fluorescente.”

“Então aquela conversa do Markus Glenn vir para sua festa hoje à noite era papo furado?”

“Ele deveria ter vindo para cá, na verdade”, ela disse, o que me levou a me perguntar se ela me conhecia um mínimo que fosse. “Mas falei dele para a

minha mãe e ela disse que ele não tinha autorização de chegar nem perto de mim.”

“E o Rick tem?”

“Sim, o Rick tem.”

“Tudo bem, então. Só diga a ele para manter seus jupiterianos longe do meu assento de privada.”

O pai de Ellie conversou comigo por algum tempo no quintal, que estava iluminado por algumas tochas de citronela. Ele se sentou perto de mim em um banco enquanto eu engolia uma tigela inteira de salgadinhos de queijo, fitava o céu e rezava – ou o que quer que significasse pedir algo aos céus – para que a maldição do morcego petrificado chegasse ao fim.

Eu não queria mais saber o futuro de ninguém. Não me importava com o passado de ninguém. Só queria voltar para o presente. Aqui. Agora. Esta festa onde as pessoas me achavam legal.

O pai de Ellie disse:

“Já fomos todos próximos, sabia?”

“Eu sei.”

Ele suspirou.

“Eu me arrependo do que aconteceu.”

“Aposto que sim”, eu disse, como se soubesse o que tinha acontecido, porque queria que ele soubesse que eu sabia o que tinha acontecido. “Então, você conversou com meu pai? Vocês fizeram as pazes ou algo parecido?”

“Não exatamente.”

“Ah.”

“Algumas vezes a gente deixa passar tempo demais. Faz muito tempo. Eu me arrependo do que aconteceu.”

“Você já falou isso.”

“Sim. É verdade.”

“Me arrependo de muitas coisas também”, eu disse.

“Você é jovem demais para isso. Só tem 17 anos. As coisas acontecem por um motivo, até as coisas muito ruins. Isso faz algum sentido?”

“Sim. Faz sentido.”

Seu olhar cruzou com o meu e tive uma visão dele, contra minha vontade. Visão de Ed Heffner: *um dia Ellie estará em pé no meio do terreno da comunidade, sozinha. Ela estará chorando, cercada de patos que andam eretos. Ela entrará em um carro e nunca mais voltará.*

Eu não queria ver aquilo. Disse a mim mesma que Ellie estava certa. As visões eram mentiras idiotas. Nada disso poderia estar certo. Ellie não partiria, e Rick não era o avô do homem na caminhonete vermelha... que um dia machucaria minha família. Era tudo mentira. Idiotice. Besteira.

Eu entrei. Alguém estava jogando o Jogo da Vida e fingindo chorar porque tinha um número grande demais de pequenas crianças de plástico e elas não cabiam no seu carro. Outra pessoa estava curtindo “Black Dog” com meu pai. Senti que faltava algo, então fui para o quarto do meu pai e peguei uma imagem de Darla para colocar em cima da lareira, para que ela pudesse sorrir para todos nós em vez de sorrir no quarto vazio do meu pai.

O Jogo da Vida chegou ao fim, todos tinham chegado aos Terrenos dos Milionários e contavam seu dinheiro, e então um vencedor foi declarado. Depois, alguém empilhou as peças do Jenga na mesa que o meu pai normalmente usava para colocar os pés quando estava trabalhando no sofá.

Então Tia Amy pediu para meu pai abaixar a música e gritou:

“Hora do bolo!” Enquanto cortava o bolo e dividia os pedaços, ela falou para eu abrir os presentes.

“Eu vou esperar”, eu disse. “Não é isso que a maioria das pessoas faz?”

“Não se esqueça de enviar agradecimentos”, ela disse, ainda cortando quadrados perfeitos.

Não se esqueça de enviar agradecimentos. Que ideia. Eu não tinha nem aberto os presentes ainda, mas já tinha essa responsabilidade social baseada nas regras de recebimento de presentes da Tia Amy. Como se cada pessoa desse um presente só para poder receber uma mensagem de agradecimento.

Olhei para a pilha de cartões e depois para a sala ao meu redor. Todos estavam se divertindo. As pessoas estavam comentando que o bolo estava especialmente macio. Jasmine não comeu bolo. Peguei um prato de bolo e um garfo e fui até ela dizer oi. Ela deu um sorriso forçado – o mesmo sustentado por mim, meu pai e Ed Heffner. Olhei para Darla na lareira. Ela não tinha um sorriso forçado. Ela não sentia mais dor.

Não sei o que falei com Jasmine. Ficamos ali por uns dois minutos, ela jogando conversa fora e eu comendo, assentindo e me dando conta de que ela não sabia o que ia acontecer.

Ela fez coisas estúpidas, sim. Ela fez coisas cruéis, claro, mas eu ainda me perguntava se meu pai se sentia lisonjeado de alguma forma com o que aconteceu, e se esse era o segredo que eu jamais saberia. O que eu sabia é que não podia culpá-la. Ela só fez o que era natural para ela. E depois o que disseram para ela fazer. Ela se manteve afastada da nossa família, da nossa casa, e até do funeral de Darla.

E agora ela estava aqui. Jogando conversa fora, sem comer bolo, sem encostar em uma parede, em uma cadeira... Simplesmente ali. Desconfortável. Aposto que ela mal podia esperar para atravessar a rua de novo e escapar de todas aquelas imagens atormentadoras.

Ela disse:

“Quer mais bolo?”

“Sim.” E fui até o bolo e a pilha de cartões de pré-agradecimento.

“Você foi lá pegar?”, um dos garotos do anuário me perguntou.

“O quê?”

“Seu anuário.”

“Não.”

“Vai lá pegar”, Matt disse. “Eu quero assinar.”

Observei Jasmine sair andando pela porta da frente e vi que Ed Heffner olhava para ela. Ele estava falando com meu pai, que tinha trocado a música para uma mais lenta, do Grateful Dead ao vivo.

Fui para o meu quarto e peguei o anuário sem assinaturas. Depois que a festa acabasse, seria o único presente recebido que não exigiria uma mensagem

de agradecimento.

As pessoas o passaram de mão em mão e escreveram mensagens nele. Algumas pessoas demoraram uma eternidade. Stacy Cullen o segurou por dez minutos inteiros. Uma das pessoas do clube do anuário desenhou uma tirinha comigo e minha câmera. E então chegou a vez de Ellie. Ela passou um bom tempo escrevendo na face interna da capa, que todo mundo tinha guardado para ela porque ela era minha melhor amiga... Mesmo que eu tivesse esquecido que ela era minha melhor amiga.

A essa altura, o jogo de trívia de Star Wars tinha terminado, e cada perdedor prometeu dez dólares ao vencedor. Conforme as pessoas assinavam meu livro, elas iam embora, abraçavam umas às outras, me abraçavam e diziam obrigado. Dei a alguns deles um pouco mais de bolo porque não planejava enviar mensagens de agradecimento.

Ellie e Rick saíram por último, junto com Stacy Cullen e seu namorado. Stacy sussurrou no meu ouvido que tinha mentido para a mãe e dito que ia dormir na minha casa, e perguntou se eu a ajudaria naquela empreitada. Eu concordei e disse:

“Se cuida.”

Ellie me devolveu o anuário no caminho para a porta e disse que me veria no dia seguinte.

Fechei a porta atrás deles todos e fui para o quintal ler as mensagens que as pessoas deixaram. Todas começavam da mesma forma: *Para uma garota legal que eu conheci em... Para uma garota divertida que conheci quando... Para uma talentosa fotógrafa e amiga... Para uma grande amiga que conheci em... Para uma garota simpática que se transformou em uma adulta ainda mais simpática...*

Uma das mensagens falava sobre como eu tinha visto o mundo de forma diferente dos outros. Outra falava sobre como minha vida tinha começado com solavancos, mas isso significava que estava encaminhada à grandeza. Tantas previsões...

Eu tinha um livro cheio das minhas próprias previsões. *A História do Futuro*. Mas eu preferia esse anuário ao meu próprio livro. Eu preferia essas previsões. Eu preferia ser uma garota legal/misteriosa/divertida/talentosa/simpática, a garota que um dia seria conhecida apenas por suas profecias de sofrimento.



CAMADAS

TIA AMY ESTAVA arrumando a cozinha e eu desci para ajudá-la. Ela conversava com meu pai como se os dois tivessem sido amigos por toda uma vida, e acho que, de certa maneira, eles foram. Nunca tinha visto isso dessa forma antes – como adultos têm vidas em cima de vidas em cima de outras vidas. Camadas. Talvez essa fosse a razão de Ed Heffner ter me falado para não ter arrependimentos agora. Talvez ainda houvesse muitos arrependimentos por vir. Ou talvez agora fosse o momento de parar de tê-los para que não houvesse arrependimentos demais mais tarde. Ou algo parecido.

“Você parece ter se divertido”, Tia Amy disse.

“Foi ótimo! Muito obrigada.” Eu disse isso e percebi que queria enviar pelo menos uma mensagem de agradecimento... para ela.

“Que tal nos sentarmos agora para abrir os cartões?” Ela secou as mãos em um pano de prato e abriu uma cerveja. Meu pai abriu uma também, e então foi para o quintal apagar as velas de citronela e arrumar as coisas. Eu peguei outra cerveja de raiz.

Quase todos os cartões tinham um vale-presente dentro. Alguns eram vales-presente de livrarias, outros de lojas de roupa, de lojas *on-line*, de restaurantes, de lojas de decoração.

Não sei exatamente por quê, mas Tia Amy contou o valor em dinheiro. Talvez seja isso que as pessoas normais fazem.

“Trezentos e setenta e cinco dólares. Dá pra comprar um montão de livros.” Ela me passou um envelope fechado. “Esse é meu e da minha família”, ela disse, como se eu não conhecesse o marido dela e seus filhos de pescoços frágeis.

O cartão era cor-de-rosa e tinha um desenho de uma formanda na frente – uma formanda de salto alto. E joias. Muitas joias. A parte de dentro era branca, e Tia Amy tinha escrito algo ali. Só consegui ler o que ela havia escrito quando tirei o cheque de cem dólares da frente.

Ela era minha única irmã. Quando a perdi, senti como se tivesse perdido tudo. Mas aí tinha você.

Eu queria passar mais tempo por perto e te ver com mais frequência, mas minha própria família cresceu. Seu pai me manteve informada enquanto você foi de garotinha para garotona e depois adulescente, e esse tempo todo rezei para que você crescesse e virasse o tipo de mulher que Darla era.

Você virou.

Você é criativa, engenhosa, inteligente, forte, engraçada e linda.

Eu não quero deixá-la triste em um dia tão especial, mas gostaria que soubesse o quão orgulhosa Darla está de você hoje.

Ela te amava tanto e eu não consigo imaginar o quanto você deve sentir falta dela.

Mantenha contato, Glory. Se precisar de alguma coisa, pode falar comigo. Se quiser conversar, pode falar comigo. Talvez eu possa ajudar a preencher uma pequena parte do vazio que ela deixou, do mesmo modo que você preenche um pedaço do vazio que ela deixou em mim.

Eu te amo. Parabéns.

Meu pai entrou de volta bem nesse momento, não a melhor hora para ele aparecer. Se eu pudesse, teria sentado e conversado com Tia Amy sobre minha mãe pelo resto da noite. O quarto escuro de Darla não tinha as respostas. *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* não tinha as respostas. Papai não tinha realmente as respostas. Ninguém teria todas as respostas exceto Darla. É assim que o suicídio funciona. Ninguém tem todas as respostas exceto a pessoa que não pode mais responder.

Mas Tia Amy teria sido capaz de falar um bocado, porque ela havia perdido uma irmã para o suicídio e isso também não devia ter sido fácil. Mas agora meu pai estava ali, alegre e um pouco inebriado, perguntando se queríamos jogar Palavras Cruzadas.

“Ou pôquer, se preferir. Amy sempre foi fera em pôquer.” Tive de secar meus olhos silenciosamente na manga da camisa, e Amy fez o mesmo. Na manga dela, não na minha. Papai notou.

“Ou... eu posso voltar para o quintal e cuidar da minha vida, se quiserem.”

“Não”, Tia Amy disse. “Tudo bem. Fique aqui. Eu adoraria destruir você no pôquer, Roy, mas só se apostarmos dinheiro de verdade.”

“Vocês duas terminem de conversar e saiam quando estiverem prontas. Eu andei praticando, Amy. Não seja tão convencida”. Ele saiu da sala.

Tia Amy o provocou enquanto ele saía:

“Jogar contra o computador não é praticar de verdade, sabia?”

Então olhamos uma para a outra.

Visão da Tia Amy: *seu neto irá administrar um refúgio para órfãos e encontrará novas casas para eles, tudo sob o radar das novas leis e do Exército da Nova América. O refúgio me parece muito familiar. Será o celeiro de Ellie. Aquele do outro lado da rua.*

“Eu quero falar sobre um monte de coisas”, eu disse. “Mas não hoje à noite.”

“Vamos separar um tempo esse verão. Eu tenho tempo.”

Eu tive sorte de principiante e ganhei do meu pai e da Tia Amy na minha primeira mão de pôquer. Aparentemente, eu tinha um *full house*, o que não parece grande coisa, mas ganhou do par de damas do papai e da trinca de Tia

Amy. Depois disso, ela começou a ganhar de lavada e meu pai teve que pagar 60 dólares para ela.

Quando ela foi embora, subi e empilhei meus vales e cartões de formatura na cômoda e troquei de roupa, vestindo meu pijama. Senti vontade de beliscar algo, então desci novamente. Papai gesticulou para que eu me sentasse.

“Sobre aquela lei”, ele disse. “Eu fiz uma pesquisa sobre ela.” Eu assenti com a cabeça. “Acho que sua mãe gostaria que eu pegasse o terreno de volta.”

Concordei novamente, mas senti meu peito apertar porque agora parecia que estava tudo errado. Agora tudo estava diferente. Talvez por causa da festa. Talvez por causa do morcego. Talvez por causa da formatura. Talvez... simplesmente não tivesse um motivo.

“Eu posso morrer a qualquer momento e não gostaria de deixar essa confusão para você resolver. Não seria justo.”

“Não. Você só vai morrer bem velho. Acredite em mim.”

Ele olhou para mim de um jeito estranho.

“Acho que eu devia ter conversado com você sobre essa história toda antes dessa semana. Me desculpe.”

“Não precisa se desculpar. Os detalhes eram... complicados. Eu entendo.”

Tive o impulso de tentar convencê-lo a desistir de pegar o terreno de volta, mas eu sabia que ele estava certo. A gente realmente precisava tomá-lo de volta. Eu sabia que tinha sido um presente da parte de Darla, mas que sempre seria temporário. Não dá para ter um lugar grátis para morar por 19 anos e não achar que o fim está próximo.

É um pouco como ser criança, se formar na escola e seguir adiante.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

Os ex-seguidores de Nedrick marcharão até a mansão dele, no último estado sob controle do governador, e irão reduzi-la a cinzas. (Quando a mansão for evacuada, eles descobrirão que o governador ainda empregava diversas mulheres, violando sua própria lei.) Nedrick, o Moralista, ainda culpará os exilados e os párias, mas a revolta virá de dentro.

As pessoas terão muita raiva. Muita raiva mesmo.

As pessoas se perguntarão como viraram escravas quando, apenas alguns anos antes, eram americanos normais que comiam pipoca de micro-ondas e encerravam carros alugados.

Os exilados, a Atiradora de Elite e seu marido vão estar longe da mansão do governador. Eles estarão à espera da batalha final. Do esconderijo subterrâneo, eles vão escutar os exércitos tomando suas posições. Perceberão como Nedrick está em inferioridade numérica. Saberão que ele está lá. Eles o sentirão.

No raiar da manhã de uma terça-feira, eles ouvirão os ruídos e os burburinhos vindos lá de cima. Escutarão enquanto soldados e mais soldados ocupam o solo acima de suas cabeças. Eles esvaziarão os túneis e ordenarão uma retirada completa. A Atiradora de Elite dirá aos exilados aonde ir. Ela os enviará para longe das explosões que estão por vir. Para longe do perigo.

Ela vai limpar seu rifle.

Ele pressionará o botão.

E o capítulo final começará com uma explosão.

AS PESSOAS AINDA FAZEM ISSO

ERA SEXTA-FEIRA, e Peter parecia realmente feliz por me ver. Eu não queria tirar conclusões precipitadas, mas acho que ele gostava da minha companhia. Todas as vezes que me encontrei com ele naquele mês de junho, eu sentia que aumentavam minhas chances de ser a alma gêmea que ele conheceria no shopping em junho de 2014.

“Sozinha hoje?”

“Sim.”

Ele apontou para a minha câmera. Ela estava presa à alça da antiga câmera de Darla que eu tinha encontrado essa manhã antes de sair de casa. Papai aprovou. Ele disse que ficava feliz de saber que ela estava sendo usada novamente. Darla tinha feito um bordado à mão com borboletas nela.

“Você está tirando fotos?”, Peter perguntou.

“É parte do meu projeto.”

Ele sorriu para um transeunte. Em seguida marcou um X em sua prancheta. O cara passou reto por ele enquanto lia algo em seu smartphone e nem levantou a cabeça.

“Você devia ter uma categoria separada para esse tipo de pessoa. É diferente de meramente ignorá-lo, não é?”

“Eles sabem que estou aqui. Certamente podem me sentir sorrindo. Só não levantam a cabeça”.

“Você achou que, depois daquele vídeo da mulher caindo na fonte, as pessoas não fariam mais isso nesse shopping.”

“As pessoas precisam de informações, cara. E precisam delas aqui e agora, 24 horas por dia, 7 dias por semana.”

“Verdade”, eu concordei, pensando em como meu pai verificava o e-mail com frequência, apesar de não ter amigos e, na maioria das vezes, só receber spam de propagandas de pilulas penianas, remédios do Canadá, serviços de encontros *on-line* ou alguma lagosta gratuita fictícia.

“Mas e aí, o que você está fotografando?”

“Não sei. Quando vejo algo interessante, tiro uma foto. Até lá, não faço ideia.”

“Pode tirar uma de mim sorrindo para as pessoas? Seria legal para o projeto. Talvez eu consiga créditos extras.”

Eu assenti para as pessoas que se aproximavam enquanto ia para trás e me posicionava à esquerda para que pudesse enquadrar a cabeça dos clientes do shopping e pegar o rosto do Peter de frente, enquanto ele sorria com a prancheta em mãos. Tirei algumas fotos dele olhando para as pessoas e algumas dele escrevendo na prancheta.

Quando três mulheres se aproximaram, mudei de ângulo e tirei fotos de suas interações também. Uma das mulheres sorriu de volta. Ela deixou suas amigas continuarem a caminhar e parou para perguntar o que Peter estava vendendo. Eu não estava longe, então ouvi a conversa deles.

“Se você estiver vendendo beijos, eu compro um”, ela disse.

“Não estou vendendo nada.”

“Posso te dar meu número de telefone?”

Peter parecia envergonhado. Mas pegou o número dela e observou enquanto ela se afastava. Ela balançou os quadris e os cabelos platinados, parou quando chegou às suas amigas, e todas se viraram e deram risadinhas.

Me doía pensar que ela poderia ser a mulher da visão que tive de Peter. Ela não parecia ser uma *alma gêmea*, mas o que eu sabia a respeito? Eu ainda era uma virgem que gostava de se enfiar em vestidos anarruga de algodão. Ainda estava tentando ser Darla, apesar de saber que eu não era Darla, mesmo usando as borboletas bordadas e tudo o mais.

“Conseguiu tirar umas fotos boas?”

Visão de Peter: *ele vai escalar uma árvore até chegar à casa em seu topo para salvar um bebê de um incêndio. E vai escalar tão rápido que depois farão piadas de como ele deve ser meio macaco. Seu cabelo já estará branco. Ele será velho quando isso acontecer. Quando salvar o bebê, ele o devolverá à mãe e juntos voltarão aos túneis que atravessam a floresta.*

“Glory?”, ele perguntou.

“Sim. Consegui algumas boas. Do cara que te ignorou completamente e da mulher que te deu o número de telefone.”

Ele ficou corado de novo.

“Legal. Você pode mandá-las para mim quando fizer o *upload*?”

Levantei a câmera e dei uma balançadinha nela.

“É um filme de verdade. Tenho que colocar pra revelar primeiro.”

“Ah... Não sabia que as pessoas ainda faziam isso”.

“As pessoas ainda fazem isso”.

Ele se levantou e sorriu para uma pessoa que passava, e então marcou o X em sua prancheta. Dei uma olhada no tráfego cada vez mais intenso de pessoas.

“Te vejo no almoço?”, perguntei.

“Com certeza.”

Pensei em como ele gosta de comer frango agridoce. Pensei em como aquela mulher que deu o número de telefone para ele talvez fosse o seu par perfeito e banal. Eles poderiam ser os comedores de frango agridoce do mundo e eu faria parte do time de comedores de bife *kung pao* quente e picante. Meu time provavelmente seria melhor em Ping-Pong e teria sistemas imunológicos mais resistentes. O time deles provavelmente se vestiria melhor e teria armários maiores.

Ai, ai, ai...

Eu me sentia exposta com a minha câmera. As pessoas no shopping me encaravam. Elas pareciam se incomodar com a ideia de que tinha alguém tirando fotos delas. Eu achava isso estranho, considerando que hoje em dia todo

mundo tem uma câmera embutida no telefone. Por que ficar tão perturbado com minha câmera antiga quando alguém poderia estar tirando fotos suas o tempo todo sem você saber?

Restringi minhas fotos a alvos não humanos: placas, bancos vazios, fontes, portas, botões de elevador...

“Ei! É você de novo”, o cara do USS *Pledge* disse para mim logo que saí do elevador. “Minha amiga do calzone!”

“Estava mesmo procurando você!” Eu sorri e acenei.

“O que você tem aí? Isso é uma câmera de verdade?”

“É uma Canon AE1”, eu respondi. “Vintage de 1980. Nada especial.”

“Eu costumava usar uma Leica. Eu adorava aquela câmera. Tem algo de especial.”

“Minha mãe tem duas delas no sótão”. Não sei por quê, mas não contei para ele sobre a Leica que ela me deu quando eu tinha 4 anos.

“Ah!”, ele exclamou, empolgado com a conversa sobre Leicas. “Você devia pegá-las para experimentar. Elas são bem diferentes.”

Concordei, incerta do que dizer.

“Você vai subir pra pegar um calzone hoje?”, ele perguntou.

“Claro. Você vai encontrar seus amigos ou podemos comer juntos?”

“Você está me convidando para um encontro?”, ele disse e piscou enquanto perguntava.

“Sim. Por que não?”

Então apertamos o botão do elevador para o segundo andar depois que ele entrou com sua cadeira de rodas.



A ATIRADORA DE ELITE

“QUER QUE EU te ajude?”, perguntei enquanto o elevador nos levava para o segundo andar.

“Eu empurro minha própria cadeira de rodas desde 1951, e não pretendo parar hoje.”

Esperamos na fila dos calzones, ele sentado e eu em pé. Pedi um de espinafre e queijo, e ele escolheu um tradicional, mas pediu ao gerente para acrescentar pimentas. Ali estava meu companheiro de equipe no time dos apimentados. Talvez estivesse errada quanto ao Ping-Pong.

Tirei uma cadeira do caminho para que ele pudesse chegar à mesa e abrimos nossas caixas de calzone para que eles esfriassem um pouco. Ele perguntou se eu pegaria mais uns guardanapos, e eu peguei.

“Por que você está sempre aqui?”, ele perguntou.

“Estou trabalhando em um projeto”, expliquei, e gesticulei em direção à câmera.

“No verão? Um projeto para a escola?”

“Não. É pessoal. Acho que eu mesma o inventei.”

“Isso é bem inteligente. Manter-se ocupada até as aulas começarem de novo. Quantos anos você tem? Quinze?”

“Dezessete. Acabei de me formar”.

“Quanto mais velho fico, mais jovem o resto do mundo parece. Ontem eu podia jurar que vi um garoto de 19 anos de idade dirigindo um trailer”.

Eu ri.

“Posso perguntar sobre o seu chapéu? Sei que um dos navios USS *Pledge* afundou na Coreia. Foi a sua embarcação?”

“Você deve estar de brincadeira comigo.”

“O quê?”

“Ninguém da sua idade se importa com a Coreia.”

Balancei a cabeça e terminei de mastigar meu calzone.

“Era caça-minas, certo? Afundou em 1950?”

Ele riu como se eu tivesse contado a piada mais engraçada que ele já tinha ouvido. Achei que isso significava que eu tinha dito alguma bobagem, então me corrigi rapidamente.

“Ah. Talvez você estivesse no do Vietnã, então. O outro USS *Pledge*?”

“Não, não. Você acertou de primeira. Meu navio afundou na Coreia. Foi arrastado para fora da água e nunca mais senti minhas pernas.” Ele balançou a cabeça. “Meu filho diz que hoje em dia ninguém da sua idade dá a mínima para

as guerras antigas. Aposto que meu neto não sabe nada de nada.”

“Hum...”

“De qualquer modo, ele foi criado em algum tipo de seita. Não imagino que eles o deixem pensar muito por conta própria. Que piada.”

Parei de comer e olhei para ele. Visão do cara do USS *Pledge*: sua mãe não queria que ele fosse para a guerra. Ela achava que era errado e o culpou por aquele ferimento pelo resto de sua vida.

“Uma seita? Isso é interessante. Eu nunca conheci alguém que fosse de uma seita.” Eu não estava prestando muita atenção no que ele falava. Pensei que o neto de quem ele estava falando era algum parente distante da Costa Oeste ou algo assim, e que a seita era algo parecido com aqueles adoradores de unicórnio, igual à pessoa com quem a mãe do meu pai fugiu. Mas então lembrei quem ele era e quem era o neto dele.

“Acho que lá eles ensinam as crianças a mamar nas tetas do governo. Por que...”

“Aquele lugar é uma seita?”, perguntei. Baixei meu calzone. “O lugar lá perto do lago? Com todos os *trailers*?”

“Eu costumava chamar a polícia e perguntar se eu poderia pelo menos tirar meu neto de lá. Nunca consegui.”

“Qual é o nome do seu neto?”

“Você não é um deles, é?” Ele franziu o cenho.

“Não.”

“O nome dele é Richard. Em minha homenagem! Dá pra acreditar?”

“Eu o conheço. Já o encontrei algumas vezes.” Ele olhou para mim como se aquilo fosse doloroso – eu conhecer Rick melhor do que ele. “Se quiser, posso dizer que você mandou um oi para ele.”

“Gostaria que achasse um jeito de fugir com ele de lá.” Ele estava brincando agora, sorrindo e comendo seu calzone. “Ou talvez possa contar para ele sobre o *Pledge* e como eu acabei parando nessa cadeira. Acho que ele não sabe, e aposto que meu filho idiota nunca contou a verdade para ele também.”

“Farei isso da próxima vez que me encontrar com ele”, eu disse. Então peguei minha câmera. “Não costumo fazer isso, mas se importa se eu tirar umas fotos de você?”

Ele deixou, e eu cliquei várias, em diferentes posições porque queria capturar cada sinal de idade em seu rosto, cada ruga. Ele parecia estar muito bem conservado para alguém com mais de 80 anos. Eu falei isso para ele.

“Não é de bom tom ficar provocando cidadãos da terceira idade”, ele disse.

“Não estou provocando. Aposto que foi um garoto muito charmoso quando tinha a minha idade.”

“Para falar a verdade, eu tinha espinhas e era desengonçado. Nunca fui bom em esportes ou em dança. Mas sempre fui bom em matemática.”

Abaixei a câmera e olhei para ele, e alguma coisa me atingiu, algo que não sei descrever. Um misto de ataque de pânico e visões. O que eu vi me provocou vertigem. Me deixou tonta. Fiquei nauseada.

Visão do cara do USS *Pledge*, o Richard da cadeira de rodas:

Eu estarei no túnel.

Glory O'Brien com cabelos brancos e usando calças militares masculinas. Eu estarei no túnel enquanto ele se enche de fumaça. Estarei com Peter, também de cabelos brancos e trajes de combate, e um garoto. Atrás de nós, cerca de 20 exilados com máscaras para bloquear a fumaça. À nossa frente estará o braço direito de Nedrick, o Moralista, o cara da caminhonete vermelha. Ele estará segurando um lança-chamas. O garoto? É filho dele. Ele terá cabelo encaracolado e psoríase. Estará descalço porque sua mãe foi forçada a viver nas árvores nos três últimos anos. Ele reconhecerá o pai e vai implorar para que ele não nos queime. Seu pai optará por nos queimar mesmo assim, porque eu serei a líder da resistência, a inimiga pública número um. A Atiradora de Elite. Muito mais importante do que um filho bastardo qualquer.

“Você está bem?”, alguém me perguntou. Poderia ter sido qualquer pessoa.

“Glory?” Era Peter.

Alguém me segurou quando desabei da cadeira.

Richard do USS *Pledge* disse:

“Deixem a pobre garota respirar.”



EU SOBREVIVERIA

O LUGAR GIROU. Me vi no túnel. Vi o garoto. Vi as chamas. A fumaça. Eu não me lembro de nada depois disso. Quando abri os olhos, estava sentada no chão ao lado de Peter, que segurava uma caixa de comida chinesa para viagem.

Quando disse que me sentia bem o suficiente, ele me ajudou a sentar de novo na cadeira, na mesa onde Richard, o cara do USS *Pledge*, permanecia. Expliquei que tinha ataques de pânico às vezes e me desculpei. Sentei lá sem fazer contato visual com ninguém. Richard precisava ir embora porque tinha uma consulta agendada no oftalmologista. Ele me lembrou:

“Não se esqueça de dizer ao pequeno Richard que mandei um *oi*, se encontrar com ele. Sinto falta daquele garoto. Pode falar isso para ele?”

Eu disse quealaria. Peter comeu arroz frito com frango enquanto eu fiquei lá sentada, tentando entender minha parte na história do futuro. Era tudo muito simples. *Eu* era o membro da família que seria ferido naquele túnel. Não minha filha ou minha neta. Eu serei idosa e Peter será idoso. E eu serei a líder dos exilados.

Observei Peter comendo seu arroz frito com frango com um garfo de plástico. Nós nos casaríamos um dia. Sem pressa...

Olhei em volta no shopping. Todas aquelas pessoas morreriam um dia, assim como eu. Sem pressa...

Enquanto pendurava a câmera de Darla no pescoço, percebi que não era como Darla. Eu não estava a caminho de um forno, ou de uma garagem fechada com as chaves do carro, e de modo algum era como Bill, o cara sem cabeça que explodiu os miolos e criou uma obra de arte rançosa no teto.

Eu sobreviveria. *Realmente sobreviveria.*

Tirei uma foto de Peter comendo seu almoço e sorri para ele. Acho que foi um sorriso de flerte. Sei que não era o mesmo tipo de sorriso que tinha dado a ele meia hora antes. Esse era um sorriso do tipo um-dia-eu-serei-sua-esposa. Não sei o motivo, mas ele também me olhou de uma forma completamente nova. Nós nos olhamos no fundo dos olhos.

Mas eu não tive uma visão. *Que estranho...* Olhei diretamente para ele – fixamente para as suas pupilas. Nada ainda.

“Tá olhando o quê?”, ele perguntou.

“Hã... Você?”

Ainda sem nada. Eu disse que queria uma sobremesa, então fui ao Señor Burrito e pedi sorvete frito. No caminho, fiz contato visual com três pessoas. Nenhuma visão. O cara mais velho que sempre trabalhou no Señor Burrito?

Nenhuma visão. A mulher em horário de almoço que trabalhava no salão de cabelereiro? Nenhuma visão. Tentei Peter de novo quando voltei à mesa. Nada ainda.

Dividi o sorvete frito com ele e não conversamos muito entre um bocado e outro. Os céus tinham atendido minhas preces. O morcego tinha ido embora.



ISSO É TUDO

PETER SORRIU para as pessoas enquanto eu terminava o sorvete frito.

“Qual é a sua opinião sobre seitas?”, perguntei.

“Eu... hã... sou contra, em geral?”

Eu não disse nada.

“Por quê?”

“Eu acho que Ellie faz parte de uma. Quer dizer... Richard – o cara com quem eu almocei – acha que Ellie vive dentro de uma.”

“Ah.”

“Sempre imaginei as seitas como algo maior – tipo, Jim Jones ou Jonestown, sabe?”, eu falei. Eu tinha lido bastante sobre Jim Jones no oitavo ano. Ele matou quase mil pessoas, mas a mídia nos fez acreditar que todas elas cometeram suicídio. Jim Jones riu por último.

“Puxa, que merda”, Peter disse. “Ela não mora do outro lado da rua? Você saberia se fosse algo assim, não saberia?”

“Eu não sei. Sim. Acho que saberia.”

Quando me despedi de Peter naquele dia, decidi tratá-lo como se tivéssemos nos conhecido a vida inteira. Ele fez o mesmo. E perguntou se me veria no dia seguinte. Eu disse que provavelmente sim, mas que se não desse, eu ligaria para ele. Peter sorriu. Eu sorri.

E então, no caminho para casa, tentei realmente imaginar como seria. Jasmine Blue: líder de uma seita. Não parecia plausível. Se Jasmine Blue Heffner acreditava que um forno de micro-ondas era uma bomba atômica, então fico me perguntando o que ela acharia do revelador HC-110 ou, pior ainda, do fixador fotográfico com seus 97% de hidroquinona. Aposto que ela pensaria que uma sala escura era uma câmara de gás nazista e eu era uma vítima voluntária, entrando como se fosse um chuveiro, enquanto segurava a mão de minha mãe.

Se Jasmine Blue dava imagens de si mesma nua para outros homens, como ela responderia à última pergunta de Darla?

Por que as pessoas tiram fotos?

Ou, nesse caso, por que as pessoas tiram fotos peladas? É para fixar aquele momento no tempo? O momento em que suas coxas ainda são perfeitas no sentido consumista, e seu cabelo está penteado da forma *consumista correta*, e seu corpo é igual a todos os corpos nas revistas consumistas que as pessoas compram? Qualquer um que tentasse me convencer de que Jasmine não se empanturrava internamente de consumismo, a partir de hoje não seria bem-sucedido. A mulher era puro consumismo. E ninguém naquela comunidade sabia

disso.

Richard do USS *Pledge* estava certo – talvez a comunidade, de certa forma, fosse uma seita. Jasmine controlava quando as crianças se formariam. Ela controlava quando as pessoas faziam qualquer coisa: festas de observação das estrelas, passeios, protestos locais... Mas eu não achava que ela entraria nessa onda de fim dos tempos como Jim Jones em Jonestown. Não achava que ela era capaz de matar alguém. Não achava que ela usaria técnicas de controle mental ou faria as pessoas se sentirem horríveis.

Jasmine tinha a necessidade de fazer as pessoas gostarem dela. Só isso. E quem não precisa da aprovação dos outros, não é mesmo?



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

A explosão no campo de batalha espalhará pedaços do Exército da Nova América de Nedrick por todos os lados. Braços, pernas, cabeças, mãos, ouvidos. Os túneis vão tremer. A Atiradora de Elite vai correr o mais rápido que puder para os túneis mais seguros, seu esposo logo atrás dela, até encontrarem um garoto. O garoto vai implorar para que eles parem e dirá que tem fumaça demais. Ele dirá que estão encurralados. Ele me parece familiar. Ele terá vindo de um refúgio que parece com o celeiro de Ellie.

Eles ouvirão passos vindo em seu encalço. Verão um homem com um lança-chamas, o líder do Regimento Ferret que os caçava há mais de um ano. Um homem que dirige uma caminhonete vermelha.

“Por que não vem conosco?”, dirá a Atiradora de Elite.

O homem vai considerar a proposta. Ele vai olhar para o garoto. Alguma coisa nele mudará quando vir o menino. Alguma coisa o amolecerá.

“Acabou”, ele dirá. *“Encontrei você.”*

O garoto acreditará que o homem está falando dele e correrá em sua direção. O homem disparará seu lança-chamas na direção dos três: da Atiradora de Elite, seu marido e o garoto.

Mas não terminará aí. Nada termina até o último suspiro. E quando deixá-los ali, queimados e sangrando, eles ainda estarão respirando.

EU NÃO CONSIGO VER... NADA...

ELLIE APARECEU quando me viu na cadeira de balanço lá na varanda. Eu tinha jantado com meu pai e o encarei fixamente um tempão, tentando ter alguma visão, mas não vi nada.

Ela se sentou nos degraus e apoiou-se no corrimão.

“A... *coisa*... ela sumiu. Eu não consigo ver... nada”, ela disse.

“Eu sei. Eu também não.”

“O que pretende fazer hoje à noite?”

“Nada”, eu disse, mentindo. Eu tinha planejado imprimir uns negativos.

“Deveríamos fazer algo para comemorar o sumiço do morcego, não acha?”

“Acho que tem razão.”

Entrei e avisei meu pai que iria sair. Dessa vez não tinha um pote cheio de pó. Só cerveja. Ellie me ofereceu uma.

“Não, obrigada,” eu disse.

“Está gelada. Peguei direto da geladeira do meu pai.”

Eu balancei a cabeça e ela abriu sua cerveja. Ellie não queria falar sobre as visões, sobre a guerra, sobre a *minha guerra*, como ela a chamava, porque eu tenho quase certeza de que ela não acreditava que fosse acontecer. Ela não queria falar sobre Rick porque ela sabia que eu já sabia coisas demais sobre ele.

O silêncio ficou cada vez mais desconfortável. Sem o Preto Absoluto, eu não tinha mais nada em comum com ela. Então observei o céu adquirir seus tons de pôr do sol. Não havia muitos. Alguns pores do sol são entediantes. Esse era um deles...

“Eu escrevi a história do futuro”, eu disse.

“O quê?”

“Escrevi a história do futuro”.

“Que nem Nostradamus. Ele fez isso, né?”

“Mais ou menos.”

“Talvez um dia você fique famosa.”

“Não quero ser famosa. Quero mais é que minhas visões nunca se tornem realidade.”

“Sim.”

Antes de escurecer, Ellie já tinha bebido duas cervejas, e havíamos conversado sobre todo tipo de papo-furado – memórias da nossa infância, algumas piadas ruins – e quando Ellie notou que fazia algum tempo que eu não

falava nada, ela suspirou – como se a realidade fosse um estorvo – e disse:

“Mas e aí, você achou o cara da cadeira de rodas? Ele te ajudou a escrever esse artigo?”

“Não é um artigo. É um livro. E sim. Almoçamos juntos hoje. Com Peter.”

“Peter... Que bom”.

“A coisa mais estranha é que o cara é parente do Rick. É o avô dele. Esquisito, né?”

“Eu mal posso esperar para dar o fora daqui”, Ellie falou, claramente não prestando atenção em uma palavra do que eu disse. “Posso usar seu celular para ligar para o Markus Glenn?”

Ok.. Passei meu celular para ela, e depois que ela marcou de sair com ele, eu disse boa noite e entrei em casa. Não era minha responsabilidade salvar Ellie.

Então a única pessoa que sobrou para eu lidar era o meu pai. Roy O'Brien – cujos ancestrais comiam cervos gigantes assados na fogueira –, viciado em usar o micro-ondas, motorista que ocasionalmente ouvia jazz e alguém que evitava pintar.

Não era minha responsabilidade salvá-lo. Mas eu queria tentar. Eu queria que ele visse o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos*. Também queria contar para ele sobre *A História do Futuro*. Quem sabe então ele parasse de passar tanto tempo no sofá.



DARLA DARLA DARLA

DE MANHÃ, antes de descer, peguei *A História do Futuro*. Essa era a parte que mais me assustava. Se contasse ao meu pai o que tinha visto, talvez ele achasse que eu estava enlouquecendo como aconteceu com Darla. Eu nunca tinha compartilhado com ele meu medo de me transformar em Darla, então eu não sabia se ele também escondia de mim o mesmo medo.

Mas antes que eu chegasse à sala de estar, meu pai me chamou:

“Cupcake? Pode vir aqui, por favor?”

Ele tinha duas pastas no sofá perto dele e alguns papéis em volta. Com o notebook posicionado, ele leu para mim parte da legislação da Pensilvânia sobre ocupantes ilegais.

“Então, de acordo com isso aqui, parece que temos 21 anos, certo? Mesmo se eles já tiverem uma reivindicação?”

“Foi o que eu entendi”, eu disse. “Você ainda pode entrar em contato com um advogado.”

“Bem, acho que fiz isso. Ontem.”

“Ah.”

“Temos opções”, ele continuou. “E eu falei com um cara que conheço na prefeitura.”

“A Jasmine entrou com alguma reivindicação sobre o terreno?”

“Ela não faria isso.”

“Nunca se sabe.”

“Não fará diferença de qualquer modo”, ele disse, me passando um dos papéis. “Vou entregar isso a ela mais tarde. Vou enviar uma cópia pelo correio primeiro para tornar a coisa oficial, e então vou até lá entregar essa cópia em mãos.”

“É justo”, eu concordei, enquanto lia a carta. Era a mesma que eu tinha escrito, mas no lugar da minha assinatura, havia a dele, trocando o abraço por atenciosamente. Curta e direto ao ponto. Anexada à carta, uma introdução explicava as leis de zoneamento e esclarecia que o município tinha entrado em contato com meu pai por uma série de razões. *Trailers* demais. Pessoas demais morando em uma estrutura fora das normas (o celeiro). E, aparentemente, ninguém na comunidade tinha pago imposto de renda exceto Ed, que pagou apenas por si mesmo e por Jasmine. A introdução era gentil. Quase um pedido de desculpas.

“Obrigado por me incentivar a fazer isso”, ele disse. “Fiquei parado no mesmo buraco por muito tempo e nunca quis dar um passo pra fora.” Ele olhou

para a carta de novo quando a devolvi para ele. “Como eles vão saber como é o mundo de verdade se eu der de bandeja um lugar gratuito pra eles morarem pelo resto da vida?”

Olhei para o meu pai.

“Você está tentando me dizer algo?”

Nós rimos.

“Acho que ela vai pirar”, ele disse. “Mas minhas mãos estão atadas agora. Preciso tirá-los da propriedade.”

“Então, agora podemos falar sobre pintura?”

“Acho que não.”

“Tarde demais.”

Ele olhou para mim por cima dos óculos que usava quando estava ao computador.

“Eu tenho uma tarefa pra você. Pode ser uma única obra, ou talvez seja uma série inteira”, eu disse. “Mas acho que será boa.”

“Ok”

Eu respirei fundo.

“Fornos”. Eu desenhei um no ar com as mãos – uma caixa retangular – e abri a porta imaginária. “Eu acho que você deveria pintar fornos.”

“Merda!”

“Pense nisso. Um projeto de verão. O verão acabou de começar. Você larga aquele emprego chato e pode pintar, e eu vou imprimir na sala escura. E então vou tentar entender o que eu realmente vou fazer da minha vida agora que tudo mudou.”

“Tudo mudou, é?”

Eu não podia contar a ele sobre o futuro, apesar de estar segurando *A História do Futuro* em minhas mãos.

“Acredite em mim. Tudo mudou.”



Coloquei os álbuns de volta na sala escura para um outro dia e fui ao banco. Não vou contar o que fui fazer no banco porque você ia achar que eu estava maluca. Mas o que não era maluco na minha vida? Fui ao banco. Entrei e fiz algo lá dentro. O que eu fiz me fez sorrir.

Quando cheguei em casa e voltei à sala escura, olhei para o dente de Darla, ainda repousando no balcão onde eu o havia deixado. Decidi prendê-lo no teto de novo, junto com sua mensagem. *Deixar de viver sua vida é como se matar; só demora mais tempo.*

Seria meu visgo – e toda vez que passasse embaixo dele, ele me daria boa sorte até que eu fosse forte o suficiente para ser líder da resistência. Papai foi aos correios enquanto eu imprimia quatro fotografias. Uma do Richard, o cara do USS *Pledge*. Era uma boa imagem. Ele estava com um meio sorriso e tinha uma expressão de quem estava orgulhoso por me conhecer – uma garota que sabia sobre sua guerra.

A próxima imagem que imprimi foi do botão do elevador. Ele dizia [ABRIR](#)

A terceira era de Peter olhando para mim na praça de alimentação. Seu rosto tinha um sorriso verdadeiro – como se um dia fôssemos estar juntos até que seu cabelo ficasse branco. Como se algo em mim fosse adorável. Nada de barraca armada. Nada de peitos. Peter olhava para mim como se gostasse do meu cérebro. Se era possível capturar isso em uma foto, eu capturei.

Então imprimi a minha foto usando os óculos de morcego. Era tão imponente. Eu a fixei no *A História do Futuro* e escrevi: *Glory O'Brien, Atiradora de Elite. Com raiva do Mundo.*

Olhei para os nossos álbuns – o de Darla e o meu – lado a lado, e li os títulos. *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* e *A História do Futuro*. Era isso que fotografias representavam. Elas eram a história do futuro. Elas perdurarão mais do que nós, sobreviverão para nos mostrar que mesmo se ninguém mais estiver lá, mesmo se ninguém nunca te colocar para dormir ou cantar uma canção de ninar, elas ainda estarão lá, em papel e halogeneto de prata. Estarão lá porque você pode olhar para elas e lembrar. São poderosas porque, uma vez que estão lá, mudam conforme você muda.

“Eu estou indo lá!”, meu pai gritou, descendo a escada.

“Espere!”, retruquei. Minhas impressões estavam todas no lavador, então acendi a luz e subi.

Ele parecia nervoso.

“Não fique nervoso”, eu disse. “Suas mãos estão atadas, lembra?”

Ele não respondeu e começou a atravessar a rua, indo em direção à casa de Jasmine. Me sentei na cadeira de balanço na varanda da frente e fiquei observando.

Ed Heffner foi quem abriu a porta e deu um daqueles apertos de mão que são um meio abraço. Acho que convidou meu pai para entrar, mas ele permaneceu na varanda velha e raquítica e finalmente Jasmine Blue saiu.

Papai disse algumas coisas. Foi por isso que fiquei na varanda. Queria que ele fosse capaz de dizer tudo que ansiava dizer. Jasmine falou algumas coisas. Ed tentou dizer algumas coisas, mas então Jasmine levantou a mão para que ele calasse a boca. Ed olhou para os próprios pés por um minuto enquanto meu pai e Jasmine trocavam mais algumas palavras.

Então meu pai entregou a carta para ela, despediu-se de Ed com um aceno de cabeça e desceu os degraus, voltando para a nossa casa. Assim que ele retornou para a rua, Jasmine veio atrás dele. Ela não dizia nada, mas estava andando acelerada, o envelope aberto e a carta desdobrada na mão. Na pressa, seu vestido hippie ficou preso entre as pernas. Quando meu pai atravessou a rua e chegou à varanda da frente, do meu lado, ela estava esperando um carro passar, olhando fixamente para nós.

“Você não pode fazer isso!”, ela disse.

“Eu não tenho escolha.”

“É nosso por direito!”, ela rebateu, atravessando a rua.

“Mostre para mim o recibo da última vez que pagou impostos por ele.”

“Não acreditamos em impostos. E você sabe disso.”

“Deve ser bacana.”

Ela suspirou e grunhiu em voz baixa.

“Por que está fazendo isso, Roy? Não pode deixar essa coisa toda pra lá?”

“Que coisa toda?”

“Darla!” E lá estava seu nome. Dito em voz alta. Por Jasmine Blue Heffner.

Darla. Darla. Darla. Darla.

“Ela era minha esposa. Por que exatamente deveria deixá-la pra lá? Essa é a casa dela. Glory é filha dela.” Ele bateu no braço da cadeira de balanço. “*Essa era a porra da cadeira de balanço dela.* E aquele” – ele apontou para a comunidade de Jasmine – “é o terreno dela!”

“E você vai roubá-lo de nós.”

“Não posso roubar algo que já é meu. De qualquer modo, você leu a carta? Não sou só eu. É o município também. Será que não pode simplesmente ficar feliz por ter tido uma vida mansa por tanto tempo?”

“Você sempre foi um imbecil gordo e ganancioso mesmo.”

Eu acho que meu pai ficou tão chocado com essa reação quanto eu. Ou talvez não estivéssemos tão surpresos assim. Talvez ambos soubéssemos que Jasmine era uma idiota egoísta que achava que advogados, municípios e coletores de impostos estavam todos abaixo dela. E a gente também.

“Claro que fui”, ele disse. “Por isso que você me mandou todas aquelas belas fotos, não é? Porque eu era um imbecil gordo e ganancioso?”

“Meu advogado entrará em contato com você”, foi a resposta dela.

“Se quiser fazer isso do jeito difícil, eu vou lá pegar uma cópia da papelada de quando você comprou o terreno da gente. Ah, pena que ela não existe. Que chato.”

Eu ri disso. Foi mais uma risadinha. Jasmine ficou lá parada e nos olhou fixamente. Então olhou para mim.

“Você é tão desequilibrada quanto sua mãe.”

Eu sorri.

“Obrigada.”



Durante o jantar, percebi que meu pai não estava se sentindo bem. Eu disse:

“Não consigo acreditar que ela tenha sido tão mesquinha.”

“Espero que não leve as coisas que ela disse sobre a mamãe pro lado pessoal. Jasmine é uma idiota egoísta, e ela sempre foi uma idiota egoísta”.

Eu queria dizer algo sobre tal mãe, tal filha, mas não disse. Em vez disso, apenas comi e pensei em Ellie e no que vi na última transmissão de Ed Heffner.

Ellie e os patos.

Ellie entrando no carro.

Ellie indo embora. Para sempre.

E perdi meu apetite.



TIPO, HOJE

NO DIA SEGUINTE, ao meio-dia, Ellie veio e me contou que estavam de mudança.

“Tipo, hoje”, ela disse. “Eles ficaram arrumando as malas a noite inteira. Não me disseram o motivo, mas Rick me contou que foi porque seu pai está retomando a posse do terreno.”

“O município enviou notificações para nós. As mãos dele estavam atadas.”

“Então foi ele?”

“Foi mais o município mesmo. Para onde vocês estão indo? É longe?”

“Eu não sei.”

“Você não sabe?”

“Outra comunidade, eu acho. Estamos levando tudo. Menos as galinhas.” Então ela começou a chorar.

Eu fui até ela, dei um abraço, ela sujou meu ouvido de ranho mas eu não me importei. Uma semana atrás, ela estava tratando seu chato no meu celeiro, bebemos um morcego, vimos Deus, *éramos* Deus... Agora *éramos* meras mortais – influenciadas pelas decisões que nossos pais faziam.

“Você cuidará das minhas aves para mim? Tenho ração suficiente para alguns meses. Talvez você possa vender os patos de volta para o lugar onde os comprei. As galinhas são boas para ter ovos frescos.” Ellie balbuciou mais algumas coisas sobre galinhas e patos. Eu não ouvi tudo que ela falou porque estava tentando bloquear uma sensação de culpa profunda.

“Claro. É claro que cuidarei deles.”

“Eu disse aos meus pais que não queria ir. Mal posso esperar para ficar longe de todos eles.”

Meu pai, que deve ter ouvido essa conversa lá da cozinha, se aproximou e sugeriu:

“Por que vocês duas não vão dar uma volta de carro?”

“Uma volta de carro?”, eu perguntei. Eu ia finalmente me livrar da Ellie e meu pai queria que eu fosse dar *um passeio*?

Meu pai deu de ombros.

“Talvez você e Ellie precisem de uma noite para se divertir em algum lugar. Que tal o litoral? Suas mães adoravam ir para a praia juntas.”

“O litoral?”, Ellie perguntou. “Estamos de mudança. Acabei de falar.”

Ele assentiu com a cabeça.

“Mas você tem opções, certo?”

Ellie e eu nos entreolhamos.

“Eu não sei”, ela disse.

“Quer tentar?”

Quinze minutos mais tarde, estávamos dirigindo pela autoestrada. Eu me sentia livre. Livre da escola. Livre de arrependimentos. Livre de Darla. Até mesmo livre da Ellie, embora ela estivesse no meu carro. Olhei para ela, preocupada e nervosa no assento de passageiro, e percebi que ela não estava livre de nada – especialmente de Jasmine Blue.

“Você tem certeza de que quer fazer isso?”, perguntei.

“Para onde vamos?”

“Para onde quisermos. Que tal a praia, como meu pai sugeriu? Fica a apenas três horas de distância. Talvez pudéssemos colocar os pés no mar e voltar. Só por diversão.”

“A praia parece legal.”

Parecia. Parecia mesmo.

“Você pode contar ao Markus Glenn o que aconteceu?”, ela perguntou. “Quando encontrar com ele? Contar que nos mudamos para longe?” Então, ela começou a chorar.

“Claro.”

“Mas não conte a ele que eu chorei. Ele vai achar que sou uma garota emotiva.”

“E daí? O que tem de errado em ser uma garota emotiva?”

“Garotos odeiam isso.”

“Quem disse?”

“Hum. Todos os garotos.”

Eu ri.

“Eles não sabem de nada.”

“Talvez.”

“E, de qualquer modo, quem se importa com o que os garotos gostam? Eles não fazem coisas só porque a gente gosta, não é?”

“Claro”, ela concordou.

Uma hora depois, estacionamos para ir ao banheiro, na parada de descanso da fronteira com Nova Jersey. Quando saí do banheiro, vi Ellie em pé ali parecendo... triste? Perdida?

Fomos de volta para o carro e ficou claro que algo estava errado.

“E se eu nunca mais vê-los novamente?”, ela perguntou.

“Eu não sei.”

“E se eles simplesmente se mudarem e me deixarem para trás?”

“Você sempre me disse que queria escapar de lá assim que possível.” Eu não queria que ela se sentisse mal. Mas eu não queria que esquecesse todas as vezes que ela disse que queria sair de lá. “Mas não acho que eles simplesmente te deixariam para trás, Ellie.”

“Eu sei. Mas é que... hã...”

“Você quer que eu dê meia-volta?”

“Sim”, ela disse e começou a chorar novamente.

Depois de alguns minutos de choro dela, eu disse:

“Você pode partir quando quiser. E você fará isso, certo? Nós vimos.”

Ela só balançou a cabeça assentindo e continuou a chorar em um lenço agora já encharcado.

“Você vai ter uma vida legal. Filhos. Dois netos, lembra?” Eu peguei a próxima saída, virei e voltei sentido oeste. Eu não me importava. Tinha muita coisa para fazer em casa – como comprar um fogão, imprimir fotografias e seguir adiante com minha vida, porque eu não era a Darla.

“Posso usar seu telefone?” Ela ligou para casa e quando Jasmine finalmente atendeu na terceira tentativa, ela não tinha nem notado que Ellie tinha saído, com toda a confusão de mudanças na comunidade. A maior parte das coisas já estava a caminho. “Estarei em casa em cerca de... uma hora?”

Eu não escutei o que a Jasmine disse, mas fez Ellie responder assim, nessa ordem:

“Estou a uma hora de distância. Eu não consigo estar aí em dez minutos... Não posso te contar... Sim. Estou com Markus... Não. É claro que não... Uma hora... Está bem. Esperarei o papai então.”

Ela desligou.

“Pelo visto, hoje é nosso último dia”, ela disse. “Foi legal ser sua melhor amiga.”

“Idem.”

“Desculpe por todas as merdas e esquisitices que devo ter jogado pra cima de você.”

“Não esquentar.”

“Sério. Falei pra você que seu micro-ondas era uma bomba atômica.”

“Bem, ele é, de certo modo.”

“Glory, seu forno de micro-ondas não é uma bomba atômica.”

“Tudo bem. Desculpas aceitas.”

“É uma confusão. Tudo isso.”

“É.”

Eu não sabia do que ela estava falando. Não sabia o que ela achava confuso. O que é confuso quando você bebe um morcego? O que é confuso quando se enxerga a história do futuro? O que é confuso quando sua melhor amiga é um membro acidental de uma pseudosseita? Uma mãe morta? Um livro?

O morcego tinha uma mensagem. Ele estava morto. Ele tinha uma mensagem do outro lado. A mensagem era: *Liberte-se. Tenha coragem*. O que quer que isso significasse para cada uma de nós, significava *algo*.



ENFIM...

VOLTAMOS PARA casa em menos de duas horas e a comunidade estava vazia. Os *trailers* tinham desaparecido. As portas do celeiro estavam abertas, arejando uns 15 anos de condições sanitárias precárias de vida. Só restaram as galinhas e os patos. Ellie foi passar um tempo com eles depois que descobriu que seu quarto na casa já estava vazio.

Papai me disse que Jasmine tinha aparecido e exigido fazer uma busca em nossa casa atrás de Ellie. Ele me disse que, enquanto Jasmine estava vasculhando lá em cima, ele foi até o quarto escuro e pegou o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos* e abriu o livro na página das imagens antigas dela “lá dos anos 90”, e deixou-o na mesa de jantar para que Jasmine pudesse ver no caminho da saída.

“Você sabia sobre o *Por Que As Pessoas Tiram Fotos?*”, eu perguntei. Ele assentiu.

Ele disse que Jasmine ficou branca quando viu as imagens. Ed estava esperando na varanda da frente, então ela não podia dizer nada. Ela não podia fazer nada. Tudo que ela podia fazer era imaginar o que faríamos com as imagens agora. Eis o que faríamos com elas agora: *nada*.

Enfim...

Eu não sabia como me sentir a respeito de tudo aquilo. Estava aliviada por me livrar de Jasmine. Estava feliz por ter o terreno de volta. Estava feliz por poder manter as galinhas e os patos de Ellie. Ou nossas galinhas e nossos patos. Ou de quem quer que fossem as aves agora. Mas eu estava triste por perder Ellie. Depois de anos tentando me livrar dela, estava triste porque ela ia embora. Isso não era um *enfim*. Era algo, mas não era um *enfim*.

Subi para trocar de roupa e coloquei uma bermuda. O verão estava chegando – rapidamente. Quando desci, encontrei meu pai na varanda da frente observando Ellie. Ela estava abraçando seus patos. Um por um, ela pegava os patos-corredores e os abraçava.

Eu atravessasse a rua correndo e a abracei.

“Você vai ficar bem”, eu disse.

“Nunca estarei bem”, ela respondeu.

Eu puxei o cheque ao portador do meu bolso e entreguei para ela. Estava dobrado em dois. Ela abriu.

“Dez mil dólares?”

“Não conte a ninguém. Ninguém.”

“Onde conseguiu isso? Eu não posso aceitar.”

“Você *precisa* aceitar. É um presente. Não importa onde eu consegui isso. É meu. Tem mais. Não se preocupe.”

Ela olhou para o cheque. Olhou para os patos. Olhou para mim.

“É seu jeito de escapar”, eu disse.

Ela tentou devolvê-lo para mim e eu levantei as mãos para impedi-la.

“Você sempre disse que queria fugir.”

“Mas... eu... eu não sei como.”

“Ligue para mim quando chegar aonde estiver indo e posso te ajudar a decidir. Talvez possamos nos encontrar no oeste como você sempre quis. Certo? Isso não seria legal? Só não conte a ninguém. É um cheque ao portador. É como dinheiro. Eu não quero que tomem isso de você.”

“Eu... hã...”

Ela colocou o cheque no bolso da saia. E o apalpou para garantir que estava lá. Eu fiz isso também. Então nós nos abraçamos e atravessei de volta porque ouvi um carro chegando. Em seguida, lá estava a cena, exatamente como a visão tinha me mostrado. Ellie em pé bem no meio do terreno da comunidade, sozinha, chorando, cercada por seus patos. O carro encostou, ela entrou e eles saíram... Ela não olhou para trás.

Meu coração se partiu enquanto eu observava. Partiu porque eu sabia que as visões eram verdadeiras.

Partiu porque eu sabia o que estava por vir. Para Ellie. Para mim. Para o mundo.



“Precisamos comprar um fogão de verdade”, eu disse ao meu pai. “Não podemos continuar comendo essa porcaria aquecida no micro-ondas”.

Ele olhou para mim por cima de seus óculos.

“Elétrico”, eu completei.

Ele assentiu.

“Você está bem?”, perguntei.

“Você ficará feliz de saber que eu comprei telas ontem à noite.”

Eu sorri.

“Vou pintar os fornos. Até consigo visualizá-los”. Ele bateu com o dedo na cabeça. “Consigno vê-los aqui dentro.”

Estaremos cercados de fornos. Teremos um banquete depois de anos de fome. Fornos serão nossa saída. Ele pintará. Eu cozinharei. E teremos um futuro.



Liguei para Peter aquela noite, sentada na cadeira de balanço de Darla na varanda da frente. Eu não flertei. Só disse que queria conversar mais sobre psicologia. Contei que estava interessada em cursar faculdade.

“Você vai ao shopping amanhã?”, ele perguntou. “Podemos conversar sobre isso durante o almoço.”

“Que tal migrar seu experimento para a Rua Principal? Muita gente pra lá e pra cá”, eu sugeri. “Metade dos restaurantes tem mesas do lado de fora

também. Poderíamos sentar lá o dia todo e ficar sorrindo para as pessoas.”

“Verdade”, ele concordou. “Te vejo lá. Meio-dia. Naquele pub irlandês.”

Quando desliguei, meu trem – o que estava acelerando pelos trilhos há uma semana – diminuiu a velocidade e parou graciosamente. Ninguém no vagão de passageiros foi sacudido. Nenhuma comida foi derrubada no vagão-restaurant. As pessoas dormindo nos vagões-leitos não foram incomodadas de forma alguma.

Ele simplesmente parou. E eu descii. Era o início da história do futuro e o fim do Preto Absoluto.

E eu sobreviveria.



A HISTÓRIA DO FUTURO DE GLORY O'BRIEN

Haverá espaçonaves. Haverá cura para todas as doenças, inclusive o ódio. Deixaremos nossas mágoas para trás. Perceberemos, conforme a população da galáxia chega à centena de trilhões, que não somos especiais. Perceberemos que todos nós estamos aqui para fazer algo. Nossa tarefa é descobrir o quê. E seremos todos iguais – encanadores, presidentes, estrelas de cinema e pessoas que cavam valas – e ninguém desejará ficar parado e jogar o tempo fora. Porque a vida será curta de novo.

O palíndromo cósmico nos reduzirá a idosos de 50 anos. Criaturas com o tempo de vida de animais de estimação na Terra do século XXI – cada momento será precioso.

Ainda assim, seremos mundanos.

Ainda assim, não seremos ninguém especial.

Não será sobre quem achamos que somos. Será sobre o que fazemos.

Eu realizarei grandes feitos.

Você realizará grandes feitos.

A maioria das pessoas não é capaz de lidar com isso.

Você consegue?

Agradecimentos

Escrever livros é uma atividade solitária. Colocar o livro nas mãos de um leitor certamente *não* é. Obrigada ao meu agente, Michael Bourret; minha editora, Andrea Spooner, e Deirdre Jones, Victoria Stapleton e toda a equipe na LBYR.

Bibliotecários, professores, vendedores de livros e blogueiros, não há palavras suficientes para agradecer seu apoio. Sem vocês, onde eu estaria? Não seria aqui, isso eu te digo. Não aqui. Se eu pudesse mandar para todos vocês um rebanho de bodes ou uma torta feita em casa pelo que fizeram, eu mandaria. Por agora, aceitem minha gratidão e um abraço na próxima vez que nos encontrarmos. A menos que você não goste de abraços. Então eu irei acenar, oferecer um aperto de mão ou um *high-five*.

Andrew Smith me manteve sã enquanto eu escrevia e editava esse livro. Que fique registrado que ele não só é um gênio de escritor como também um grande amigo e muito bom em golfe. Além disso, obrigada aos estudantes da Bryan High School em Omaha, que ouviram as primeiras páginas em dezembro de 2011 e me disseram para terminá-lo para que pudessem descobrir o resto da história. Vocês me ensinaram muito naquela semana. Vocês sabem do que estou falando. Continuem verdadeiros. É a única forma de superar essa merda toda.

Percebi que neste livro usei uma palavra com F, de nove letras, que alguns de vocês talvez não gostem. (Dica: termina com *eminista*). Eu gostaria de agradecer aos meus pais por me criarem com essa palavra começada por F e por não cederem à besteira cor-de-rosa e consumista que foi empurrada para cima deles de todas as direções enquanto educavam suas três filhas. Fiquem orgulhosos, Sarigs. Vocês são a história do nosso futuro. Para Topher e minhas garotas, que aguentaram a vida dessa autora: Amo vocês. Eu não conseguiria fazer isso sem o apoio e a compreensão de vocês. Obrigada. Eu não consigo pensar em três outras pessoas melhores para formar, brilhar e queimar. Kabum.

Copyright © 2014 A.S. King

Copyright © 2017 Editora Gutenberg

Título original: *Glory O'Brien's History of the Future*

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação do autor ou são usados de maneira ficcional. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

EDITORA *Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Silvia Tocci Masini*

REVISÃO

Andresa Vidal Vilchenski

Carol Christo

Nilce Xavier

REVISÃO FINAL

Mariana Paixão

CAPA *Carol Oliveira (sobre a imagem de Anna Ismagilova [Shutterstock])*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

King, A. S.

A história do futuro de Glory O'Brien / A. S. King ; tradução Eric Novello. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2017.

Título original: *Glory O'Brien's History of the Future*.

ISBN 978-85-8235-434-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-00878 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA
São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420, Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

"A.S. King é uma das melhores escritoras
de livros para jovens da atualidade."

John Green



OS DOIS
MUNDOS
DE
ASTRID
JONES
(ASK THE PASSENGERS)

A.S. KING

Vencedor do
LOS ANGELES TIMES
BOOK PRIZE

 GUTENBERG

Os dois mundos de Astrid Jones

King, A. S.

9788582352700

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O movimento é impossível." É o que Astrid Jones, 17 anos, aprendeu na sua aula de filosofia. E, vivendo na pequena cidade em que mora, ela começa a acreditar que isso é mesmo verdade. São sempre as mesmas pessoas, as mesmas focas, a mesma visão de mundo limitada, como se estivessem todos presos em uma caverna, nunca enxergando nada além.

Nesse ambiente, ela não tem com quem desabafar suas angústias, e por isso deita-se em seu jardim, olha os aviões no céu, e expõe suas dúvidas mais secretas aos passageiros, já que eles nunca irão julgá-la. Em seu conflito solitário, ela se vê dividida entre dois mundos: um em que é livre para ser quem é de verdade e dar vazão ao que vai em seu íntimo, e outro em que precisa se encaixar desconfortavelmente em convenções sociais.

Em um retrato original de uma garota que luta para se libertar de definições ultrapassadas, este livro leva os leitores a questionarem tudo e oferece esperança para aqueles que nunca deixarão de buscar o significado do amor verdadeiro.

[Compre agora e leia](#)

Amélia

AGENTE

Vacas
Zumbis!



GUTENBERG

MICHAEL BROAD

Agente Amélia
Broad, Michael
9788582352649
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Três histórias cheias de mistério - e diversão - sobre eu mesma, Agente Amélia, e sobre como salvo o mundo todos os dias, sozinha! Beijos, Amélia"

Este é o segundo volume de uma série empolgante, indicada para crianças e jovens leitores. Com disfarces criativos, a garota Amélia desvenda os mais complicados mistérios de sua escola e de seu bairro, e agora até quando está de férias, evitando que "terríveis vilões dominem o mundo". Nesta obra, Amélia Kidd desvenda três casos: o das Vacas Zumbis, na fazenda em que ficou hospedada nas férias; o da Flauta Peralta, na escola; e o dos Bolinhos do mal, na padaria de seu bairro. A série, que também conta com Agente Amélia - O Diamante Fantasma! explora de maneira divertida a vida de uma criança imaginativa e inteligente e instiga a curiosidade dos jovens leitores.

[Compre agora e leia](#)

JERRY SPINELLI

TRADUÇÃO: ERIC NOVELLO

A EXTRAORDINÁRIA
GAROTA
CHAMADA
ESTRELA
(STARGIRL)



 GUTENBERG

A extraordinária garota chamada Estrela

Spinelli, Jerry

9788582351437

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

A garota chamada Estrela. Ela é tão mágica quanto o céu do deserto. É tão estranha quanto seu rato de estimação. É tão misteriosa quanto seu próprio nome. Com um simples sorriso, ela cativa totalmente o coração de Leo Borlock. Com sua alegria, ela incendeia uma revolução por liberdade e autenticidade no espírito de sua escola.

No começo, os colegas encantam-se com ela por tudo o que a faz ser diferente. Mas isso começa a mudar, e Leo, apaixonado e apreensivo, percebe que a única coisa que pode salvá-la das críticas é a mesma que pode destruí-la: ser alguém comum.

Nesta celebração do inconformismo, o premiado Jerry Spinelli tece um conto tenso e comovente sobre os percalços da necessidade de ser popular e da emoção e inspiração do primeiro amor.

[Compre agora e leia](#)

Soman Chainani

Best-seller do The New York Times



"Um passeio emocionante e perigoso pelos contos de fadas. Eu amei este livro."

R. L. STINE Autor de série best-seller Goosebumps

GUTENBERG

A Escola do Bem e do Mal

Chainani, Soman

9788582351666

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

No povoado de Gavaldon, a cada quatro anos, dois adolescentes somem misteriosamente há mais de dois séculos. Os pais trancam e protegem seus filhos, apavorados com o possível sequestro, que acontece segundo uma antiga lenda: os jovens desaparecidos são levados para a Escola do Bem e do Mal, onde estudam para se tornar os heróis e os vilões das histórias.

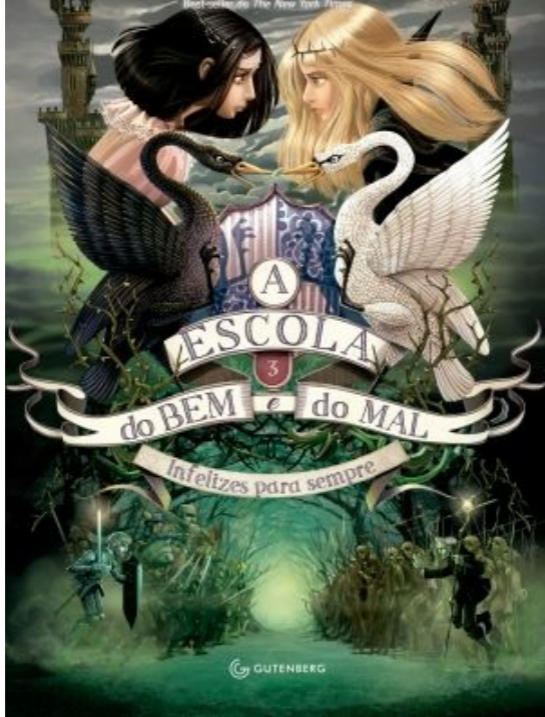
Sophie torce para ser uma das escolhidas e admitida na Escola do Bem. Com seu vestido cor-de-rosa e sapatos de cristal, ela sonha em se tornar uma princesa. Sua melhor amiga, Agatha, porém, não se conforma como uma cidade inteira pode acreditar em tanta baboseira. Ela é o oposto da amiga, que, mesmo assim, é a única que a entende. O destino, no entanto, prega uma peça nas duas, que iniciam uma aventura que dará pistas sobre quem elas realmente são.

Este best-seller é o primeiro livro de uma trilogia que mostra uma jornada épica em um mundo novo e deslumbrante, no qual a única saída para fugir das lendas sobre contos de fadas e histórias encantadas é viver intensamente uma delas.

[Compre agora e leia](#)

Soman Chainani

Best-seller do The New York Times



GUTENBERG

A Escola do Bem e do Mal – Vol. 3

Chainani, Soman

9788582353912

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sophie e Agatha estão lutando contra o passado para conseguir mudar o futuro, em busca de um final perfeito para seu conto de fadas. Elas acreditavam que sua história havia chegado ao FIM no minuto em que se separaram, quando Agatha foi levada de volta para Gavaldon com Tedros, e Sophie ficou para trás com o lindo e renascido Diretor da Escola. Mas nada no mundo dos contos de fadas é tão simples.

Agora inimigas, elas tentam se acostumar com suas novas vidas, mas a história das duas pede para ser reescrita... E isso pode afetar quem elas menos imaginam. Com as garotas separadas, o Mal assume o poder e os vilões do passado ressurgem das trevas em busca de vingança, sedentos por uma segunda chance de transformar o mundo do Bem e do Mal em um reino de escuridão, com Sophie como a rainha.

Agora, apenas Agatha e Tedros podem apelar ao poder da amizade e do amor do Bem para impedir a dominação do Mal e evitar que todos sejam infelizes para sempre. Mas... qual é a linha tênue que separa o Bem e o Mal?

[Compre agora e leia](#)